

**FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

**A SEPARAÇÃO PSICOLÓGICA  
DAS FIGURAS PARENTAIS NOS ÚLTIMOS ANOS DA  
ADOLESCÊNCIA**

**ANA-BELA DE JESUS ROLDÃO CAETANO**

**Coimbra, 2009**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

**A SEPARAÇÃO PSICOLÓGICA  
DAS FIGURAS PARENTAIS NOS ÚLTIMOS ANOS DA  
ADOLESCÊNCIA**

Dissertação de Mestrado em Psicologia, área de Especialização em Psicologia Pedagógica, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Coimbra.

Sob a orientação da Professora Doutora Maria da Conceição Taborda Simões.

**ANA-BELA DE JESUS ROLDÃO CAETANO**

**Coimbra, 2009**

Aos meus filhos Carolina, Joana e Francisco  
À memória do meu pai

## **AGRADECIMENTOS**

Ao apresentarmos este trabalho, não queremos deixar de expressar uma palavra de agradecimento a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para o tornar possível.

Aos estudantes que participaram no estudo partilhando connosco momentos das suas vidas.

À Senhora Professora Doutora Professora Doutora Maria da Conceição Taborda Simões pela orientação, amizade e disponibilidade proporcionados na elaboração desta dissertação.

Às minhas colegas e amigas Isabel e Júlia pelas sugestões, amizade, apoio, incentivo e permanente disponibilidade ao longo desta caminhada.

À minha família pelo estímulo que sempre me soube dar.

A todos aqueles que directa ou indirectamente contribuíram para o terminus desta dura etapa.

A todos o meu sincero

**MUITO OBRIGADO!**

## *Índice*

Introdução .....	14
<b>PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo I – Adolescência .....</b>	<b>20</b>
1.1. – A adolescência como período de desenvolvimento.....	24
1.2. – A adolescência como processo de separação-individualização.....	35
1.3. - A fase final da adolescência .....	37
<b>Capítulo II - Interações familiares e as suas influências no desenvolvimento do adolescente.....</b>	<b>39</b>
2.1. - Adolescência e alterações familiares.....	41
2.2. - Modelos de educação parental/relação pais-filhos.....	44
2.3. - Estilos educativos parentais .....	46
<b>Capítulo III - Separação psicológica das figuras parentais .....</b>	<b>52</b>
<b>PARTE II – ESTUDO EMPIRICO: CONTRIBUIÇÃO PESSOAL.....</b>	<b>59</b>
<b>Capítulo IV – Metodologia da investigação .....</b>	<b>60</b>
4.1. – Problema.....	62
4.2. – Tipo de estudo .....	64
4.3. – Objectivos.....	64
4.4. – Hipóteses .....	65
4.5. – Variáveis.....	65

4.6. – Instrumento de recolha de dados .....	75
4.7. – População e amostra .....	77
4.8. - Tratamento estatístico .....	78
4.9. - Procedimentos éticos e formais.....	79
<b>Capítulo V - Análise e apresentação dos dados .....</b>	<b>81</b>
<b>Capítulo VI - Discussão dos resultados .....</b>	<b>89</b>
Conclusão .....	99
Bibliografia .....	105
Anexos .....	116
Anexo I. – Instrumento de recolha de dados .....	117
Anexo II. – Pedido de autorização à Escola Superior de Enfermagem de Coimbra....	122

## Índice de Quadros

Quadro 1	- Sequência do desenvolvimento de Coleman .....	24
Quadro 2	- Modelo hipotético em <i>circumplex</i> do comportamento maternal .....	48
Quadro 3	- Estilos educativos parentais.....	73
Quadro 4	- Coeficiente alpha de Cronbach para a escala de separação psicológica das figuras parentais (PSI).....	77
Quadro 5	- Coeficiente alpha de Cronbach para a escala de estilos educativos parentais.....	77
Quadro 6	- Resultados do teste de normalidade .....	79
Quadro 7	- Distribuição dos adolescentes segundo as características sócio-demográficas.....	82
Quadro 8	- Distribuição dos adolescentes segundo a profissão dos pais.....	83
Quadro 9	- Medidas descritivas observadas para a escala de separação psicológica das figuras parentais (PSI).....	84
Quadro 10	- Distribuição dos adolescentes segundo os estilos educativos .....	84
Quadro 11	- Comparação da separação psicológica das figuras parentais em função do género do adolescente.....	85
Quadro 12	- Comparação da separação psicológica das figuras parentais em função da proveniência do adolescente .....	86
Quadro 13	- Comparação da separação psicológica das figuras parentais em função do adolescente ter, ou não, irmãos .....	87
Quadro 14	- Comparação da separação psicológica das figuras parentais em função da posição que o adolescente ocupa na fratria.....	87
Quadro 15	- Comparação da separação psicológica das figuras parentais em função dos estilos educativos.....	88

## *Resumo*

A separação psicológica das figuras parentais constitui uma das tarefas fundamentais da adolescência e corresponde à aquisição de uma maior independência em relação aos pais (Dias & Fontaine, 2001).

Neste trabalho pretende-se averiguar se o nível de separação psicológica face às figuras parentais nos últimos anos da adolescência se encontra relacionado, por um lado, com a percepção que os filhos têm dos estilos educativos dos pais e, por outro lado, com determinadas variáveis sócio-demográficas, nomeadamente a idade, o género, a proveniência e o lugar ocupado na fratria.

Participaram neste estudo 190 estudantes do 1º ano do curso de enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Os dados referentes à separação psicológica das figuras parentais foram recolhidos através do Questionário “Psychological Separation Inventory” (1984), adaptado para a população universitária portuguesa por Almeida, Dias e Fontaine (1996). Para avaliar a percepção dos estudantes em relação aos estilos educativos das figuras parentais foi utilizada a versão reduzida da “Escala de Estilos Educativos Parentais” (versão para filhos), elaborada por Oliveira (1994).

No que diz respeito aos estilos educativos, os resultados indicam que o estilo educativo mais percebido pelos sujeitos foi o indulgente/permissivo. Os sujeitos que perceberam o estilo democrático como dominante para o pai apresentam um nível de independência conflitual mais alto por comparação com aqueles que perceberam os outros dois estilos (indulgente/permissivo e negligente). Para os adolescentes que percebem a figura materna com estilo autoritário, observamos que estes são mais independentes nas dimensões ideológica, emocional e funcional que os adolescentes dos outros dois estilos (indulgente/permissivo e democrático), facto que também se verifica para a figura paterna.

Também verificámos que as adolescentes são mais independentes com a mãe a nível conflitual relativamente aos adolescentes e menos independentes nas dimensões ideológica, emocional e funcional. Quanto ao pai e nas dimensões conflitual e ideológica, não se verificam diferenças entre os dois sexos, embora nas dimensões emocional e funcional constatámos que os adolescentes são mais independentes que as adolescentes. Quanto à

proveniência do adolescente e a separação psicológica das figuras parentais verificámos que os adolescentes provenientes de meio rural são mais independentes relativamente à dimensão conflitual que os de meio urbano, contrariamente ao que se constata na dimensão funcional em que os adolescentes de meio urbano são mais independentes que os de meio rural.

Os resultados mostram que a separação psicológica das figuras parentais nos últimos anos da adolescência (17/18 anos) está relacionada com o género, com a proveniência e com a percepção que o adolescente tem dos estilos educativos dos pais, não se verificando relação entre a separação psicológica das figuras parentais e o facto do adolescente ter ou não irmãos e o lugar ocupado por este na fratria.

## *Abstract*

The psychological separation from parental figures is considered a major task of adolescence and corresponds to the acquisition of more independence from the parents.

This study aimed to analyse the relationships between the levels of psychological separation from the parents in late adolescence and, on the one hand, children's perceptions of their parents' parenting styles and, on the other hand, certain socio-demographic variables, in particular age, gender, birthplace and sibling position.

The participants consisted of 190 1st-year nursing degree students of the Nursing School of Coimbra. Data concerning the psychological separation from parental figures were collected using the Psychological Separation Inventory (1984) adapted to the Portuguese university population by Almeida, Dias and Fontaine (1996). In order to assess students' perceptions of their parents' parenting styles, the short version of the Parenting Styles Scale (children's version) developed by Oliveira (1994) was used.

As to parenting styles, the results indicate that the most frequently perceived parenting style by the students was the indulgent/permissive style. As to the father's parenting style, those who perceived the democratic style as dominant have a higher level of conflictual independence than those who perceived the other two styles (indulgent/permissive and neglectful). As to the adolescents who perceived their mothers as having an authoritarian style, we observed that they are more independent in the ideological, emotional and functional dimensions than adolescents from the other two styles (indulgent/permissive and democratic), a fact which also applies to the father figure.

Moreover, we observed that female adolescents are more conflictually independent from their mothers than male adolescents and less independent in the ideological, emotional and functional dimensions. As to the father and in the conflictual and ideological dimensions, there are no gender differences, although we observed that male adolescents are more independent than female adolescents in the emotional and functional dimensions. As to the adolescents' birthplace and psychological separation from the parental figures, we observed that adolescents from rural areas are more independent in the conflictual dimension than those

from urban areas. However, adolescents from urban areas are more independent than those from rural areas in the functional dimension.

The results show that the psychological separation from parental figures in late adolescence (17/18 years) is related to gender, birthplace and adolescents' perception of their parents' parenting styles. However, no relationship was found between the psychological separation from parental figures and the existence of other siblings or the sibling position.

## Résumé

La séparation psychologique des figures parentales constitue une des tâches fondamentales de l'adolescence et correspond à l'acquisition d'une plus grande indépendance concernant les parents (Dias & Fontaine, 2001).

Dans ce travail il se prétend enquêter si le niveau de séparation psychologique face aux figures parentales pendant les dernières années de l'adolescence se trouve rapporté, d'une part, avec la perception que les fils ont des styles éducatifs des parents et, d'autre part, avec de certaines variables sociodémographiques, notamment l'âge, le genre, la provenance et la place occupée dans la fratrie.

Ont participé dans cette étude 190 étudiants de la 1<sup>ère</sup> année du cours de métier d'infirmier de l'École Supérieure de Métier d'infirmier de Coimbra. Les données afférentes à la séparation psychologique des figures parentales ont été rassemblées à travers le Questionnaire « *Psychological Separation Inventory* » (1984), adapté pour la population universitaire portugaise par Almeida, Dias et Fontaine (1996). Pour évaluer la perception des étudiants concernant les styles éducatifs des figures parentales a été utilisée la version restreinte de l' « Échelle de Styles Éducatifs Parentales » (version pour fils), élaborée par Oliveira (1994).

En ce qui concerne les styles éducatifs, les résultats indiquent que le style éducatif plus perceptionné par les sujets a été indulgente/laxiste. Les sujets que entendent le style démocratique comme dominant pour le père présentent un niveau d'indépendance conflictuelle plus haut par comparaison avec lesquelles qui ont perceptionné les autres deux styles (indulgente/laxiste et négligent). Pour les adolescents que perceptionnent la figure maternelle avec style autoritaire, nous observons que ceux-ci sont plus indépendants dans les dimensions idéologique, émotionnel et fonctionnel que les adolescents des autres deux styles (indulgente/laxiste et démocratique), fait qui aussi se vérifie pour la figure paternelle.

Nous avons aussi vérifié que las adolescentes sont plus indépendantes avec la mère à niveau conflictuel à l'égard des adolescents et moins indépendantes dans les dimensions idéologique, émotionnel et fonctionnel. En ce qui concerne le père et dans les dimensions conflictuel et idéologique, ne se vérifient pas des différences entre les deux genres, bien que

dans les dimensions émotionnel et fonctionnel nous avons constaté que les adolescents sont plus indépendants que les adolescentes. En ce qui concerne la provenance de l'adolescent et à la séparation psychologique des figures parentales nous avons vérifié que les adolescents provenant de milieu agricole sont plus indépendants dans la dimension conflictuelle que de milieu urbain, contrairement à ce qui se constate dans la dimension fonctionnelle où les adolescents de milieu urbain sont plus indépendants qu'à milieu agricole.

Les résultats montrent que la séparation psychologique des figures parentales pendant les dernières années de l'adolescence (17/18 années) est rapportée avec le genre, avec la provenance et avec la perception que l'adolescent a des styles éducatifs des parents, non si en vérifiant pas relation entre la séparation psychologique des figures parentales et le fait de l'adolescent avoir ou non des frères et la place occupée par lui dans la fratrie.

# **INTRODUÇÃO**

A adolescência tem sido objecto de numerosos estudos. Em geral, esta etapa da vida é caracterizada por profundas mudanças bem como tarefas psicológicas complexas a realizar nos planos intelectual, emocional e social. Segundo Sampaio (1993, p. 231), “a adolescência é habitualmente conceptualizada como uma etapa do desenvolvimento, iniciada pelas transformações biológicas da puberdade e terminada pela formação de uma identidade e de um sistema de valores que prenunciam a entrada na idade adulta”. Contudo, como refere Cordeiro (1979), as mudanças fisiológicas, e também as psicológicas, produzem-se a ritmos diferentes, podendo existir diferentes níveis de desenvolvimento num grupo de adolescentes da mesma idade. Blos (1985), numa perspectiva intrapsíquica e acentuando o carácter desenvolvimental do processo adolescente, concebeu a adolescência como um segundo processo de individualização, tido como um processo de recapitulação da primeira infância.

Note-se que o processo de separação-individualização, tarefa de desenvolvimento da adolescência, está ligado ao desenvolvimento do ego e é visto como uma tentativa de transcender as representações infantis impostas pelos pais, levando à reformulação do *self* e à aquisição do sentido de identidade. Para tal, é necessário que o adolescente quebre os laços com as figuras parentais e se desligue física e psicologicamente das influências parentais (Blos, 1985). É neste sentido que Fleming (1993) refere que a autonomia, a individualização e a formação da identidade são fenómenos intimamente ligados. A formação da identidade, para esta autora, é facilitada por uma maior autonomia, a qual é tanto maior quanto mais o processo de individualização estiver alcançado.

Qualquer que seja a linha teórica a que façamos referência, desde as perspectivas psicanalíticas, fortemente marcadas por uma visão intrapsíquica, até às que acentuam a dimensão psicossocial, a separação do adolescente em relação às figuras parentais é considerada como uma tarefa fundamental, decisiva e estruturante do desenvolvimento psicológico adolescente.

No final de ensino secundário, a maioria dos estudantes portugueses saem de casa para concretizar os seus objectivos vocacionais e de desenvolvimento. Esta saída proporciona-lhes a aquisição de uma certa independência que lhes permitirá explorar e decidir autonomamente por um leque de opções e corresponde também ao momento em que o adolescente avança no seu processo de individualização, com vista à consolidação da sua identidade.

Mesmo que não mude de residência, o novo ambiente académico vai proporcionar-lhe, a par das oportunidades de crescimento, desafios que deverá enfrentar e resolver adequadamente para se adaptar às exigências do novo contexto e prosseguir na conquista da sua autonomia.

Os anos de frequência no ensino superior são encarados como um período durante o qual os estudantes conquistam autonomia e adquirem uma certa independência das figuras parentais. Para alguns investigadores, estes ganhos ocorrem à medida que os laços com a família se esbatem, os pais passam a exercer menos influência nas atitudes e comportamentos do estudante sem que haja, no entanto, uma ruptura dos laços afectivos e de apoio (Ainsworth, 1990).

A presente dissertação surge no âmbito do Mestrado de Psicologia, área de especialização em Psicologia Pedagógica da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Foi elaborada recorrendo à pesquisa bibliográfica e à recolha de dados empíricos sobre o tema, alguma experiência pessoal como docente e com a apresentação dos resultados do trabalho de campo efectuado.

A questão central do estudo é analisar se o nível de separação psicológica face às figuras parentais<sup>1</sup> dos estudantes de Enfermagem que frequentaram, no ano lectivo de 2007/2008, pela primeira vez, o 1º ano da Licenciatura em Enfermagem, na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, está relacionado com os estilos educativos (percepção que os filhos têm relativamente aos estilos educativos dos pais) e com algumas variáveis sócio-demográficas (o género, a proveniência, ter ou não irmãos, o lugar ocupado na fratria e a profissão dos pais).

Tendo em conta a questão central, foram definidos os seguintes objectivos:

(1) reflectir sobre o tema da separação psicológica das figuras parentais nos adolescentes, separadamente para o pai e para a mãe; (2) conhecer a percepção que os adolescentes têm sobre os estilos educativos de ambos os pais; (3) verificar a relação existente

---

<sup>1</sup> Por vezes, em termos de terminologia, de acordo com os documentos consultados, a separação das figuras parentais é substituída por separação dos progenitores ou por separação dos pais. Em qualquer dos casos, reportamo-nos a ambos os pais, e quando haja necessidade de identificar cada um *per si*, referimo-nos à figura materna ou mãe ou figura paterna ou pai.

entre a separação psicológica das figuras parentais nos adolescentes e a percepção que têm sobre os estilos educativos de ambos os pais; (4) verificar a relação existente entre a separação psicológica das figuras parentais nos adolescentes e algumas variáveis sócio-demográficas.

Na sequência dos objectivos apresentados e da bibliografia consultada, definimos as hipóteses de trabalho e a estratégia de investigação, optámos, então, por um estudo não experimental, descritivo-correlacional que, segundo Fortin (2000), permite explorar e determinar a existência de relações entre variáveis, com vista a descrever essas relações, e, assim, descobrir os factores ligados ao fenómeno em análise.

O presente trabalho é composto, para além da introdução e conclusão, por duas partes fundamentais. A primeira parte, de enquadramento teórico, resultou de uma pesquisa sobre o tema para dar sustentação conceptual às hipóteses. Na segunda parte expomos a planificação da investigação e os resultados obtidos.

No primeiro capítulo, abordamos as questões relacionadas com o desenvolvimento psicossocial do adolescente, dando especial atenção à fase final da adolescência pois é nesta fase que os sujeitos da nossa amostra se encontram.

No segundo capítulo, fazemos referência às interacções familiares e às suas influências, nomeadamente às transformações do adolescente e às alterações familiares, aos modelos de educação parental e aos estilos educativos parentais.

No terceiro capítulo, debruçamo-nos essencialmente sobre a separação psicológica do adolescente face às figuras parentais nas diferentes independências, isto é, independências funcional, ideológica, emocional e conflitual.

No quarto capítulo, enunciamos a metodologia do estudo onde fazemos a abordagem do problema, dos objectivos, das hipóteses, do instrumento de recolha de dados, da amostra e do tratamento estatístico.

No quinto capítulo, procedemos à apresentação e análise dos resultados. Fazemos uma caracterização da amostra no que diz respeito à idade, ao género, à proveniência, ao facto de ter ou não irmãos, ao lugar ocupado na fratria, à profissão dos pais e aos estilos educativos parentais. Mencionamos ainda os testes de hipóteses que nos permitiram avaliar a relação entre os dados em estudo.

No sexto capítulo, procuramos fazer uma análise descritiva e inferencial dos dados obtidos e, de acordo com o enquadramento teórico, promover a discussão dos resultados.

Por último, ao nível da conclusão, fazemos referência aos contributos teóricos e empíricos obtidos com este estudo, limitações existentes na sua realização e implicações práticas, deixando algumas sugestões que nos parecem relevantes para investigações futuras.

A bibliografia e o conjunto de anexos completam a nossa dissertação.

**PARTE I**

**ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## **Capítulo I**

### **Adolescência**

Iniciamos este capítulo sobre a adolescência abordando de forma genérica a contextualização da mesma no âmbito das sociedades contemporâneas.

O estudo da adolescência, propriamente dito, nasceu nos Estados Unidos da América com Stanley Hall, considerado o pai da psicologia genética contemporânea. Este autor publicou, em 1904, o primeiro trabalho empírico sobre a adolescência, entendida como um período de vida situado entre a infância e a idade adulta, e no qual o adolescente se contrapunha à criança pela intensa vida interior e pela reflexão sobre os sentimentos vivenciados (Sprinthall & Collins 2008).

Posteriormente, a publicação por Freud (1905) de os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, veio dar um grande contributo para a compreensão da sexualidade infantil e das alterações da puberdade, com predomínio da libido objectal sobre a libido narcísica, resultando na busca do objecto sexual adequado e na diminuição da intensidade dos laços familiares infantis (Blos, 1985; Levisky, 1998).

Alguns acontecimentos sociais e culturais parecem ter contribuído para que a adolescência seja considerada como um período distinto do desenvolvimento humano, logo como um campo de estudo com legitimidade própria, à semelhança do que aconteceu no século passado com a descoberta da infância. O indivíduo, que vivia numa família alargada, deixava-a normalmente na altura da puberdade para ir viver, no período a que hoje chamamos de adolescência, noutra unidade doméstica, aprendendo um ofício até ao momento do casamento. Passava, assim, do meio familiar restrito para o mundo do trabalho, sendo a sua educação assegurada pela aprendizagem junto dos adultos (McKinney, Fitzgerald & Strommer, 1986; Cordeiro, 1988; Enderle, 1988). No século XX, assistiu-se a algumas transformações no modo como os adolescentes passaram a ser tratados pela sociedade adulta. Hoje, ao falar de adolescência, situamo-nos perante um período ou etapa de vida difícil de definir, ainda que se reconheça a sua universalidade e, de um modo geral, saibamos ao que nos referimos. O começo desta etapa é, na verdade, marcado pelo aparecimento da puberdade (momento em que se produz a maturação sexual), mas devemos diferenciá-la desta, já que a adolescência ultrapassa o mero desenvolvimento fisiológico, implicando, pois, uma série de mudanças importantes, nomeadamente ao nível do pensamento e que se traduzem na

construção daquilo a que Piaget chamou de estruturas formais do pensamento (Avanzini, 1980; Vaz, Cardoso & Pinto, 1992; Simões, 2002).

Se a adolescência é considerada um processo psicológico e de maturação iniciado com as mudanças da puberdade e marcado por profundas transformações fisiológicas, pulsionais, afectivas, intelectuais e sociais vivenciadas num determinado contexto cultural, existe, no entanto, um grande problema na determinação deste conceito que resulta da dificuldade em delimitar este período, do ponto de vista etário, dadas as diferenças verificadas entre os géneros, os diversos contextos culturais, os diferentes meios geográficos e as condições sócio-económicas.

Em geral, aceita-se que a adolescência tem início com o aparecimento progressivo dos caracteres sexuais secundários, por volta dos 11/12 anos de idade, e termina com a cessação do crescimento corporal, por volta dos 18/20 anos, embora o fim da adolescência não seja marcado por nenhum acontecimento biológico, tornando-se, por isso, difícil de determiná-lo.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera, a “adolescência” como o período entre os 10 e os 19 anos. Segundo esta definição, a adolescência surge com a puberdade e só termina quando o indivíduo atinge a sua emancipação, através de uma plena autonomia e maturidade, atingindo a idade adulta (Antunes, 2003). Por sua vez, Galvão (2008), refere que esta etapa ocorre dos 11 até aos 20 anos.

Tavares e Alarcão (1999) referem que a adolescência, sendo uma fase mais ou menos longa do ciclo vital, não deixa de ser uma fase de transição que se estende dos 11/12 aos 19/20 anos, e que na sociedade actual tende a prolongar-se. Estes autores distinguem três fases na adolescência, uma fase inicial entre os 11 e os 14 anos (puberdade ou pré-adolescência), uma fase intermédia entre os 13 e os 16 anos (adolescência propriamente dita) e uma fase final entre os 15 e os 21 anos (juventude), considerando que, em cada fase, a ideia de transição determina profundamente a personalidade do adolescente.

Como sabemos, a “idade” não passa de um simples indicador da fase de desenvolvimento em que o indivíduo se encontra. Quando pensamos num indivíduo com 7 anos não existem dúvidas em classificá-lo como “criança” assim como num indivíduo de 15 anos em classificá-lo como “adolescente” e num que tem 40 anos classificá-lo como “adulto”. Com esta análise não pensamos de forma alguma decidir a idade precisa a partir da qual se é adulto, mas reflectir como se classificariam os indivíduos de 17 e 18 anos.

Por último, gostaríamos de sublinhar que em termos cronológicos o nosso estudo assenta na definição da OMS que considera, a “adolescência” como o período entre os 10 e os 19 anos.

Neste sentido, pode convencionar-se que a adolescência termina com a entrada do adolescente na sociedade dos adultos, sendo esta transição identificada por um conjunto de acontecimentos, como seja a saída da escola, a entrada no mundo do trabalho, o abandono da casa familiar, o compromisso numa vida conjugal e a constituição da sua própria família (Cordeiro, 1988; Braconnier & Marcelli, 2000).

Nesta linha de pensamento, a adolescência pode ser encarada como a passagem da infância ao mundo dos adultos, isto é “um período de vida caracterizado por sucessivos renascimentos, por uma predisposição de abertura ao outro, no que ele encerra em si de novo, de transposição de fronteiras, num suceder de descobertas e de desilusões.” (Pereira & Freitas 2001, p. 19).

Em síntese, a adolescência apresenta-se como um período de rápidas mudanças exteriores e interiores, de conquista da autonomia, de construção da identidade, de definição de orientação sexual e da elaboração de projectos para o futuro, no qual a afectividade deixa de estar circunscrita à família e se estende intensamente noutros sentidos, resultando daí amizades entre jovens de sexos diferentes e os primeiros enamoramentos e paixões vividas com grande intensidade e emoção. Estas mudanças provocam uma luta entre os ideais dos adolescentes e as convicções e expectativas dos adultos, causando mudanças no equilíbrio e, por vezes, rupturas nas relações familiares, levando o adolescente a desafiar todos os costumes e princípios básicos da vida (Vaz et al., 1992). Por ser um processo com características próprias, dinâmico, de passagem entre a infância e a idade adulta, a adolescência não é exclusivamente uma preparação para a vida adulta. Pelo contrário, os adolescentes são pessoas com qualidades e características específicas a quem compete desempenhar, num momento particular da vida e de forma responsável e empenhada, papéis e tarefas que os ajudem a desenvolver as suas capacidades (Blos, 1985; Braconnier & Marcelli 2000).

Nos pontos que se seguem apresenta-se uma visão da adolescência considerando em primeiro lugar, esta fase da vida como um período de desenvolvimento. De acordo com o modelo de Coleman (1978), citado por Claes, (1990), aborda-se então o desenvolvimento pubertário e implicações psicológicas, o desenvolvimento cognitivo, as modificações ao nível

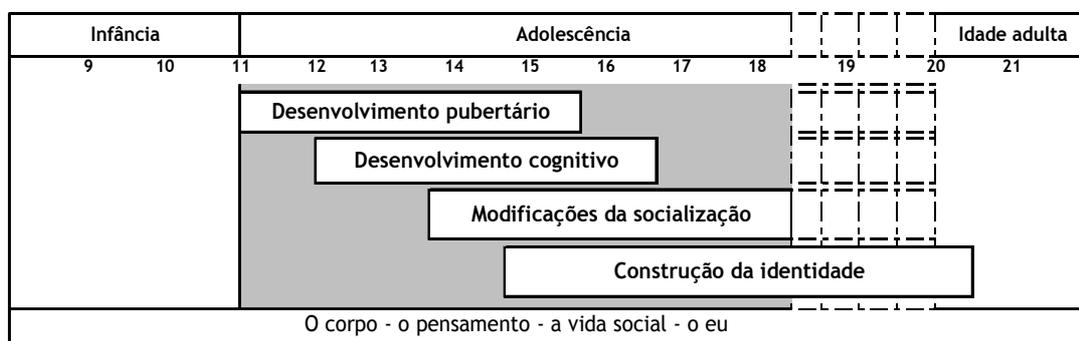
da socialização e a construção da identidade. Em seguida, aborda-se de forma sucinta a concepção de Blos sobre as fases da adolescência enquanto segundo processo de separação-individualização, desde a pré-adolescência à adolescência inicial, à adolescência propriamente dita, ao final da adolescência e à pós-adolescência.

### 1.1. - A adolescência como período de desenvolvimento

As alterações que ocorrem a nível do desenvolvimento cognitivo, social e moral, bem como a nível da identidade pessoal, grupal e sexual têm um grande impacto no desenvolvimento global do adolescente, uma vez que lhe vão permitir, no futuro, entrar no mundo dos adultos (Claes, 1990).

Na tentativa de melhor caracterizar a adolescência em termos de desenvolvimento, optámos por estruturar este ponto de acordo com o modelo proposto por Coleman (1978), apresentado de forma esquemática no Quadro 1.

Quadro 1 – Sequência do desenvolvimento segundo Coleman



*Adaptado de Claes (1990, p. 54), Os problemas da adolescência,*

De acordo com este modelo, construído com base numa pesquisa realizada junto de adolescentes em Inglaterra para determinar as suas reacções a questões relativas à imagem corporal, às relações sexuais, à amizade e às relações parentais, não só as atitudes mudam em função da idade, como também ocorrem preocupações específicas, em cada um dos momentos da adolescência. Diferencia-se da concepção clássica dos estádios apenas por se apresentar menos rígido, considerando que esses momentos não têm uma sequência imutável e precisa.

Deste modo, o ponto de partida da adolescência coincide com a emergência da puberdade, enquanto o seu final é considerado mais vago, correspondendo no quadro à área a tracejado, entre os 18 e os 20 anos. Cada uma das áreas indicadas no quadro representa o aumento de preocupações particulares, que se tornam dominantes, e atingem o máximo numa determinada idade, sem serem exclusivas dessa idade, resultando, assim, na sobreposição destas zonas (Claes, 1990).

A adolescência é entendida, então, como a soma de todas as tentativas de ajustamento ao estágio da puberdade e à nova série de condições interiores e exteriores enfrentadas pelo indivíduo. A necessidade premente de enfrentar esta nova condição gerada pelo desenvolvimento pubertário cria momentos de excitação, tensão, satisfação e defesa, aspectos que de alguma forma já foram vividos durante os anos de latência e da primeira infância (Claes, 1990).

Trata-se, pois, de uma etapa da vida que se inicia com o aparecimento da puberdade e que se diferencia das outras etapas do ciclo vital, indo para além do desenvolvimento pubertário (o mero desabrochar fisiológico) e implicando, igualmente, o desenvolvimento a nível cognitivo, social, moral, emocional, sexual e na construção da identidade, o que a torna um período com características próprias, distintas daquelas que definem a infância e a vida adulta (Feldman, 2001).

#### Desenvolvimento pubertário e implicações psicológicas

No processo de desenvolvimento do indivíduo, o início da adolescência pode ser facilmente identificável, tendo por base a puberdade e a maturação sexual que a caracteriza, pois esta é completamente diferente da verificada na infância. Contudo, é bem mais difícil estabelecer o seu ponto de encerramento, o qual coincide com a inserção do indivíduo na sociedade dos adultos (Cordeiro, 1988; Campos, 1996).

Do mesmo modo se pode concluir que não só os adolescentes são profundamente afectados pelas mudanças físicas que ocorrem nos seus corpos, como também, e num plano mais subtil e inconsciente, pelo desenvolvimento dos seus interesses, do seu comportamento social e da qualidade da sua vida afectiva (Blos, 1985; Brook, 1989).

Na puberdade é alcançada a capacidade de reprodução e acontecem vários lutos: luto do corpo infantil (início das modificações corporais e pubertárias); luto da identidade infantil

(que se traduz nas mudanças que acontecem nas percepções que os adolescentes tem de si e dos outros) e luto da imagem dos pais da infância (McKinney et al., 1986; Aberastury & Knobel, 1988).

A adolescência, além de ser vista como um período de transformações físicas que se observam tanto ao nível do tamanho, da forma do corpo, capacidade muscular, como aos níveis dos caracteres sexuais primários e secundários, é um período marcado por diversas outras mudanças que se verificam a nível cognitivo, a nível sócio-afectivo e, por fim, a nível da representação de si ou da construção da identidade. Estas transformações conduzem a uma crescente autonomia nos planos do pensamento, dos afectos e das relações com os outros (Simões, 2004).

Podemos assim concluir que, enquanto etapa de transição, a adolescência é marcada por mudanças físicas significativas que culminam na maturidade sexual e por mudanças cognitivas que permitem ao adolescente passar do nível de pensamento concreto para o nível de pensamento formal, respeitando as abstracções e perspectivas futuras, e que vão influenciar, de forma decisiva, todas as atitudes que o adolescente terá que assumir ao nível físico, emocional, sexual, social, ético e cultural.

### Desenvolvimento cognitivo

A constatação que a adolescência é um período de vida que se inicia com o desenvolvimento pubertário pode ser, segundo Claes (1990), uma afirmação incompleta, uma vez que a adolescência parece, também, iniciar-se com mudanças significativas ao nível cognitivo que desenvolvem nas crianças a capacidade de pensar e raciocinar como adultos.

Apesar destas mudanças serem frequentemente menos visíveis, são, no entanto, tão ou mais importantes que as transformações físicas, uma vez que contribuem para a maturidade intelectual do adolescente. Piaget (1972), afirma mesmo que a inteligência constitui uma forma particular de adaptação do organismo, fazendo com que as interacções estabelecidas pelo indivíduo com o seu meio ambiente sejam ditadas pela procura de um equilíbrio entre os dados do mundo exterior e as formas que a inteligência adopta para os apreender e compreender (Campos, 1996; Papalia & Olds, 2000).

As diferenças nas capacidades cognitivas em cada período de desenvolvimento resultam da elaboração e integração das capacidades intelectuais anteriores, conduzindo a um aumento

da complexidade do grau de abstracção e da flexibilidade mental, à medida que o indivíduo se vai desenvolvendo. Estas modificações qualitativas resultam da equilibração, ideia fundamental de Piaget acerca do desenvolvimento cognitivo. Completando esta ideia, este autor considera que na adolescência a inteligência constitui um dado necessário para que o adolescente possa assumir e integrar as modificações corporais, afectivas e relacionais que acontecem tanto no seu interior como à sua volta (Blos, 1985; McKinney et al., 1986; Lourenço, 2002).

Sabe-se, graças à teoria dos estádios de desenvolvimento cognitivo de Piaget (1953), que durante a adolescência o pensamento se reveste de inovações qualitativas e quantitativas que caracterizam o modo de aprender a realidade e de representar as coisas. Por volta dos 12-13 anos, surge uma nova forma de inteligência, a inteligência formal, que vai permitir um pensamento hipotético-dedutivo, cuja principal inovação tem a ver com a capacidade do adolescente raciocinar em termos de hipóteses formuladas e já não em termos de manipulação de objectos concretos, como acontecia anteriormente (Lourenço, 2002).

Nesta fase das operações formais, altera-se completamente a relação do adolescente com o mundo. Contrariamente ao pensamento infantil, o pensamento formal vai permitir aos adolescentes a conceptualização de abstracções e de eventos concretos, o que se traduz numa maior capacidade para pensar acerca de hipóteses, para reflectir sobre os seus próprios pensamentos e para ponderar sobre os pontos de vista das outras pessoas. Para além de aumentar a habilidade do adolescente para solucionar problemas que anteriormente ficavam sem solução, este tipo de pensamento conduz ao idealismo típico deste grupo etário (Brook, 1989; Braconnier & Marcelli, 2000).

Assim, o adolescente vai compreender o mundo de uma forma mais relativista e alterar, no futuro, o seu relacionamento com os pais, bem como reflectir nas consequências dos seus actos. O treino destas novas capacidades cognitivas pode permitir uma maior distância perante os conflitos emocionais (Enderle, 1988; Campos, 1996; Newcombe, 1999).

Esta mudança intelectual vai, na opinião de Piaget, permitir ao adolescente construir o “seu sistema pessoal”, fazendo reaparecer um egocentrismo intelectual e levando-o a sentir-se o centro da atenção e o dono da verdade nas teorias que defende sobre o mundo. Também se considera que as capacidades intelectuais do adolescente o conduzem à descoberta de valores éticos, culturais, profissionais, religiosos e políticos, através de uma tomada de consciência de

si e da afirmação da sua identidade (McKinney et al., 1986; Brook, 1989; Cordeiro, 1988; Enderle, 1988).

Mais recentemente, têm sido acrescentados ao desenvolvimento cognitivo outros aspectos relacionados com o desenvolvimento moral e o pensamento político, dada a sua importância na formação da personalidade, com base na convicção de que é através da intelectualização, resultante das modificações da função cognitiva e das diversas aprendizagens sociais, que o adolescente passa a aprender os limites das suas acções e a ter a noção dos papéis que pode ir progressivamente adoptando, ao mesmo tempo que vai construindo a sua própria personalidade. Estas transformações ocorrem habitualmente durante longos períodos de tempo, meses ou até anos, e incluem mudanças ascendentes na complexidade do raciocínio e das percepções sociais e, também, mudanças laterais que se estendem às capacidades cognitivas em desenvolvimento, a novos tipos de relações, circunstâncias e acontecimentos sociais (Fleming, 1993; Levisky, 1998; Lourenço, 2002).

#### Modificações ao nível da socialização

A adolescência caracteriza-se por alterações importantes ao nível das relações sociais e dos agentes de socialização, evoluindo entre, a tendência para preservar as características da infância e a tendência para assumir as prerrogativas da idade adulta. Apresenta-se, por isso, como um período privilegiado de aprendizagens sociais e culturais, numa altura em que não se espera que o indivíduo desempenhe papéis rigorosamente definidos, e durante o qual o adolescente, através de uma tomada de consciência de si e da afirmação da sua identidade, descobre e aperfeiçoa o seu sistema de valores sociais, éticos, culturais e profissionais (Cordeiro, 1988).

Enquanto na infância, os valores sociais transmitidos pelos pais, educadores e meios de comunicação eram aceites de forma isolada e sem contestação, a partir da puberdade a percepção dos valores e do sistema torna-se mais abrangente, realçando as suas contradições e imperfeições, levando a que o adolescente tome uma atitude de questionamento sobre tudo (Cordeiro, 1979).

A independência em relação aos pais adquire uma nova perspectiva e o seu sistema de referências e de valores abre-se mais para o exterior. Os adolescentes descobrem que os pais não são as únicas figuras de referência, passando os amigos a constituir pares inseparáveis

com quem partilham segredos, sentimentos, opiniões, gostos e interesses (Costa, 1983). Deste modo, a ascendência predominante da família vai sendo progressivamente substituída pela do grupo de pares, como fonte de referência das normas de conduta e de atribuição de estatuto, exigindo ao adolescente a organização das relações de competição e de cooperação com os companheiros de ambos os sexos.

O modo como se vive a adolescência está relacionada não só com a infância mas, também, com o meio envolvente, nas suas dimensões geográfica, económica e sócio-cultural, e com a forma como se faz a aprendizagem da vida social e se participa na vida cívica. Este facto vem realçar o papel e a influência que a sociedade actual tem no processo de desenvolvimento da adolescência (Cordeiro, 1979; Vilar, 1999).

No entanto, antes do pensamento formal estar completamente desenvolvido, os adolescentes apresentam muito frequentemente uma forma especial de egocentrismo, na qual se encontram duas importantes componentes: a crença aparente de que, embora as perspectivas dos outros possam ser diferentes das suas, o adolescente é o centro de todas as atenções, o que o leva a alterar o seu comportamento, de modo a agradar ao público que, na sua opinião, o observa permanentemente, e a convicção do adolescente de que os seus sentimentos são únicos, não existindo mais ninguém capaz de os entender. À semelhança do que acontece no desenvolvimento cognitivo, o egocentrismo do adolescente é superado através das interações sociais com os outros adolescentes, as quais estimulam a maturação das capacidades sócio-cognitivas (Enderle, 1988; Brook, 1989; Feldman, 2001; Gleitman, 2002).

Quanto ao desenvolvimento social, Sprinthall e Collins (2008) referem a existência de três aspectos que são particularmente importantes para os adolescentes: 1) tornarem-se mais capazes de considerar uma variedade de circunstâncias e acontecimentos que podem ocorrer, sendo, por isso, especialmente propensos a reconhecer as discrepâncias entre o real e o possível; 2) serem, progressivamente, mais capazes de inferir as características pessoais, as motivações e outros aspectos que se encontram implícitos nos acontecimentos e comportamentos sociais e, por último, 3) começarem a aperceber-se que as perspectivas sobre uma determinada situação diferem de indivíduo para indivíduo.

Estas novas capacidades cognitivas vão permitir ao adolescente interessar-se por problemas éticos e ideológicos e por debater ideias, compreender a complexidade associada aos valores sócio-morais e construir uma nova perspectiva sobre a realidade social. Valores

como a lealdade, a coerência, a justiça social, a liberdade e a autenticidade assumem, por isso, uma importância decisiva.

Contrariamente à criança que aceita facilmente as decisões e os pontos de vista dos adultos, o adolescente necessita autonomizar os seus processos de decisão face ao adulto e de criar o seu próprio sistema moral e de valores, de forma a avaliar as exigências impostas pelas situações e planear um desenvolvimento de acção coerente com os seus ideais, preservando a sua integridade pessoal. Daí que, na procura de independência relativamente aos pais e a outras figuras de autoridade, alguns adolescentes comecem a questionar os valores morais e os ideais da sua família, bem como a contradição entre a defesa destes valores e a sua aplicação prática, conduzindo frequentemente a um estado de frustração no adolescente (Avanzini, 1980; Fleming, 1993; Devries & Devries, 1995; Sprinthall & Collins, 2008).

O grupo de pares assume um papel fundamental nos processos de socialização dos adolescentes, pois as interações com os parceiros do mesmo sexo e do sexo oposto constituem o protótipo das relações que, como adultos, irão desenvolver futuramente nos planos social, profissional e sexual, facilitando a emancipação da autoridade parental, a procura de um estatuto e a identificação sexual (Pinto, 2003).

Em síntese, as relações com os pais são muitas vezes conflituosas devido ao confronto de ideias e valores, a ponto de dificultar a partilha entre eles de novas experiências e das emoções que o adolescente está a viver. Daí que, mais uma vez, o grupo de pares funcione como confidente e ofereça múltiplas ocasiões para o adolescente poder partilhar as suas emoções, angústias e ansiedades. É no grupo, também, que aquele desenvolve a sua forma de relacionamento consigo e com os outros, que se afirma, que expõe os seus ideais e valores, que tem ocasião de assumir comportamentos de risco. Mais, é sobretudo no confronto com o grupo de pares, os amigos e o bando, que o adolescente afirma a sua identidade, pela emulação, oposição ou competição. A amizade e as primeiras histórias de amor desempenham um papel essencial nesse confronto, ao trazerem apoio e valorização, pois é através destas relações que o adolescente experimenta os diferentes papéis que poderá desempenhar na vida adulta, aprende a fazer as suas escolhas e aceitar as escolhas dos outros, mesmo que diferentes das suas (Costa, 1983; Cordeiro, 1988; Figueiredo, 1985; Newcombe, 1999; Sampaio, 2000).

Na realidade, as modificações que se verificam na adolescência ao nível das relações sociais, do desenvolvimento moral, pubertário e cognitivo dão-se em conjunto e de forma integrada, desempenhando um papel primordial na génese da identidade. Assim sendo, a

capacidade dos adolescentes para se diferenciarem dos outros e estruturarem a sua identidade depende do modo como apreenderam os comportamentos sociais esperados para exprimir os sentimentos e as pulsões que descobrem nesta idade e é facilitada pela aquisição do pensamento hipotético-dedutivo que lhes permite adoptar uma atitude analítica em relação às suas experiências e a alargar a sua visão da realidade (Blos, 1985; Sampaio, 2000).

### Construção da identidade

O confronto com as transformações do corpo e com um novo mundo pulsional, associado à necessidade que o adolescente tem de abandonar o mundo infantil, fazem da adolescência o momento fundamental para o desenvolvimento do Eu e da identidade psicossocial e sexual, englobando tanto a sua história passada como as capacidades necessárias a uma vida psicológica saudável na idade adulta (Blos, 1985; Braconnier & Marcelli, 2000; Levisky, 1998).

A adolescência apresenta-se, por isso, no que respeita ao desenvolvimento da identidade, como uma encruzilhada no caminho da separação das etapas infantis, por um lado, e a preparação da maturidade da vida adulta, por outro. Não é um momento fácil e nem sempre nele se alcança uma identidade concluída, que se compõe, na realidade, de vários elementos: a) definição e auto-definição da pessoa perante as outras pessoas, o meio social e os valores; b) diferenciação pessoal inconfundível; c) autenticidade do indivíduo e d) correspondência entre o efectivamente desenvolvido e o embrionariamente previsto no plano genético do indivíduo (Claes, 1990; Grinberg & Grinberg, 1998; Sprinthall & Collins, 2008).

Pelo facto da adolescência representar uma descontinuidade tão importante no processo de crescimento, Erikson (1972), considerou que a formação da identidade representa o aspecto central da evolução do indivíduo, num processo em vias de elaboração e, por isso, a uma construção nunca acabada do Eu. A formação da identidade encontra-se, assim, associada aos avanços e recuos que se verificam nos acontecimentos que a vão abalar, ou seja, os lutos, as rupturas e os fracassos e corresponde a três tarefas desenvolvimentais: 1) a aquisição de uma continuidade temporal do Eu que assume o passado da infância e detêm a capacidade de projecção no futuro; 2) a afirmação de um Eu que se distancia das imagens parentais interiorizadas e 3) o comprometimento com escolhas que garantam a coerência do

Eu, principalmente a nível sexual, ideológico e profissional (Cordeiro, 1979; Grinberg & Grinberg, 1998; Neuenschwander, 2002).

No mesmo sentido, Levisky (1998), considera que durante a adolescência os pais, enquanto modelos de identificação da infância, vão sendo substituídos gradualmente por modelos extra-familiares, baseados nos jovens da mesma idade e nos amigos, devido à necessidade que o adolescente tem de deixar os laços demasiado próximos com os pais para poder interiorizar ideias e afectos próprios, de reconhecer-se como diferente e autónomo em relação aos pais.

Pode considerar-se a aquisição da identidade como a integração de todas as identificações numa única identificação, ou seja, na determinação de um papel e lugar no mundo (definição do Eu). Por ser uma tarefa complexa, o adolescente necessita de um tempo, chamado de moratória, para integrar os elementos de identificação atribuídos por outras pessoas e os adquiridos por ele próprio em fases anteriores do seu desenvolvimento. Neste sentido, a adolescência surge como um período de prolongamento e de ajustamento visando a maturidade do adolescente e durante o qual são experimentadas tarefas do mundo adulto (namoro/casamento, estudo/mundo laboral e profissional, etc.) que frequentemente lhe provocam crises. Estas crises podem ainda ser agravadas pela crise que se verifica actualmente na sociedade ao nível da identidade e dos valores e, para ultrapassá-las, o adolescente tem que desenvolver as três perspectivas da sua nova identidade: (1) uma identidade sexual (que complementa a identidade de género adquirida na infância e que lhe permita uma boa concepção do seu papel e do seu reportório sexual e a compreensão da sua própria sexualidade); (2) uma identidade vocacional; (3) e uma identidade ideológica (que revelem um sistema de crenças, de valores e de ideias). Para que isto aconteça, o adolescente deverá ser capaz de imaginar os papéis que irá desempenhar quando adulto (Blos, 1985; Cordeiro, 1988; Papalia & Olds, 2000; Gleitman, 2002).

O conceito de identidade, segundo Grinberg e Grinberg (1998), é formulado a partir da noção dos vínculos de integração temporal, social e espacial. O vínculo de integração temporal corresponde à capacidade que o indivíduo tem de se recordar do passado e de se projectar no futuro, ou seja, é a base do sentimento de continuidade, o qual permite sentir-se o mesmo ao longo da vida, apesar das mudanças que ocorrem interna e externamente, enquanto o vínculo de integração social diz respeito às relações interpessoais, inicialmente com as figuras parentais e, posteriormente, com todas as figuras de influência afectiva para o

indivíduo ao longo da vida. O vínculo de integração espacial está relacionado com a imagem corporal, ou seja, a representação que o indivíduo tem do seu próprio corpo, com características que o tornam único.

A consciência de que o processo de construção da identidade é a tarefa mais importante da adolescência exige que este se desenrole de forma adequada, de modo a que o adolescente se sinta uma pessoa sexuada, diferenciada dos outros e com um sistema de valores próprio e congruente ao longo do tempo. Neste universo interactivo e numa cultura adolescente constroem-se, assim, certos estereótipos grupais e sociais e, por isso, os heróis têm no processo de identificação de alguns adolescentes um papel relevante, oferecendo imagens poderosas e cultivadas colectivamente. No final da adolescência, cada indivíduo obterá uma identidade e será capaz, como refere Erikson (1972), de sentir uma continuidade interna e uma continuidade do que ele significa para as outras pessoas, passando a apresentar-se como uma pessoa diferenciada e assim reconhecida pela sociedade (Cordeiro, 1979; Sequeira, 1992).

Em resumo, pode referir-se que durante a adolescência o conceito que o adolescente tem de si próprio evolui em duas direcções sistémicas: ao mesmo tempo que se torna mais abstracto e complexo organiza-se, promovendo uma nova orientação nos planos sexual, profissional e ideológico. A primeira mudança desenvolve-se ao longo do acesso ao pensamento formal e a segunda, mesmo que seja mais tardia, surge no final da adolescência.

As alterações que vão acontecendo durante o período da adolescência obrigam o adolescente a certas readaptações importantes, o que leva a que este período seja frequentemente considerado como um período de crise e crescimento.

Toda a adolescência surge como um período do ciclo da vida particularmente marcado pelo conceito do desenvolvimento, pois todos os sectores da vida biológica, cognitiva e social vão sofrer modificações fundamentais que trarão exigências, cada vez maiores, de adaptação e de transacções que se sucederão durante todo este período. As transformações pubertárias que inauguram a adolescência trazem consigo a necessidade de viver num corpo sexuado; o acesso à sexualidade genital impõe a aprendizagem da intimidade sexual; as modificações das estruturas cognitivas favorecem o acesso ao pensamento formal, aos níveis superiores do juízo moral e às ideologias políticas e a evolução da vida social, que ocupa todo o período da adolescência, necessita da ruptura progressiva dos laços de ligação parentais e do comprometimento em relações igualitárias com os colegas. Finalmente, a afirmação da

identidade, que fecha a adolescência, impõe escolhas fundamentais que definem o indivíduo para si e para outrem e o levam a entrar na vida adulta.

A adolescência termina com a construção da autonomia e com a aquisição da identidade pessoal e sexual, sendo, por isso, o momento de consolidação da representação de si próprio e de formação do carácter, no qual o adolescente se torna consciente da sua individualidade e da capacidade para orientar a sua própria vida, assumindo compromissos, aceitando desafios e optando pelas suas escolhas pessoais, profissionais, relacionais e amorosas. No entanto, este processo não ocorre de forma idêntica em todos os indivíduos, pelo que se pode falar, não de uma adolescência mas de diferentes adolescências, conforme a infância de cada um, cada fase de maturação, cada família, cada época, cada cultura e cada classe social (Fleming, 1993; Sampaio, 1994).

Para a maior parte dos adolescentes, os contextos criados pela família e pelo grupo de pares interagem com as suas transformações físicas e cognitivas, de modo a produzir uma identidade individual, adequada a uma vida autónoma, responsável e competente na sociedade adulta (Sampaio, 1994).

A par dos diálogos com o grupo de pares, que constituem oportunidades para partilhar experiências e opiniões, a família funciona como uma base segura a partir da qual os adolescentes têm possibilidade de explorar as relações com os colegas e para onde poderão voltar sempre que necessitem de apoio e protecção. As relações com os pais podem, na realidade, afectar o tipo de relacionamento estabelecido com os colegas, ou seja, os adolescentes que têm um relacionamento democrático com os pais tem mais facilidade em estabelecer amizades e relacionamentos íntimos com outros adolescentes, do que aqueles que não percebem os pais dessa forma. Também os adolescentes provenientes de famílias em que a comunicação é aberta e em que o respeito mútuo e a intimidade foram aspectos encorajados pelos pais, talvez se encontrem melhor preparados para estabelecer relações íntimas com os colegas. Enquanto o relacionamento com os pais é, sobretudo, mais centralizado no maior conhecimento e autoridade daqueles do que no esforço para estabelecer um entendimento mútuo, envolvendo mais o trabalho e o desempenho de tarefas, o relacionamento no seio do grupo de pares processa-se num ambiente de igualdade, dedicado essencialmente ao divertimento e a actividades recreativas (Sampaio, 1994; Vilar, 1999; Machado, 2000; Relvas, 2000).

Na generalidade dos autores consultados confirmamos a existência de um consenso quanto ao considerarem que as relações estabelecidas com os pais e colegas, durante a adolescência, são complementares e igualmente importantes para o desenvolvimento saudável dos indivíduos, contribuindo para aspectos distintos da sua socialização.

## 1.2. - A adolescência como processo de separação-individualização

Neste ponto aborda-se a adolescência de acordo com a conceptualização de Blos.

Blos aprofundou o estudo do desenvolvimento da adolescência tendo em conta a cultura ocidental, admitindo que qualquer divisão em fases é uma abstracção e que no desenvolvimento real, não existe uma compartimentação nítida, enunciando que na adolescência se podem identificar cinco fases com características distintas (Blos, 1996; Dias & Fontaine, 2001).

A *pré-adolescência*, como primeira fase, caracteriza-se por um aumento quantitativo da pulsão e põe termo ao período de latência. A *adolescência inicial* é identificada como a segunda fase e define-se pela razão do adolescente se voltar “para o amigo” seguindo como escolha objectal o modelo narcisista. A terceira fase, a *adolescência propriamente dita*, é identificada pelo encontro do objecto heterossexual, isto é, o adolescente volta-se de forma gradual para o amor heterossexual. Segundo Blos (1985), há um renascimento do complexo de Édipo e o amor maduro só poderá progredir à medida que se for solucionando o complexo de Édipo e processando a libertação dos objectos iniciais. O mesmo autor afirma ainda que o desenvolvimento de ego nesta fase corresponde ao desenvolvimento dos processos cognitivos, em especial ao desenvolvimento do pensamento formal, “assim, o adolescente começa a ser capaz de ter pensamentos que criticam o seu próprio pensamento, de se projectar no futuro, de se pensar em termos de possibilidades, de construir teorias” (Dias & Fontaine, 2001, p. 45).

O *final da adolescência* é a quarta fase e distingue-se das outras por assumir uma estrutura definitiva dos processos iniciados na fase anterior. Assim os processos cognitivos tornam-se, cada vez mais, analíticos e objectivos aumentando o princípio da realidade e, ao mesmo tempo, consolida-se uma disposição hierárquica das funções do ego, destacando-se capacidades, habilidades e talentos distintos e consolidando-se a consciência de que “isto sou eu”. Para Blos (1985), o que é novo nesta fase da adolescência é, “não só o sentimento de unidade do *self*, com as suas experiências interiores e exteriores, com o reconhecimento do

seu *self* emocional, intelectual, social, sexual, mas é também o abandono dos poderes mágicos e das megalomanias” (Dias & Fontaine, 2001, p. 46).

Durante a adolescência adquire grande importância a construção de uma representação pessoal sobre o que se é e qual a nossa posição no mundo. Neste sentido, a construção do *self* assume grande preponderância na vida psíquica do adolescente. Nesta fase, a identidade sexual toma a sua forma final e a predisposição para relações amorosas é consolidada, exigindo para tal como pré-condição o abandono das idealizações infantis do *self* e dos objectos. No final da adolescência, tanto a organização hierárquica das funções do ego como os padrões defensivos vão-se estruturando gradualmente e de forma progressiva numa organização irreversível a que Blos chama de *carácter*. Esta organização finalizar-se-á na fase da pós-adolescência.

Em suma, no final da adolescência, começa a surgir de forma constante um sentimento de si mesmo estrutura-se o ideal do ego, a auto-estima torna-se mais segura, dependendo o seu equilíbrio cada vez menos de um controlo externo e cada vez mais de um controlo interno do superego e do ideal do ego, e define-se a identidade sexual (Dias & Fontaine, 2001).

Blos propõe ainda uma quinta e última fase, a *pós-adolescência*, como uma fase de harmonização das várias partes que constituem a personalidade, ocorrendo uma integração gradual com a preparação da escolha profissional, do namoro do casamento da paternidade, isto é, com o surgimento de papéis distintos do jovem adulto.

Esta fase leva com frequência alguns anos e, segundo Blos, a experimentação com os interesses do ego permite ao jovem estruturar um modo de vida próprio. A auto-estima, sob o controlo do ideal do ego, torna-se mais estável e menos vulnerável a mudanças circunstanciais externas.

Blos (1996), sublinha que tanto a fase final da adolescência como a pós-adolescência têm cronologias imprecisas, dependendo muito do processo de desenvolvimento de cada indivíduo.

De seguida, abordamos de forma mais extensa a fase final da adolescência que corresponde às faixas etárias do nosso estudo, referenciando outros autores.

### 1.3. - A fase final da adolescência

Quando se pensa em caracterizar a fase final da adolescência, do ponto de vista do desenvolvimento, uma das questões que se coloca de imediato é saber se estamos perante um adolescente ou um adulto.

A adolescência constitui um período do ciclo da vida que se situa entre a eclosão da puberdade e a entrada na idade adulta. O acesso à idade adulta acontece como a conjugação de fenómenos de maturação psicológica – o acesso à intimidade sexual, a afirmação da identidade psicossocial – com acontecimentos sociais – deixar a família, entrar no mercado de trabalho e estabelecer uma relação independente. Se a adolescência como etapa distinta da infância e da idade adulta, é uma realidade universal em praticamente todas as culturas, este período foi fortemente prolongado na cultura ocidental a ponto de abarcar todo o decénio situado entre os 11/12 e os 20/22 anos, constituindo uma experiência específica que cobre um espaço de vida importante (Fleming, 1993; Tavares & Alarcão, 1999; Dias & Fontaine, 2001).

Para o nosso estudo, importa aqui mencionar mais pormenorizadamente a fase final da adolescência, uma vez que os estudantes da nossa amostra se situam na faixa etária (17/18 anos).

Tavares e Alarcão (1999) referem existir na adolescência tardia a ideia de transição a integração na sociedade dos adultos o que pressupõe a aquisição de um novo estatuto, o de adulto.

Na sociedade actual adia-se cada vez mais o reconhecimento do adolescente como adulto devido a vários factores, nomeadamente, o aumento da escolaridade, a falta de emprego, o casamento tardio, problemas com a habitação, bem como, a sua própria falta de identidade. Este último factor, de acordo com os autores, deve-se ao facto do adolescente cada vez menos encontrar nos adultos com quem convive pontos de referência para o seu comportamento, atrasando assim a afirmação da sua própria identidade e, conseqüentemente, em ser aceite e reconhecido como tal pela sociedade (Tavares & Alarcão, 1999).

Apesar do adolescente, nesta fase, se encontrar mais amadurecido física e intelectualmente, mais realista e mais cordato nem por isso ele sentirá esta fase com menor intensidade. Num primeiro tempo, a afirmação da sua personalidade será um tanto ou quanto conflituosa uma vez que ele não se vai adaptar de uma forma passiva e conformista ao grupo social em que está inserido. O adolescente vai tentar que seja a sociedade a adaptar-se a ele

próprio. No entanto, gradualmente a sociedade vai-lhe impor os seus costumes, os seus valores e a filosofia de vida em que assenta, levando o adolescente a passar de opositor e revolucionário a seu defensor acérrimo (Tavares & Alarcão, 1999).

Como podemos verificar, os aspectos mais relevantes existentes nesta fase são os de natureza social. O comportamento adolescente quer no domínio corporal ou físico, quer nos domínios do conhecimento, da afectividade, dos valores, da linguagem passam pelo relacionamento social. Tavares e Alarcão (1999, p. 53), referem a este propósito, que “(...) é na dialéctica da dinâmica desse relacionamento que ele será aceite pela sociedade e adquire o seu estatuto de adulto que lhe permitirá o desempenho de um determinado papel mais ou menos preponderante”, iniciando esta dinâmica num contexto privilegiado que são as interacções familiares.

## **Capítulo II**

### **Interacções familiares e as suas influências no desenvolvimento do adolescente**

Cada adolescente possui uma história, uma família, valores sexuais e morais e é nesse meio que ele constrói a sua subjectividade. A relação com os pais vai assumir uma importância fundamental na definição da vida futura do adolescente e nos relacionamentos que este vai estabelecer posteriormente. Nesta perspectiva, a família tem sido encarada como referência crucial da identidade. O sentido da integração e coerência pessoal, que Erikson considera ser a principal realização da adolescência, depende em larga escala do desenvolvimento social, intelectual e emocional que é fomentado pelas relações familiares (Brasil, Mitsui, Pereira & Alves, 2000).

Através da construção de uma identidade adulta, verifica-se durante a adolescência uma separação natural entre pais e filhos caracterizada pela demarcação da autonomia e pela construção da identidade individual.

É, por isso, fundamental que esta separação aconteça de forma gradual, num equilíbrio entre liberdade e responsabilidade e implicando uma responsabilização por parte de todos os membros da família, capaz de produzir o ajustamento de sentimentos e de comportamentos necessários para que o adolescente possa atingir a emancipação nos níveis físico e económico bem como, ao nível da afectividade e da capacidade para assumir valores, juízos e decisões próprias (Vilar, 1999; Gammer & Cabié, 1999).

Se a sociedade e a família são sistemas indispensáveis para compreender a adolescência, também a adolescência é essencial para compreender a família, pelo que nesta parte do trabalho tentaremos descrever o relacionamento entre pais e filhos e a influência que os diferentes modelos educativos e relacionais utilizados pelos pais têm no desenvolvimento global do adolescente.

Nesta perspectiva, a família é considerada como um sistema aberto, pela capacidade de se transformar sempre que entra em contacto com situações e problemas novos e pela linha do desenvolvimento que segue nos seus diferentes estádios evolutivos. Embora a estrutura e o papel da família variem de acordo com a época e a cultura em que está inserida, as relações da família com o mundo que a rodeia são determinantes para o desenvolvimento interpessoal do adolescente, uma vez que a família se apresenta como o primeiro mediador das convenções sociais e como garantia da sua validade e continuidade (Brasil et al., 2000; Relvas, 2000; Soares, 2003).

## 2.1. – Adolescência e alterações familiares

Ao longo da adolescência, a relação pais-filhos altera-se profundamente à medida que o adolescente se depara com as transformações físicas, cognitivas e sociais, bem como com as alterações provocadas pela procura de uma nova identidade e de um novo estatuto de autonomia. Neste processo, o adolescente desafia todos os costumes e princípios básicos da vida, originando um clima de confronto com as convicções e expectativas dos adultos. Na luta pela autonomia, e em consequência do confronto entre as regras e os valores estabelecidos pela família e por cada um dos seus membros, uma geração entra em conflito com a outra causando mudanças no equilíbrio e, por vezes, ruptura nas relações familiares (Fontaine, Campos & Musitu, 1992; Zal, 1994; Gouveia-Pereira, 2000). Contudo, outros estudos apontam para o facto de que a conquista da autonomia e a independência das figuras parentais implicarem uma menor influência de ambos os pais nas atitudes e comportamentos dos adolescentes, sem que haja necessariamente uma ruptura dos laços afectivos e de apoio (Ainsworth, 1990).

Em todo este processo, o adolescente procura qualquer coisa contra a qual opôr-se pelo que se os pais estiverem constantemente a ceder, o adolescente tem que procurar desesperadamente um comportamento que provoque uma reacção, fazendo com que o conflito se agudize até os pais marcarem uma posição ou até o filho tomar uma atitude radical. Por isso, a família, e especialmente os pais, devem estar conscientes de que a existência de um certo conflito é normal e até necessária para permitir ao adolescente proceder à avaliação da verdade e correcção das suas próprias convicções, antes de as confrontar com os ambientes extra familiares, com o grupo de pares, com professores, entre outros (Cordeiro, 1988; Figueiredo, 1985; Sampaio, 2000).

Face ao “vai e vem” constante do adolescente entre o interior e o exterior da família e aos avanços e recuos na sua autonomia, os pais devem adoptar uma atitude de flexibilização das normas e das regras para melhor gerirem este conflito. Pelo contrário, a ausência deste confronto no seio da família elimina o conflito e leva a que, em vez de uma flexibilização relacional e da aceitação e gestão do conflito, surja a tentativa da sua anulação pela via da rigidez expressa tanto por uma permissividade absoluta como por uma repressão extrema (Braconnier & Marcelli, 2000; Relvas, 2000).

Se os pais compreenderem que este confronto é necessário para o desenvolvimento adequado dos filhos vão impor-lhes linhas de orientação firmes e estimular-lhes os objectos de luta. Estas linhas devem, no entanto, ser ajustadas periodicamente e à medida que as crianças vão crescendo e tornando-se independentes, com o objectivo de lhes conceder mais espaço. A diferença entre pais e filhos permitirá a evolução de ambos se, nos momentos de confronto, não existir conflito ou, pelo contrário, se este conflito for anulado, quer pela transformação dos pais em simples amigos e companheiros dos filhos, quer pela “adultomorfização” precoce destes últimos, que assim não têm tempo de beneficiar dessa diferença, nem têm tempo para correr os riscos inerentes às múltiplas experimentações pelos quais têm que passar (Enderle, 1988; Fleming, 1993; Braconnier & Marcelli, 2000).

Estas alterações nas relações familiares são provocadas não só pelas transformações do adolescente mas, também, pelas interações, expectativas e tarefas com que a família é confrontada durante este período. Na maior parte das vezes, os filhos atingem a adolescência ao mesmo tempo que os pais se interrogam sobre as bases das suas vidas, em consequência das alterações ocorridas a nível profissional e dos objectivos pessoais definidos ou das expectativas quanto ao futuro. Por esta razão, pode afirmar-se que tanto os pais como os adolescentes, embora de modos diferentes, se debatem com problemas de identidade (Cordeiro, 1988; Gammer & Cabié, 1999; Sprinthall & Collins, 2008).

Para os filhos, a adolescência significa procurar a autonomia fora da família sem, no entanto, cortar abruptamente com os laços familiares e o apoio que estes lhes proporcionam. Para os pais, a adolescência significa um abrandamento progressivo do controlo exercido sobre os filhos e o aumento correlativo da flexibilidade das normas familiares face à sua crescente independência. Estudos realizados por Steinberg e Silverberg (1986) sobre as relações pais-filhos (rapazes) vieram confirmar o facto da interacção familiar se alterar à medida que estes vão evidenciando as transformações características da puberdade.

Além disso, o facto do adolescente deixar de acreditar na competência dos pais, mesmo que estes efectivamente a possuam, e de valorizar as suas próprias competências, vai influenciar o seu comportamento face aos pais, assim como as atitudes e convicções que possui sobre os seus comportamentos. Esta idealização do adolescente sobre si próprio é tão necessária quanto aquela que teve anteriormente sobre os pais, na medida em que lhe permite adquirir confiança nas suas capacidades, que assim serão postas à prova e testadas (Fleming, 1993; Sprinthall & Collins, 2008; Relvas, 2000).

Neste sentido, os pais devem desdramatizar as manifestações de revolta e de desobediência do adolescente, encarando-as como sinais de crescimento e de afirmação das suas capacidades. Tratando-se de um processo longo de experimentação, não substituível pela racionalização, os pais devem adoptar uma postura de calma e de paciência sem, no entanto, deixarem de estar atentos. Este conflito é necessário e inevitável para que o adolescente prossiga no caminho da aquisição da identidade e da construção da autonomia e, até certo ponto, também é facilitador da independência parental e, apesar das dificuldades e do sofrimento que lhe estão associados, a questão fundamental reside na forma como ele é gerido, elaborado e integrado por todos os seus protagonistas (Claes, 1990; Gammer & Cabié, 1999; Gouveia-Pereira, 2000).

O adolescente afasta-se da imagem idealizada dos pais (“ímagos parentais”) para de seguida poder relacionar-se com eles, já não como figuras idealizadas mas sim como pessoas reais. Esta fase, conhecida como a “fase do armário” ou a fase de “luto do ímagos parentais”, caracteriza-se por uma necessidade normal de isolamento e por uma contestação dos hábitos, dos costumes e, até, dos mitos do mundo dos adultos, durante a qual tanto os pais como os professores sentem grandes dificuldades de compreensão e de comunicação com o adolescente (Blos, 1985; Braconnier & Marcelli 2000).

Estas alterações são, talvez, o reflexo das novas experiências sociais vividas pelo adolescente e das consequências que trazem para o seu ambiente extra familiar, nas interações com os colegas e com outros adultos. De um modo geral, os adolescentes são mais assertivos com os amigos e com os colegas de escola do que conseguem ser em casa. Talvez por não serem capazes de avaliar correctamente as condições em que o comportamento assertivo é apropriado num debate familiar ou, então, por não estarem seguros sobre o modo de apresentar os seus argumentos e opiniões de modo construtivo. No entanto, progressivamente tanto os pais como os adolescentes tornam-se mais capazes de assumir novas maneiras de tomar decisões adequadas à crescente maturidade física e psicológica (Braconnier & Marcelli, 2000; Sprinthall & Collins, 2008).

As relações no interior da família constituem o meio através do qual a sociedade transmite aos elementos mais jovens as suas regras e a definição dos papéis a assumir. Este mesmo meio funciona como intermediário de cada socialização, uma vez que educa, ensina e aponta os caminhos a seguir, situados entre as exigências individuais e sociais, de modo a que

cada um atinja e mantenha um pleno equilíbrio pessoal interior (Slepoj, 1998; Preciosa, 1999).

Ao longo da história e das culturas sempre existiram diferentes práticas ou estilos educativos nas famílias. Estes estilos têm sido, no entanto, estudados em diferentes perspectivas, umas mais estruturais, que associam os estilos às classes sociais, às profissões e aos aspectos étnicos, por exemplo e outras mais interaccionistas que, sem esquecer os aspectos estruturais, se centram mais sobre os aspectos emocionais da relação pais-filhos (Relvas, 2000).

Tem resultado, assim, a classificação destes estilos ao longo de dois extremos, por um lado, um estilo mais autoritário - que procura a adaptação das crianças e adolescentes a normas socialmente desejáveis, caracterizado por uma imposição autoritária destas normas e por expedientes punitivos quando estes se desviam da ordem estabelecida e, por outro lado, um estilo permissivo - onde se permite às crianças e aos adolescentes uma grande autonomia moral e de conduta onde não existem expedientes punitivos. Nas últimas décadas, surgiu um novo tipo de relações familiares mais democrático tanto entre os elementos do casal como na relação entre pais e filhos (Vilar, 1999).

## 2.2. - Modelos de educação parental/relação pais-filhos

Uma das importantes missões dos pais consiste na transmissão de modelos educativos socializantes, com estilos educativos de acordo com a idade dos filhos, das quais dependerá a inserção e a integração social de cada um. Os pais são, de facto, o único intermediário entre o interior e exterior da criança, permitindo-lhe, através dos instrumentos culturais transmitidos, desenvolver as suas próprias capacidades para enfrentar o mundo. Para a psicanálise, a transmissão dos papéis sociais promove-se, igualmente, através do processo de identificação, que consiste, nomeadamente, na assimilação das atitudes, do modo de agir e de pensar (Vilar, 1999; Brasil, et al., 2000; Gleitman, 2002).

Quando o adolescente transita de um estado de dependência para um estado de autonomia sofre naturalmente a influência da socialização que ocorre no contexto mais vasto do meio social e no contexto mais específico da família. O grau de autonomia está associado, entre outros factores, às normas, aos valores e às expectativas culturais, bem como ao tipo de

socialização e às práticas educativas de uma determinada cultura (Mussen, Conger, Kagan & Huston, 1988; Fleming, 1993).

Se, por um lado, as diferentes normas e valores culturais produzem alterações na forma como as famílias e os adolescentes lidam, em geral, com as questões da passagem para o estatuto de adulto, por outro lado, essas normas, dentro dum mesmo contexto cultural, nem sempre são claras e uniformes. Esta indefinição contribui, conjuntamente com outros factores, para transformar a transição do estado de dependência para o estatuto de pessoa adulta numa questão altamente dependente dos estilos educativos e das interações familiares. De acordo com os resultados das investigações realizadas, Baumrind (1966, 1971), concluiu que a autonomia no adolescente é fomentada pelas atitudes parentais que conjugam, em simultâneo, a definição clara de limites e regras para o comportamento e uma relação calorosa e de aceitação. Baumrind (1991), encontrou três grupos distintos de famílias que se diferenciam pela forma como os pais exercem a sua autoridade perante os filhos e pelo tipo de carinho e de tolerância que demonstram para com eles: famílias autoritárias, famílias permissivas e famílias autorizadas.

#### Famílias autoritárias

Nas famílias autoritárias, os pais tentam ensinar aos filhos padrões perfeitos de comportamento, colocando a ênfase na prevenção do comportamento inaceitável das crianças e na sua educação, tendo em vista inculcar-lhes o respeito pela autoridade. Valorizam a obediência e não fomentam a discussão de ideias e tendem a ignorar a individualidade e a opinião dos filhos. Aplicam medidas punitivas e violentas para impor o respeito pelo que o ambiente emocional da família é, muitas vezes, frio e distante. Em consequência deste comportamento, os filhos tendem a ser tímidos e retraídos, apresentando um estado de insatisfação constante e de desconfiança em relação aos outros.

#### Famílias permissivas

Nas famílias permissivas, os pais fazem poucas exigências aos filhos e raramente utilizam a força ou o poder para alcançarem os seus objectivos a nível educacional, pelo que não os controlam. Tendem a relacionar-se com os filhos de forma carinhosa e a pedir a sua

opinião nas decisões familiares e, em resultado disso, os filhos tendem a possuir níveis baixos de auto-confiança e de auto-controle, assim como baixa curiosidade exploratória.

### Famílias autorizadas

Apesar do tipo de famílias autorizadas possuir algumas das características dos dois tipos de famílias anteriores apresentam, todavia, uma tendência geral consideravelmente diferente. Ou seja, há diferença no estabelecimento de limites e expectativas firmes relativamente ao comportamento dos filhos. Os pais, por um lado, têm consciência da sua responsabilidade, enquanto figuras de autoridade, associando a autoridade à exigência e, por outro, são afectuosos, receptivos e racionais, esforçando-se por oferecer orientação aos filhos, através do uso da razão e de regras. Este tipo de relação familiar caracteriza-se pelo respeito mútuo e pelo esforço dos pais em tentar escutar, compreender e ensinar os filhos, fomentando a discussão e o diálogo e valorizando o comportamento disciplinado, sem desprezar a auto-confiança.

### 2.3. – Estilos educativos parentais

Embora os estilos educativos parentais raramente sofram alterações ao longo do tempo, há autores que consideram que a diferença fundamental entre os vários modelos educativos parentais está relacionada com o treino para a independência dos filhos. Por isso, os pais que mostram respeito pela opinião dos filhos e que os ajudam a ter alguma autonomia em actividades fora de casa têm a oportunidade de lhes ensinar certos padrões e valores e de os preparar para se tornarem mais independentes. Pelo contrário, os pais que caracterizam o seu comportamento através da coerção e da imposição e que raramente promovem o diálogo estão a contribuir para que os filhos sejam muito dependentes dos outros, quer se trate de colegas, amigos ou figuras de autoridade. No entanto, se a influência dos estilos educativos parentais produzisse uma modificação radical a nível dos comportamentos, das atitudes e dos valores do adolescente, provocaria uma descontinuidade de toda a aprendizagem e a substituição dos antigos modelos por novos modelos o que, certamente, tornaria a adolescência muito mais difícil do que habitualmente se apresenta para a maioria dos jovens (Fleming, 1993; Relvas, 2000; Braconnier & Marcelli, 2000; Sprinthall & Collins, 2008).

Para uma melhor compreensão dos estilos educativos parentais, a revisão da literatura apresenta dois factores bipolares, um com uma conotação mais afectiva e o outro mais social, disciplinar ou de poder (Oliveira, 1994).

A *dimensão afectiva amor-hostilidade* remete para as teorias psicanalistas e personalistas (amor como meio de identificação do comportamento). Os defensores destas teorias afirmam que o calor afectivo é favorável a um desenvolvimento saudável da criança, embora existam autores como Baumrind (1971), que consideram que o amor excessivo da mãe possa ser prejudicial (Oliveira, 2002).

Para Oliveira (2002), um pai caloroso está muito empenhado no bem-estar dos filhos, dispensa-lhes tempo, mostra-se entusiasmado com as suas realizações e é sensível aos seus estados emotivos. Estes pais que demonstram aceitação e afeição para além da média proporcionam às suas crianças uma melhor capacidade para aprender, fomentam uma boa auto-estima e permitem-lhes internalizar melhor as normas morais e tornar-se mais altruístas.

Ainda de acordo com o mesmo autor, apesar da dimensão afectiva amor-hostilidade estar presente em toda a relação educativa, não é fácil apreendê-la, avaliá-la e medi-la. Por isso, é enganador pensar que se trata de uma dimensão simples, tanto mais que se combina com a outra dimensão de autoridade.

Os sentimentos amorosos mais ou menos hostis dos pais podem variar de intensidade ou de qualidade provocando consequências no comportamento das crianças, isto é, um amor mais ou menos ansioso, mais ou menos intenso e/ou possessivo pode cair na outra dimensão de autonomia-controlo (Oliveira, 2002).

A *dimensão autonomia-controlo* ou permissividade-restritividade reporta-se essencialmente às teorias comportamentalistas e às teorias de aprendizagem social, relacionando-se com o poder, a autoridade e as práticas disciplinares, entre outras.

Para Oliveira (1994), a dimensão autonomia-controlo é a que diferencia melhor o comportamento educativo dos pais, embora também varie de intensidade e de qualidade como a dimensão amor-hostilidade.

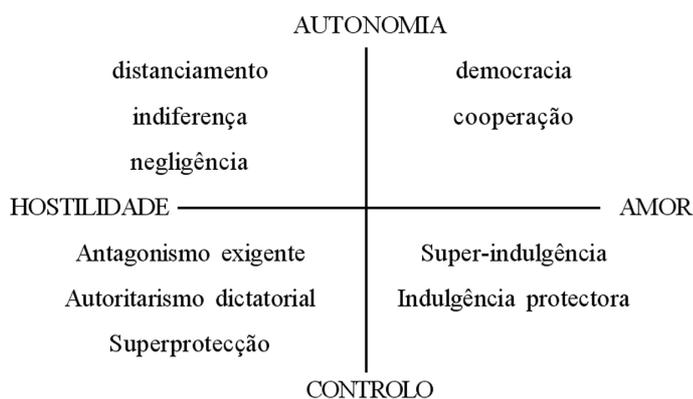
Quando se fala em controlo ou autoridade, supõe-se a existência de regras claras, quem as fixa, quem as faz respeitar e os meios utilizados para as fazer cumprir (1) existência de regras; 2) fixação das regras; 3) cumprimento das regras; 4) práticas disciplinares (Oliveira, 2002).

Oliveira (2002), refere que desta estruturação familiar dependem os estilos educativos, isto é, na ausência de estruturação a prática educativa tende para a permissividade (ou “deixa correr”). Quando estamos perante uma estruturação rígida, a educação é normalmente autoritária e coerciva. Na estruturação flexível, o estilo educativo é democrático. Apesar desta evidência, não se trata de uma relação causa-efeito, pois também pode acontecer o inverso, ou seja, em certas circunstâncias a necessidade de uma educação mais rigorosa pode levar à necessidade de uma estruturação ou rigidez das normas familiares.

Também os factores sociais podem determinar os estilos educativos. Por exemplo, quando a família está perante uma situação de crise económica, desemprego, divórcio, doença, entre outras, pode significar “(...) que as práticas educativas e a estrutura familiar não são fixadas de uma vez por todas mas, como corpo vivo, adaptam-se às diversas circunstâncias e mudanças no interior e no exterior da família, ambiente externo que a influencia” (Oliveira, 1994, p. 84). Para Fleming (1993), também existem outros factores, como sejam o nível de desenvolvimento dos filhos, o seu sexo e as suas características de personalidade.

Schaefer (1959), citado por Oliveira (1994), estudando a interacção pais-filhos, concebe um modelo circunflexo do comportamento parental onde distribui os estilos educativos em dois eixos ou factores bipolares ortogonais: amor *versus* hostilidade e autonomia *versus* controlo.

Quadro 2 – Modelo hipotético em *circumplex* do comportamento paternal.



Adaptado de Schaefer (1959) in Oliveira (1994)

Para Baumrind (1991), a autoconfiança, o auto-controle, a curiosidade e a satisfação estão presentes em maior grau nas crianças e adolescentes pertencentes a famílias autorizadas, contrariamente às crianças e adolescentes pertencentes às famílias autoritárias que são submissas, dependentes, pouco responsáveis e não têm objectivos definidos. Embora sendo auto-confiantes e independentes, as crianças das famílias permissivas mostram-se menos responsáveis em termos sociais e menos orientadas para a sua realização pessoal do que as das famílias autorizadas. No mesmo sentido, Elder (1963) e Baumrind (1968), concluíram que os adolescentes pertencentes às famílias democráticas são mais auto-confiantes e independentes e têm uma maior probabilidade de apresentar uma identidade mais desenvolvida do que os adolescentes pertencentes às famílias autocráticas. Além disso, quanto mais os pais respeitam as opiniões dos adolescentes e se esforçam por motivá-los a debater e a explicar as suas decisões, maior é a vontade destes para imitá-los, do mesmo modo que manifestam, também, uma maior tendência para escolher amigos e actividades aprovadas por aqueles (Mussen et al., 1988; Fleming, 1993; Sprinthall & Collins, 2008).

A identificação com os pais é um marco importante na identidade do adolescente, permitindo-lhe uma certa continuidade entre as aprendizagens da infância e as exigências da adolescência e da vida adulta, ao transformar os papéis e os comportamentos aprendidos nos primeiros anos de vida em comportamentos e papéis a desempenhar no futuro. No entanto, a adopção das opiniões e das ideias dos pais pode obstruir a formação da identidade do adolescente, tornando-o numa simples cópia daqueles, sem uma individualidade própria e sentindo dificuldades quando confrontado com situações e exigências novas, para as quais não foi preparado. Por outro lado, a identificação pode também causar problemas nos casos em que as atitudes, os valores e os comportamentos dos pais não são adequados aos papéis e às responsabilidades dos adolescentes (Fleming, 1993; Gammer & Cabié, 1999; Brasil et al., 2000; Sprinthall & Collins, 2008).

Neste período de luta pela autonomia, tanto os pais como os adolescentes oscilam constantemente entre estados de dependência e de independência, o que vai permitir que cada um se vá definindo e capacitando para enfrentar o mundo exterior. Ao provocar alguma confusão no seio da família esta luta vai permitir ao adolescente exprimir um determinado nível de conflito, o qual vai depender do grau de preparação da família para lidar com os sentimentos de amor e ódio, de racionalidade e irracionalidade, de medo e cólera manifestados pelo adolescente. No entanto, este estado de conflito permanente com os pais

pode ajudar o adolescente a sentir-se em segurança e, no caso de ser acompanhado por um estímulo à independência, pode ajudar, também, a manter um certo controlo sobre si próprio (Serra, Firmino & Matos, 1987; Relvas, 2000; Matos & Costa, 2006).

Os pais desempenham um papel importante no processo de aquisição deste tipo de autonomia, permitindo ao adolescente, não só a expressão das suas opiniões, sem abdicar das suas próprias ideias e valores como, também, facilitando e encorajando o treino desta capacidade, e estimulando-o a considerar aspectos adicionais e pontos de vista alternativos para as situações. Enright e colaboradores (1980), demonstraram existir uma forte correlação entre o estilo educativo utilizado pelos pais e o desenvolvimento da identidade no adolescente, tendo concluído que os adolescentes provenientes de famílias democráticas e permissivas apresentam uma maior probabilidade de terem uma identidade mais desenvolvida do que aqueles que pertencem às famílias autocráticas. Também Baumrind (1991), considera que os pais autorizados ou democráticos preparam os adolescentes para a aquisição de uma identidade completamente desenvolvida (McKinney et al., 1986; Mussen et al., 1988; Claes, 1990; Fleming (1993), Vilar, 1999).

As famílias autorizadas ou democráticas, consoante a classificação utilizada, têm sido apontadas nas investigações realizadas como sendo aquelas que adoptam os comportamentos mais saudáveis ou normais face aos adolescentes (Fleming, 1993; Vilar, 1999; Santos, 2002; Sprinthall & Collins, 2008).

No entanto, na sociedade actual onde não existem, pelo menos de forma visível, códigos e rituais claramente expressos, onde se verifica uma ausência de regras plenamente aceites pela totalidade do grupo social, torna-se complicado para os pais exercer a autoridade, arriscando-se a ficarem entregues a si próprios face a adolescentes que contestam e exigem uma supressão de todas as proibições sem ter como referência um quadro social, uma lei, uma norma que seja partilhada por um grupo suficientemente amplo (Vilar, 1999; Sampaio, 2000).

Apesar de toda a permissividade e flexibilidade que caracteriza a sociedade actual, e qualquer que seja o estilo educativo adoptado, a autoridade parental é fundamental para a autonomia do adolescente e obriga a que os pais tenham que aprender a regulá-la e a desenvolvê-la em níveis de flexibilidade que facilitem a sua diminuição progressiva. O grau de autonomia concedido deverá, no entanto, oscilar em função das situações e estar compreendido entre, por um lado, um limiar máximo que impeça a colisão da autoridade parental com a dignidade do adolescente, com a sua necessidade de afirmação, auto-estima e

confiança pessoal crescentes e, por outro, um limiar mínimo de controlo que possibilite o apoio e segurança de que ele também necessita (Fleming, 1993; Gammer & Cabié, 1999; Relvas, 2000).

Para que os pais actuem dentro destes limites é importante que o exercício de autoridade e a firmeza de convicções não sejam confundidos com excesso de controlo ou repressão. Os pais poderão pedir responsabilidades aos filhos pelos seus actos sem que isso signifique menos respeito por eles ou o não reconhecimento de uma vontade e capacidade de decisão próprias em construção. A negociação e o efectivo cumprimento dos compromissos são importantes para o estabelecimento de uma confiança mútua entre pais e filhos (Figueiredo, 1985; Braconnier & Marcelli, 2000; Sampaio, 2000).

A família apresenta-se como o ambiente natural e o melhor ambiente para o desenvolvimento da criança e do adolescente, de uma maneira sã e correcta, porque os pais são os educadores permanentes e sempre os principais educadores.

Para Sampaio (2000), a presença dos pais junto dos filhos é tão ou mais importante na adolescência do que na infância, uma vez que os pais nesta fase devem, cada vez mais, adoptar atitudes que mobilizem os filhos sem os pressionar, apoiando-os nos fracassos e incentivando-os nos êxitos, respeitando, desta forma, a sua individualidade, promovendo de uma forma saudável a necessária separação psicológica dos seus filhos adolescentes rumo à sua autonomia.

## **Capítulo III**

### **Separação psicológica das figuras parentais**

Num percurso de independência e de auto-suficiência assiste-se, no final da adolescência, a uma menor dependência do adolescente em relação aos pais, emancipação esta que, na opinião de Claes (1990), deve ser entendida como uma exigência psicossocial promotora de autonomia e directamente associada à possibilidade de comprometimento numa vida futura a dois. Torna-se, importante para o estudo do desenvolvimento dos adolescentes a compreensão do processo da sua separação psicológica dos pais, processo este que tem sido estudado sob diferentes perspectivas.

Numa perspectiva psicodinâmica, esta emancipação é entendida como um processo intra-psíquico, resultante da necessidade que o adolescente tem, devido ao ressurgimento da problemática edipiana, de abandonar as ligações aos primeiros objectos de amor e investir em novos objectos heterossexuais extra-familiares (Freud, 1924).

Numa perspectiva etológica, Bloom (1980, 1987), considera o processo de separação adolescente-progenitor como inato e como o motor do processo de identificação que permite ao adolescente sobreviver às relações perdidas. Neste sentido, esta separação, por fazer parte natural do ciclo vital, difere de outros processos de separação, como sejam a morte ou o divórcio. No entanto, devido, por um lado, à forma como esta separação ocorre e, por outro, pelo facto de ser a primeira experiência de separação em que o indivíduo está na posse de um desenvolvimento cognitivo completo, esta separação vai funcionar como protótipo de eventuais separações futuras (Almeida, Dias & Fontaine, 1996).

Outras perspectivas sobre o processo de separação adolescentes-progenitores, como é o caso das abordagens sociocognitivas e interaccionistas, realçam a importância de estudar não apenas aquilo que ocorre neste processo mas, acima de tudo, o modo como este processo se desenrola (Soares & Campos, 1988). De facto, alguns autores que estudaram o processo de separação psicológica no fim da adolescência numa perspectiva sócio-cognitiva (Grotevant & Cooper, 1986; Smollar & Youniss, 1989; Youniss & Smollar, 1990) deram especial ênfase à transformação das relações adolescente-progenitores e à influência que o desenvolvimento cognitivo tem na capacidade do adolescente para ser mais independente e para estabelecer relações mais igualitárias com os progenitores (Cole & Cole, 2004).

No que respeita às perspectivas interaccionistas, derivadas das teorias sistémicas sobre a família, o processo de separação adolescente-progenitores é encarado como

indissociavelmente ligado à interacção entre pais e adolescentes e às transacções e regras que ocorrem no sistema familiar, as quais podem bloquear ou incentivar aquele processo (Almeida, et al., 1996).

Tal como se pode verificar, todas estas abordagens perspectivam a separação adolescentes-progenitores a partir dos processos intra-psíquicos e psicossociais que ocorrem ao nível do adolescente, processos estes que se traduzem, nomeadamente, na interiorização de valores, na regulação da auto-estima e na aquisição de uma maior autonomia e consolidação da identidade.

Mahler (1981), numa perspectiva psicanalítica, conceptualizou o processo de separação-individualização na infância através de observações sistemáticas de mães com os seus filhos, desde os cinco meses até aos três anos. Este processo constitui um primeiro pré-requisito para o desenvolvimento e manutenção do sentido de identidade e abrange duas mudanças interdependentes. Uma, de ordem comportamental, que se refere ao grau e flexibilidade pelo qual a criança adquire independência na actividade comportamental, outra de cariz mental, isto é, relativa ao grau e flexibilidade da diferenciação entre o eu e a representação do objecto. A capacidade da criança para agir independentemente da mãe e ver-se a si própria como uma pessoa separada é uma tarefa desenvolvimental interdependente. Esta autora, no seu modelo teórico sobre o processo de separação-individualização, refere que este abrange a formação de fronteiras, o afastamento e a desvinculação da mãe culminando na concepção de que a mãe e os outros estão fora das fronteiras do *self*.

Segundo Ferreira (2003, p. 180), “A individuação compreende a organização e controlo da percepção, da memória, da cognição e do teste da realidade.” Estes processos interagem conduzindo à autonomia, isto é, à competência da criança de funcionar satisfatoriamente na ausência da mãe.

Em suma, para Mahler (1981), existe um primeiro processo de separação-individualização, nos primeiros anos de vida, que compreende elementos comportamentais, cognitivos e emocionais, podendo estes últimos englobar aspectos conflituais. A adaptação adulta depende do sucesso com que a criança negociou as tarefas psicológicas dos vários estádios do desenvolvimento infantil, nomeadamente, o estádio de autismo, de simbiose e de separação-individualização.

Blos (1962,1985), alargou e modificou esta perspectiva psicanalítica e descreve a adolescência como um segundo processo de separação-individualização (o primeiro

ocorrendo na infância, quando se dá a separação da criança em relação à mãe), reforçando que esta separação promove a autonomia em relação aos pais, manifestada através duma menor dependência em relação aos pais reais e aos objectos parentais interiorizados na infância.

Mahler (1963 cit. in Fleming 1993, p. 46), refere “o que na infância é a ruptura da membrana simbiótica para se tornar uma criança individuada, torna-se na adolescência a perda das dependências familiares, o abandono dos laços objectais infantis”.

Neste sentido, na adolescência constata-se uma libertação da tutela parental, o enfraquecimento das vinculações da infância e assiste-se à procura de novos objectos de amor e de vinculação fora da família.

Para Blos (1985), a primeira tarefa adolescente é repudiar as relações parentais, ou seja, libertar-se psicologicamente da influência internalizada dos pais, para poder definir um caminho de desenvolvimento individual que leve à autonomia.

Este conceito de autonomia, de acordo com a teoria psicanalista, é definido como um sentido crescente de desvinculação dos pais ou como consequência do processo de individualização. Blos (1985) acentua a perda das dependências familiares, de natureza emocional e afectiva, pondo ênfase na mudança das relações objectais aos pais, isto é, à medida que os jovens desenvolvem a autonomia em relação aos pais, emerge a dependência em relação aos pares. A necessidade de conflito com os pais é mínima mas é importante que se quebre esta dependência com os pais para assim construir um sentido do “eu” psicologicamente diferenciado.

Josselson (1980), aprofundou a conceptualização de Blos através de sessões de psicanálise e observações empíricas em adolescentes. Para este autor, o conceito de individualização é central para a compreensão do desenvolvimento do ego, permite ligar a adolescência a um processo contínuo de desenvolvimento e permite ainda articular entre si outros processos centrais que dizem respeito ao ego adolescente: a autonomia e a formação da identidade (Fleming, 1993). Considera, ainda, que é através do processo de separação-individualização que o adolescente adquire a autonomia necessária à construção da sua identidade. Acrescentando que este processo não implica que o adolescente tenha, por exemplo, atitudes e valores diferentes dos pais, mas que estes valores e atitudes foram filtrados pelo seu ego diferenciado, tornando-o, assim, cada vez mais capaz de se libertar da dependência de controlos externos e de depender de valores, de controlos e auto-estima interiorizados (Josselson, 1980 cit. in Fleming, 1993).

Neste sentido, Dias e Fontaine (2001, p. 50), afirmam que “a individualização implica que o adolescente tome acrescidas responsabilidades pelo que faz, pelo que é, pelo seu futuro, em vez de continuar à espera que essa responsabilidade pertença às pessoas de quem até então esteve dependente”. Este facto leva ao fim de sonhos e expectativas grandiosas que tinha sobre si próprio tratando-se assim de um segundo processo por referência a um primeiro processo de separação que ocorre na infância, desde uma fase de relação simbiótica do bebé com a mãe até uma fase em que a criança adquire uma independência em relação à presença física da mãe, porque já internalizou. Separação porque corresponde a uma desidealização da imagem infantil dos pais, a uma maior independência e diferenciação de si em relação aos pais reais e a um abandono das fantasias e expectativas infantis sobre si própria. Individualização porque concomitantemente à separação vai-se processando uma afirmação daquilo que aquele indivíduo é separadamente.

A separação e individualização são dois processos indissociavelmente ligados, isto é, a emancipação da tutela parental (ou separação adolescente-progenitores) e a construção da autonomia estão intimamente interligados. A emancipação em relação à tutela parental inclui diversas dimensões, umas relacionadas com a emancipação social e outras do domínio psicológico (a separação psicológica). A cada dimensão da emancipação em relação aos progenitores corresponde uma dimensão equivalente da construção da autonomia, assim à separação psicológica corresponde a autonomia psicológica (Dias & Fontaine, 2001).

Ainda para as autoras acima mencionadas o processo de construção da autonomia do adolescente é influenciado por factores e contextos em que ele vive, nomeadamente, a dinâmica familiar, os estilos educativos dos pais e a relação que estes mantêm com os filhos. Também o desenvolvimento cognitivo e sócio-cognitivo é uma condição facilitadora e fundamental neste processo. Assim, o aumento da capacidade de auto-reflexão ajuda o adolescente na tarefa de separação psicológica em relação aos pais, isto é, permite pensar-se como é, pensar a relação com os pais e reflectir sobre as diferenças que existem em relação a eles. O desenvolvimento sócio-cognitivo é uma condição da capacidade do adolescente ter uma autonomia independente sabendo coordenar e negociar as suas necessidades com as necessidades de outra pessoa.

Hoffman (1984), baseado na teoria de Blos, conceptualizou o processo de separação psicológica dos pais no fim da adolescência onde distinguiu e operacionalizou várias dimensões. Foram considerados dois aspectos relativamente independentes na separação

psicológica: um aspecto interpessoal (independência funcional, independência emocional e independências ideológica) e outro aspecto psíquico (independência conflitual).

A independência funcional corresponde à capacidade de o adolescente resolver os seus próprios assuntos sem ajuda das figuras parentais; a independência ideológica corresponde às diferenças nas atitudes, valores e crenças entre o adolescente e os pais; a independência emocional corresponde a uma relativa liberdade do adolescente relativamente à necessidade excessiva de aceitação, proximidade e apoio emocional dos pais; e a independência conflitual corresponde à capacidade de o adolescente não sentir uma culpabilidade excessiva ou demasiada ansiedade face aos conflitos inerentes ao processo de separação das figuras parentais e portanto não desenvolver ressentimentos em relação a estes. Um adolescente com baixa independência conflitual vive o seu processo de aquisição de independência em relação aos progenitores com culpabilidade e conflitos de lealdade que podem provocar zangas e ressentimentos (Dias & Fontaine, 2001).

Hoffman, em 1984, concluiu que adolescentes com elevados níveis de independência conflitual revelavam uma melhor adaptação académica e uma melhor adaptação pessoal, especialmente nas relações amorosas. Por outro lado, adolescentes com níveis elevados de independência emocional e independência ideológica também revelam uma melhor adaptação académica.

Steinberg e Silverg (1986), operacionalizaram de forma diversa o conceito de autonomia em relação aos pais. O seu estudo, também seguindo a teoria de Blos, sobre o processo de separação-individualização na adolescência, abandona as dependências e concepções infantis face aos pais. Deste modo, os autores construíram um questionário de avaliação da autonomia emocional, de onde se destacam quatro escalas: *independência em relação aos pais*, (ou seja, a capacidade de resolver os seus próprios problemas sem ajuda dos pais); *percepção dos pais como pessoas* (ou seja, a compreensão por parte do adolescente de que os pais se comportam, eventualmente, de maneira diferente quando ele não está presente); *desidealização dos pais* (isto é, a percepção de que os pais são onnipotentes ou perfeitos); e *individualização* (definida pelos autores como a capacidade de manter uma parte de si próprio privada e secreta em relação aos pais) (Dias & Fontaine, 2001).

Steinberg e Silverg (1986), clarificam o conceito de autonomia definindo-o como o sentimento subjectivo da auto-confiança Os autores a e de auto-gestão. O estudo foi realizado com 865 adolescentes onde foram avaliados três aspectos da autonomia: a autonomia

emocional, resistência à pressão dos pares e sentido subjectivo de auto-confiança. No que respeita à autonomia emocional, os autores verificaram que a adolescência é marcada pela perda da dependência parental, com conseqüente dependência com os pares. Verificaram existir diferenças de género, as raparigas com resultados mais elevados em todos os aspectos da autonomia. Em 1987, os mesmos autores verificaram que o desenvolvimento emocional é especialmente difícil para o pai, em comparação com a mãe, porque é considerado como o sinal da saída de casa.

Em suma, existem várias conceptualizações conforme referido por Dias e Fontaine (2001), sobre as dimensões da separação psicológica em relação às figuras parentais.

Da revisão da literatura, optou-se pela conceptualização de Hoffman pelo facto de julgarmos especialmente relevantes as dimensões que o autor referencia tendo em conta a idade do adolescente aquando da entrada da vida académica.

Relativamente aos diferentes estudos que utilizam o conceito de separação psicológica das figuras parentais, descritos no enquadramento teórico, optámos por utilizá-los no capítulo da discussão dos resultados por nos parecer mais pertinente, estruturante e enriquecedor para a discussão dos resultados do nosso estudo.

Em suma, na fundamentação teórica do trabalho, desenvolvemos genericamente os conceitos de adolescência, compreendendo-a não só como período de desenvolvimento mas como um processo de separação-individualização das figuras parentais, focámos também a importância das interacções familiares e das suas influências no adolescente, nomeadamente, os modelos de educação parental e os estilos educativos parentais. Por último, conceptualizámos, na perspectiva de diferentes autores a separação psicológica das figuras parentais.

**PARTE II**

**ESTUDO EMPÍRICO**

## **Capítulo IV**

### **Metodologia da investigação**

Se até aqui se deu relevância aos aspectos que podem fundamentar a problemática deste estudo, torna-se agora necessário delinear o caminho que nos permita avançar para a análise de uma realidade, dando um sentido de aplicabilidade ao enquadramento teórico desenvolvido.

A investigação revela-se cada vez mais como essencial para o avanço do conhecimento científico sobre determinada área ou tema e, desta forma, induz novas investigações quando, sobre estas, permite acrescentar e ampliar os conhecimentos e as teorias existentes (Polit & Hungler, 1995).

De acordo com Gil (1999, p. 147) a parte mais complexa na redacção de um projecto de pesquisa é constituída pela especificação da metodologia a ser adoptada, definindo metodologia como sendo “um processo racional para chegar ao conhecimento ou à demonstração da verdade e onde os assuntos têm uma ordem lógica”. Neste contexto, consideramos condição fundamental num estudo deste tipo o recurso a uma metodologia rigorosa e bem definida.

A metodologia permite uma referência ao problema em estudo e respectiva operacionalização, a definição da estratégia de investigação empírica a utilizar, a selecção da amostra que pretendemos estudar, a descrição e análise dos instrumentos que utilizamos, assim como os procedimentos adoptados para dar consecução ao plano.

Daí que, na realização deste trabalho, se tenha tido a preocupação de efectuar uma revisão bibliográfica seleccionando os conteúdos e os autores que nos pareceram mais pertinentes para este estudo, não só do ponto de vista do seu enquadramento teórico inicial mas, igualmente, da sua contribuição para a análise e discussão dos resultados encontrados.

Para dar resposta aos objectivos por nós formulados, elaborámos o seguinte plano metodológico:

- O problema em estudo;
- Tipo de estudo;
- Objectivos específicos e hipóteses em estudo;
- Operacionalização das variáveis;
- Instrumentos de recolha de dados;
- População e amostra;

- Tratamento estatístico.

#### 4.1. – Problema

Um problema será relevante em termos científicos se conduzir à obtenção de novos conhecimentos (Gil, 1999). A revisão de literatura efectuada permite considerar a necessidade de mais estudos incidindo sobre a separação psicológica dos adolescentes face às figuras parentais.

Pretendemos, com este estudo, avaliar a separação psicológica dos adolescentes relativamente às figuras parentais e relacioná-la com os estilos educativos (percepção que os filhos têm relativamente às práticas educativas dos pais) e com variáveis sócio-demográficas (a idade, o género, a proveniência, ter ou não irmãos, o lugar ocupado na fratria e a profissão dos pais).

A separação psicológica é considerada uma tarefa desenvolvimentista do adolescente. Uma das tarefas importantes na adolescência é a construção progressiva da autonomia, não só no que diz respeito a ambos os pais (separação psicológica), mas também a outras dimensões significativas. Embora seja um processo complexo, contraditório e cheio de obstáculos, é indispensável para que os adolescentes entrem no mundo dos adultos com uma certa maturidade, que lhes permita enfrentar novas situações e/ou tarefas com que se vão deparar (Ferreira & Nelas, 2006).

Estudos sobre os estilos educativos mostram que qualquer dos “extremos educativos” (pais autocráticos ou permissivos) pode significar dificuldades acrescidas ao adolescente causando alguns desequilíbrios, nomeadamente, filhos dependentes relativamente às figuras parentais. Por outro lado, o estilo democrata (pais que se interessam pela vida dos filhos, discutem com eles decisões a tomar e onde existe definição clara dos limites) gera nos adolescentes sentimentos de maior competência social, autonomia e independência (Linares, Pelegrina & Lendinez, 2002).

A separação psicológica, de acordo com a literatura consultada, parece aumentar com a idade dos adolescentes. Lapsley, Rice e Shadid (1989), num estudo realizado com estudantes universitários, verificaram que os “caloiros” ou primeiros anistas revelaram maior dependência psicológica que os outros estudantes de anos mais avançados, mas em apenas cinco das oito dimensões de separação (Almeida et al., 1996).

Também foram encontradas diferenças em adolescentes de ambos os sexos, num estudo de Lopez, Campbell e Watkins (1986). Estes autores constataram índices de separação psicológica nas várias dimensões do “Psychological Separation Inventory” (PSI), maiores entre os universitários do sexo masculino do que entre universitários do sexo feminino (Almeida et al., 1996).

No que diz respeito ao nível sócio-económico, que no nosso estudo corresponde apenas à profissão dos pais, encontramos um estudo de Steinberg e Silverberg (1986), referindo que o nível sócio-económico elevado favorece a autonomia em relação aos pais.

No que se refere ao lugar ocupado na fratria e à proveniência do adolescente (meio rural ou meio urbano) não encontramos estudos, mas pensamos poder existir alguma relação entre estas variáveis e a separação psicológica das figuras parentais.

Para o nosso estudo foi escolhida a fase final da adolescência e a entrada no ensino superior porque, apesar de grande parte dos adolescentes viverem o período da desidealização durante o ensino secundário, existem outros que com o ingresso no ensino superior é que experienciam este confronto com a realidade. Estas tarefas desenvolvimentais podem passar despercebidas até ao final dos estudos secundários porque o adolescente vive num ambiente mais protegido, tanto pela maior protecção parental como pelas menores exigências sociais. A entrada no ensino superior implica mudanças relacionais, exigência de trabalho e maior competitividade fazendo assim despoletar dificuldades desenvolvimentais até aí latentes e ou o surgir de comportamentos problema (Dias & Fontaine, 2001).

A este propósito, Matos (2006) refere que a existência de idades transacionais que envolvem modificações ecológicas e estruturais como são exemplo a saída de casa e o ingresso no ensino superior podem constituir factores de risco com implicações na qualidade de vida dos indivíduos. Deste modo, justifica-se a pertinência de conhecer a influência de factores, como por exemplo os estilos educativos dos pais e variáveis sócio-demográficas (idade, género, proveniência, ter ou não irmãos, o lugar ocupado na fratria e a profissão dos pais) na separação psicológica das figuras parentais nos adolescentes, que estão numa idade transacional e por isso de eventual risco.

#### 4.2. – Tipo de estudo

A pertinência de um método de análise não pode ser julgado noutras bases que não as do seu ajustamento à situação em causa, donde é fundamental, para um plano de pesquisa, a sua explicitação. Este plano implica a estruturação de um conjunto de aspectos que, articulados entre si, permitem a obtenção de respostas às hipóteses formuladas.

O desenvolvimento de uma pesquisa exige, antes de mais, um planeamento global e um plano específico para recolha e análise dos dados.

Depois de enunciada a problemática e a área específica a investigar, passamos à descrição do tipo de estudo.

Trata-se de um estudo do tipo transversal, quantitativo, descritivo e correlacional. O estudo correlacional propriamente dito tem como principais características: 1) o facto das variáveis relativas ao fenómeno estudado serem seleccionadas em função de um quadro teórico e da variação ou da mudança que podem exercer umas sobre as outras; 2) comportar hipóteses quanto à natureza das relações previstas entre as variáveis, 3) utilizar métodos de recolha de dados harmonizados, de forma a permitir análises quantitativas, compreendendo estatísticas da correlação, com a finalidade de testar as hipóteses formuladas sobre a força das relações entre as variáveis independentes e dependentes (Fortin, 2000).

#### 4.3. – Objectivos

Decorrendo das questões de investigação levantadas, os objectivos do presente estudo são os seguintes:

- Conhecer a separação psicológica das figuras parentais nos adolescentes nas diferentes independências, separadamente para o pai e para a mãe;
- Descrever a percepção que os adolescentes têm sobre os estilos educativos dos pais;
- Verificar a relação existente entre a separação psicológica das figuras parentais nos adolescentes e a percepção que têm sobre os estilos educativos dos pais;
- Verificar a relação existente entre a separação psicológica das figuras parentais nos adolescentes e variáveis sócio-demográficas.

#### 4.4. – Hipóteses

Da revisão da literatura, anteriormente desenvolvida, recolheram-se algumas premissas em que assentam as hipóteses formuladas.

De acordo com a literatura, são numerosos os factores que influenciam a separação psicológica das figuras parentais, nomeadamente os estilos educativos e os factores sócio demográficos (idade, género, proveniência, ter ou não irmãos, o lugar ocupado na fratria e a profissão dos pais). Para analisar se existe relação entre a separação psicológica das figuras parentais e essas variáveis, formularam-se as cinco hipóteses seguintes:

- H1 - Existe diferença estatisticamente significativa entre a separação psicológica das figuras parentais segundo o género do adolescente;
- H2 - Existe diferença estatisticamente significativa entre a proveniência regional do adolescente e a separação psicológica das figuras parentais;
- H3 - Existe diferença estatisticamente significativa entre o adolescente ter ou não ter irmãos e a separação psicológica das figuras parentais;
- H4 - Existe diferença estatisticamente significativa entre a separação psicológica das figuras parentais segundo o lugar que o adolescente ocupa na fratria;
- H5 - Existe relação estatisticamente significativa entre a percepção que os adolescentes têm dos estilos educativos e a separação psicológica das figuras parentais.

#### 4.5. – Variáveis

As variáveis são constituídas por conceitos. Estes conceitos têm definições gerais que é necessário esclarecer de forma precisa. Por isso, o investigador deve operacionalizá-los, dando-lhes um sentido facilmente observável, que permita avaliar e medir. A descrição operacional das variáveis deve conter construções teóricas e justificar a adequação dos instrumentos utilizados.

As variáveis estudadas são identificadas desde que se define o problema, contudo, é necessário levar a variável de um nível abstracto a um plano operacional, com o objectivo de concretizar ao máximo o seu significado no estudo.

*Variável dependente*Separação psicológica das figuras parentais nos estudantes

A abordagem clássica do desenvolvimento psicológico do adolescente assenta em várias concepções teóricas, com particular destaque para as psicanalíticas, nomeadamente, as de Freud, Erikson, Mahler e Blos.

Estas teorias consideram como principais tarefas desenvolvimentistas do adolescente a separação psicológica face às figuras parentais e a construção de uma identidade pessoal. A separação é encarada como uma condição necessária para adquirir autonomia e independência, pressupondo a quebra e desvalorização do vínculo afectivo entre pais e filhos.

Blos (1979), conceptualizou esta tarefa desenvolvimentista através de um processo de separação-individualização existente na adolescência e que permite a consolidação do ideal do ego e da identidade sexual. A separação psicológica é, assim, uma condição para a construção da autonomia podendo ser considerada como uma das dimensões da autonomia psicológica - a autonomia em relação aos pais (Almeida et al., 1996).

“A separação psicológica é entendida como liberdade interior para divergir com os pais sem culpabilidade nem ansiedade, e portanto liberdade de não depender incondicionalmente da aprovação deles, de modo a estabelecer uma relação mais igualitária com os progenitores” (Dias & Fontaine, 2001, p. 57).

Mais recentemente, Hoffman (1984), conceptualizou o processo de separação psicológica dos pais no fim da adolescência, baseando-se na teoria de Blos (1962, 1979), sobre a existência de um segundo processo de separação-individualização (Almeida et al., 1996).

Neste contexto Hoffman (1984), considerou quatro aspectos de separação:

- a independência funcional, que abrange os aspectos do adolescente para agir de forma independente correspondendo à capacidade de tratar dos seus próprios assuntos sem a ajuda do pai ou da mãe.
- a independência ideológica, que se refere à capacidade do adolescente de diferenciação de representações mentais do *self* e do outro, o que na adolescência

corresponde a uma diferenciação nas atitudes, valores e crenças entre o adolescente e os pais.

- a independência emocional, que abrange os aspectos emocionais da dependência da criança em relação a ambos os pais, que podem envolver sentimentos positivos de proximidade e/ou sentimentos negativos resultantes do conflito.
- a independência conflitual, que é definida como a liberdade em relação a uma culpa excessiva, ansiedade, responsabilidade, inibição, ressentimento e raiva em relação à figura paterna e à figura materna.

Na conceptualização de Hoffman (1984), consideraram-se independentemente a separação em relação à figura materna e à figura paterna, porque de acordo com as teorias psicodinâmicas e as teorias das relações familiares o processo de separação-individualização apresenta características diferentes relativamente a cada um dos progenitores (Dias & Fontaine, 2001).

Para Hoffman (1984), existe evidência empírica que apoia a relação entre uma menor separação psicológica do jovem do sexo masculino em relação à mãe (mas não ao pai) e uma maior dificuldade em estabelecer relações pré-maritais. Este autor previu que uma maior separação dos rapazes em relação à figura paterna estaria relacionada com uma maior adaptação pessoal e com um menor número de problemas no trabalho académico e nas relações amorosas.

Para o estudo do processo de separação-individualização, Hoffman (1984) desenvolveu um questionário, o “Psychological Separation Inventory” (PSI), de origem americana que permite avaliar as várias dimensões da separação psicológica em relação aos progenitores, correspondentes às quatro dimensões acima referidas.

O PSI foi adaptado para a população universitária portuguesa por Almeida et al., (1996). A versão final do “Inventário de Separação Psicológica” é um instrumento multidimensional, com boas qualidades psicométricas para avaliar a separação psicológica em relação aos pais, na população adolescente portuguesa, particularmente em jovens universitários.

A adaptação de um tal instrumento revela-se necessária, por um lado, pela importância assumida pelo processo de separação psicológica referido e realçada pelas várias correntes teóricas e, por outro lado, pela inexistência em Portugal de um instrumento de fácil aplicação para a mesma temática.

O “Inventário de Separação Psicológica” (PSI) é constituído por um subconjunto de oitenta e oito questões repartidas por oito escalas, quatro referentes à figura materna e quatro referentes à figura paterna, isto é, quarenta e quatro questões para cada figura parental.

O PSI compreende quatro escalas que teoricamente estão subjacentes ao conceito de separação psicológica: independência funcional, independência emocional, independência conflitual e independência ideológica.

Os tipos de independência em relação a cada um dos progenitores da separação psicológica parental são:

- Independência funcional (IF): capacidade de tratar dos seus próprios assuntos sem a ajuda do pai ou da mãe.

Compreende os seguintes itens: 4, 8, 12, 16, 20, 24, 28, 32, 36, 40, 44

4 – Peço conselho à minha mãe/pai quando planeio as minhas férias

8 – Decido o que fazer de acordo com o que a minha mãe/pai aprovará

12 – Não faria uma compra importante sem a aprovação da minha mãe/pai

16 – Em geral consulto a minha mãe/pai quando faço planos para um fim-de-semana fora

20 – Às vezes penso que sou demasiado dependente da minha mãe/pai

24 – Consulto a minha mãe/pai quando decido sobre um emprego em “part-time”

28 – Pergunto à minha mãe/pai o que hei-de fazer quando me encontro numa situação difícil

32 – Gosto que a minha mãe/pai me ajude a escolher a roupa que compro para ocasiões especiais

36 – Os desejos da minha mãe/pai têm influenciado a minha escolha de amigos

40 – Peço frequentemente à minha mãe/pai que me ajude a resolver os meus problemas

44 – Quando estou em dificuldade em geral peço ajuda à minha mãe/pai para me livrar de sarilhos

- Independência ideológica (II): diferenciação nas atitudes, valores, crenças entre o adolescente e os pais.

Compreende os seguintes itens: 2, 6, 10, 14, 18, 22, 26, 30, 34, 38, 42

2 - As minhas opiniões acerca do papel das mulheres são semelhantes às da minha mãe/pai

6 – As minhas opiniões acerca do papel dos homens são semelhantes às da minha mãe/pai

10 – A minha atitude para com o sexo é semelhante à da minha mãe/pai

14 – A minha atitude em relação aos doentes mentais é semelhante à minha mãe/pai

18 – As minhas crenças acerca do começo do universo são semelhantes às da minha mãe/pai

- 22 – As minhas ideias sobre a educação das crianças são semelhantes às da minha mãe/pai
- 26 – As minhas ideias acerca da igualdade racial são semelhantes às da minha mãe/pai
- 30 – As minhas crenças sobre o que acontece às pessoas quando morrem são semelhantes às da minha mãe/pai
- 34 – A minha atitude em relação à obscenidade é semelhante à da minha mãe/pai
- 38 – A minha atitude em relação à política nacional é semelhante à da minha mãe/pai
- 42 – As minhas convicções religiosas são semelhantes às da minha mãe/pai

- Independência emocional (IE): relativa liberdade em relação à necessidade excessiva de aprovação, proximidade e apoio emocional dos pais.

Compreende os seguintes itens: 3, 7, 11, 15, 19, 23, 27, 31, 35, 39, 43

- 3 – Quando estou longe de casa às vezes telefono só para ouvir a voz da minha mãe/pai
- 7 – Depois de ir passar as férias com a minha mãe/pai tenho dificuldade em deixá-la
- 11 – Quando vou a casa de férias gosto de passar a maior parte do tempo com a minha mãe/pai
- 15 – Tenho saudades se estou muito tempo longe da minha mãe/pai
- 19 – Estar longe da minha mãe/pai faz-me sentir só
- 23 – Gosto de abraçar e beijar a minha mãe/pai
- 27 – A minha mãe/pai é a pessoa mais importante do mundo para mim
- 31 – Gosto de mostrar a fotografia da minha mãe/pai aos meus amigos
- 35 – A minha mãe/pai é a minha melhor amiga
- 39 – Julgo ter uma relação mais próxima com a minha mãe/pai do que a maioria das pessoas da minha idade
- 43 – Quando estou longe sinto-me culpado(a) se não escrevo com frequência suficiente à minha mãe/pai

- Independência conflitual (IC): liberdade em relação a uma culpa excessiva, ansiedade, responsabilidade, inibição, ressentimento e raiva em relação ao pai e à mãe.

Compreende os seguintes itens: 1, 5, 9, 13, 17, 21, 25, 29, 33, 37, 41

- 1 – Sinto-me constantemente em guerra com a minha mãe/pai
- 5 – Gostava que a minha mãe/pai não tentasse manipular-me
- 9 – Estou muitas vezes zangado com a minha mãe/pai
- 13 – Culpo a minha mãe/pai dos muitos problemas que eu tenho
- 17 – Fico irritado quando a minha mãe/pai me critica
- 21 – Por vezes a minha mãe/pai é um peso para mim
- 25 – Sinto que tenho obrigações para com a minha mãe/pai que gostava de não ter

- 29 – Gostava que a minha mãe/pai não fosse tão excessivamente protectora
- 33 – Por vezes a minha mãe/pai é para mim uma origem de embaraço
- 37 – Desejava que a minha mãe/pai não tentasse que eu tomasse o partido dela
- 41 – Desejo muitas vezes que a minha mãe/pai me trate mais como um(a) adulto(a)

Esta variável é apresentada em questões de resposta fechada, com escala de concordância tipo *Likert*, de 1 a 4, em que 1 corresponde a “...concordo inteiramente...”, 2 corresponde a “...concordo...”, 3 corresponde a “...discordo...” e 4 corresponde a “...discordo inteiramente”). O valor 4 corresponde ao grau mais alto de independência e 1 ao mais baixo. Para cada escala os valores individuais são somados num único valor global que varia, entre um valor mínimo de 11 e um valor máximo de 44, sendo considerado o grau de independência tanto maior quanto maior o valor global.

As quatro dimensões da separação psicológica conceptualizadas por Hoffman parecem ter subjacente, segundo alguns autores, duas dimensões distintas do processo de separação-individualização. De acordo com algumas investigações utilizando o PSI, a ansiedade associada às emoções negativas de zanga, ressentimento, conflito, relativas à separação, isto é, a dependência conflitual, tem uma importância maior para a adaptação global dos jovens do que as independências funcional, emocional e ideológica em relação aos pais (Hoffman & Weiss, 1987; Lapsley, Rice & Shadid, 1989; Lopez, Campbell & Watkins, 1986, 1988, 1989 cit. in Almeida et al., 1996).

### *Variáveis independentes*

As variáveis independentes são variáveis que afectam outras variáveis, correspondendo a suspeitas de causas do problema que estamos a investigar.

Considerando a problemática, os objectivos explicitados e as hipóteses de investigação, desde logo se constata que as variáveis independentes se subdividem em dois grandes grupos: as de natureza educativa e as de natureza sócio-demográfica.

No que diz respeito à variável de natureza educativa é a percepção dos adolescentes relativamente aos estilos educativos parentais, quanto às variáveis de natureza sócio-demográficas são: a idade do adolescente, o género do adolescente, a proveniência (meio rural/meio urbano) do adolescente, o adolescente ter ou não irmãos, o lugar do adolescente ocupado na fratria e a profissão dos pais.

### Estilos educativos parentais (versão para filhos)

Para avaliar a percepção do estudante em relação aos estilos educativos dos pais foi utilizada a “Escala de Estilos Educativos Parentais” (versão para filhos) - elaborada por Oliveira (1994) que compreende vinte e dois itens. Para este estudo optou-se pela versão reduzida da mesma escala com treze itens.

Dos estudos realizados merece ser destacado o trabalho de sistematização e de elaboração dos conhecimentos prévios levado a cabo por Schaefer (1959, 1961), o qual, ainda hoje, constitui uma referência básica (Fleming, 1993; Oliveira 1994).

O instrumento foi validado na população portuguesa, numa amostra de adolescentes de ambos os sexos (344), com média de idades de 19 anos a frequentar escolas do ensino secundário (218) e o ensino universitário (126).

Este instrumento de avaliação tem por finalidade inventariar e sistematizar um conjunto de estudos que indicam que a maior parte dos conceitos desenvolvidos nas duas décadas passadas para descrever os tipos de pais podem ser reduzidos a duas dimensões bipolares, designadas por «autonomia vs. controlo» e «amor vs. hostilidade». A dimensão de «amor vs. hostilidade», também definida por Schaefer pela designação de «aceitação vs. rejeição», reflecte percepções de pais afectuosos, que valorizam e dão um suporte emocional em oposição às percepções de pais negligentes e com tendência para rejeitarem e abandonarem os filhos. A dimensão da «autonomia vs. controlo» reflecte percepções de pais que permitem ao filho ter um desenvolvimento diferenciado dos pais, em oposição às percepções de pais que colocam restrições e limites ao seu comportamento (Fleming, 1993).

Este instrumento bidimensional tem merecido um vasto consenso entre os especialistas desta área, em consequência da similitude dos resultados que tem sido encontrados, tanto nos estudos realizados pelo próprio Schaefer como por outros autores, a partir de diferentes dados e utilizando diferentes metodologias de tratamento dos dados (Schaefer, 1959; Zuckerman et al., 1958; Roe, 1957; Slater, 1962; Schaefer, 1965, cit. in Fleming, 1993).

Segundo Oliveira (1994), citando Schaefer, grande parte da variabilidade dos comportamentos parentais é explicada por estes quatro factores: hostilidade, amor, controlo e autonomia. De acordo com o modelo de Schaefer, e pela conjugação destes factores, obtemos fundamentalmente quatro estilos educativos em “circular”:

- democrático: na conjugação da autonomia com o amor;
- indulgente, permissivo ou proteccionista: na conjugação do controlo com o amor;
- autoritário: na conjugação do controlo com hostilidade;
- negligente, indiferente ou rejeitador: na conjugação da autonomia com hostilidade.

O primeiro e o terceiro estilos educativos (democrático/ autoritário) dizem mais respeito à dimensão do poder e o segundo e o quarto (indulgente/ negligente) dizem mais respeito à dimensão afectiva.

O estilo democrático é caracterizado pelo diálogo entre pais e filhos onde é exigido o respeito pelas regras (que não são imutáveis, podendo ser mudadas de comum acordo). Os pais estimulam a expressão de desejos e emoções, são controladores mas também calorosos. Incentivam a autoconfiança, a segurança e a maturidade.

O estilo indulgente é o oposto do autoritário e caracteriza-se pela ausência de regras. Os pais apresentam comportamentos ambíguos e incoerentes, por um lado não utilizam o poder para atingir os seus objectivos, por outro podem ser violentos quando perdem o controlo da situação. São mais ou menos calorosos, pouco exigentes e podem causar nos filhos falta de autocontrolo e autoconfiança levando-os a ser muito dependentes e sobreprotegidos.

No estilo autoritário os pais exigem obediência cega, valorizando o respeito pela ordem e pela autoridade punindo com castigos quando as regras são infringidas. São controladores, pouco calorosos e demasiado punitivos causando nos filhos descontentamento, insegurança, submissão ou revolta.

No estilo negligente os pais não exigem responsabilidade aos filhos mas também não encorajam a independência. São frios, inacessíveis e indiferentes, recorrendo muitas vezes ao castigo no caso do filho incomodar. Os filhos tornam-se tristes, frustrados, inseguros, desorientados, podendo cair facilmente na delinquência.

Não existem estilos educativos puros, embora haja em muitos pais predomínio de um ou outro estilo, pelo menos em determinadas situações (Baumrind, 1971).

Teoricamente, o estilo democrático é o ideal pois existe uma interacção entre a capacidade de resposta e de exigências levando a um desenvolvimento harmonioso da criança (Oliveira, 1994).

Neste enquadramento surge esta escala de Oliveira (1994) em versão reduzida com treze itens:

- 1 - Na minha educação, os meus pais são mais compreensivos que rigorosos
- 2 - Os meus pais aceitam a minha maneira de ser
- 3 - Quando os meus pais me proibem alguma coisa, explicam-me a razão
- 4 - Os meus pais protegem-me dos perigos
- 5 - Os meus pais aceitam que eu lhes chame a atenção
- 6 - Os meus pais amam-me verdadeiramente
- 7 - Os meus pais são capazes de todos os sacrifícios por mim
- 8 - Os meus pais dão-me liberdade
- 9 - Os meus pais respeitam as minhas ideias
- 10 - Os meus pais toleram as minhas fraquezas
- 11 - Se fosse preciso os meus pais, estariam dispostos a dar a vida por mim
- 12 - Os meus pais na minha educação, usam mais a razão que a força
- 13 - Os meus pais são meus amigos

Os itens 1, 2, 3, 5, 8, 9, 10 e 12 pertencem ao primeiro factor (*score* máximo de autonomia = 40)

Os itens 4, 6, 7, 11 e 13 pertencem ao segundo factor (*score* máximo de amor = 25).

Segundo Oliveira (1996), o autor da “Escala de Estilos Parentais”, um alto *score* em autonomia e em amor indica um estilo educativo democrático, um baixo *score* em autonomia e alto em amor aponta para um estilo educativo indulgente ou permissivo, um baixo *score* em autonomia e baixo em amor revela um estilo educativo autoritário e um alto *score* em autonomia e baixo em amor mostra um estilo educativo negligente.

Quadro 3 – Estilos educativos parentais.

Estilos Educativos Parentais	Dimensões	
	Autonomia	Amor
Estilo Democrático	Alto score	Alto score
Estilo Indulgente ou Permissivo	Baixo score	Alto score
Estilo Autoritário	Baixo score	Baixo score
Estilo Negligente	Alto score	Baixo score

Fonte: Silva (2004)

Nos estilos educativos, as dimensões autonomia e amor são convergentes, inserindo-se de alguma forma uma na outra, uma vez que uma boa educação conjuga simultaneamente autonomia e amor (Oliveira, 1994).

Apesar da convergência, trata-se realmente de duas dimensões em si separáveis e distintas (uma mais de ordem afectiva – o amor – e outra mais de ordem disciplinar – a autonomia), se bem que interdependentes (Oliveira, 1994).

Da pesquisa efectuada não se verificou a existência em Portugal de nenhuma outra escala com as mesmas características psicométricas destinadas a medir o mesmo construto. Sendo assim, a “Escala de Estilos Parentais” parece adequar-se aos objectivos do nosso estudo.

Esta variável é apresentada em questões de resposta fechada, com escala de concordância tipo *Likert*, de 1 a 5, (em que 1 corresponde a “...totalmente em desacordo...”, 2 a “...bastante em desacordo...”, 3 a “...nem de acordo nem em desacordo...”, a 4 a “...bastante de acordo...” e a 5 “...totalmente de acordo”).

### Idade

Desde muito cedo sabemos que os anos da nossa vida são numerados e ocorrem uma única vez. Também se sabe que o comportamento das pessoas varia consoante a idade.

Pensamos que o passar dos anos pode ser uma determinante dos comportamentos, não somente porque há necessidade de ingressar nos papéis apropriados da idade, como também porque as mudanças na formação exigem a alteração de atitudes e autoconceitos.

Considerámos a faixa etária de 17 e 18 anos como abarcando uma fase do desenvolvimento correspondente à fase final da adolescência e onde se supõe já uma conquista de identidade existindo, naturalmente, variações de acordo com o género da amostra em estudo.

### Género

O género pode considerar-se como o conjunto de caracteres morfofisiológicos que distinguem o homem da mulher pelo que, também, os seus comportamentos são distintos, resultantes da socialização e da prática de heranças culturais, logo após o nascimento.

Ferreira (2003), mostra-nos que o género influencia na mudança de atitude e que a mulher é mais susceptível à mudança do que o homem.

### Proveniência

Relativamente à proveniência dos estudantes, isto é, o local onde residem durante o ano escolar, optámos por dois grupos, o meio rural e o meio urbano. Esta opção deve-se ao facto de considerarmos que daqui decorrem ambientes e oportunidades diferentes para os adolescentes que neles estão fixados.

Sendo Portugal um país tão pequeno, as diferenças culturais são também menores. No entanto, consideramos que possam existir diferenças, nomeadamente entre os adolescentes oriundos de meios rurais e urbanos.

### Lugar ocupado na fratria

O lugar ocupado pelo adolescente na fratria pode estar relacionado com uma melhor separação psicológica das figuras parentais.

## 4.6. – Instrumento de recolha de dados

O instrumento de recolha de dados que se desenvolveu e se apresenta é o questionário, como forma estruturada de obtenção de dados, sendo que a sua aplicação exige consistência com o objectivo que se pretende atingir.

Como todas as investigações com recurso ao questionário, a presente investigação apresenta, comparativamente a outras formas de abordagem, vantagens e desvantagens. Entre as vantagens, contam-se o permitir aceder a um elevado número de participantes, a flexibilidade e o custo razoável. Para Waltz, Strickland e Lenz (1991), o questionário é um método directo de obter informação sendo um dos procedimentos mais utilizados quando se trata de opiniões, intenções, ou de níveis de conhecimento (Gil, 1999, p. 129).

As formas de recolha dos dados são múltiplas, utilizando-se no nosso estudo o questionário, através de uma ficha de dados pessoais e duas escalas tipo *Likert*, uma para a separação psicológica das figuras parentais e outra para os estilos educativos parentais.

O instrumento de recolha de dados utilizado neste estudo (Anexo I) é um questionário de auto-preenchimento, que numa primeira parte permitiu colher dados sobre as variáveis sócio-demográficas, nomeadamente, a idade, o género, a proveniência, ter ou não irmãos, o lugar ocupado na fratria e a profissão dos pais. Esta parte foi constituída por questões fechadas, à excepção das questões “Idade” e “Profissão dos Pais”.

Na segunda parte do questionário, é utilizado o “Inventário da Separação Psicológica”, adaptado à população Portuguesa, por Almeida et al., (1996), composta por oitenta e oito itens, quarenta e quatro dos quais referentes ao pai e quarenta e quatro referentes à mãe.

Utilizámos a escala de Hoffman pelo facto de considerarmos especialmente relevantes, na fase final da adolescência, as dimensões que ele referencia.

Na terceira parte, aplicou-se a “Escala de Estilos Educativos Parentais”, elaborada por Oliveira (1994), que compreende treze itens.

#### Consistência interna das escalas

Para avaliar a fiabilidade das duas escalas utilizadas no estudo, procedemos ao estudo da sua consistência interna. Este estudo foi realizado para cada uma das dimensões através do cálculo do coeficiente alpha de Cronbach.

Como podemos verificar pelos resultados que constam do Quadro 4, os valores do coeficiente  $\alpha$ , para a mãe, variaram entre 0.777 e 0.817 e entre 0.843 e 0.893, para o pai. A maioria dos autores considera que valores de  $\alpha$  inferiores a 0.70 são reveladores de baixa consistência interna. Esta situação verifica-se em todas as dimensões pelo que podemos concluir que a consistência interna é boa ou mesmo elevada.

Comparativamente com os resultados observados por Dias e Fontaine (2001), verificamos que as diferenças são relativamente pequenas e concluímos que a escala aplicada aos elementos da nossa amostra mantém as suas propriedades psicométricas.

Na escala de estilos educativos parentais (versão para os filhos) observámos valores de 0.893 para a dimensão “autonomia” e 0.837 para a dimensão “amor” (Quadro 5). Tal como atrás referimos, estes resultados permitem-nos afirmar que também esta escala evidencia elevada consistência interna.

Quadro 4 - Coeficiente alpha de Cronbach para a escala de separação psicológica das figuras parentais (PSI)

Dimensão	Nº de itens	No estudo		Dias e Fontaine (2001)	
		$\alpha$ (mãe)	$\alpha$ (pai)	$\alpha$ (mãe)	$\alpha$ (pai)
Conflitual	11	0.777	0.843	0.876	0.864
Ideológica	11	0.800	0.848	0.845	0.873
Emocional	11	0.809	0.893	0.844	0.893
Funcional	11	0.817	0.855	0.822	0.848

Quadro 5 - Coeficiente alpha de Cronbach para a escala de estilos educativos parentais

Dimensão	Nº de itens	$\alpha$ (no estudo)
Autonomia	8	0.893
Amor	5	0.837

#### 4.7. – População e amostra

A necessidade de dados num período específico de tempo torna imperativa a utilização de uma amostra.

O presente estudo foi elaborado a partir da opinião dos estudantes de enfermagem e a sua amostra teve em conta o tipo e os objectivos do estudo, o tempo disponível para a realização do estudo, os recursos disponíveis, as características da população, (este grupo insere-se nas características dos últimos anos da adolescência e encontra-se num contexto de transição da vida académica) bem como o instrumento de recolha de dados utilizado.

A opção por estes sujeitos<sup>2</sup> deve-se ao facto de se encontrarem num período de desenvolvimento que se caracteriza por importantes mudanças a nível psicológico, social e afectivo. Neste período o estudante já adquiriu a capacidade de pensar e reflectir sobre as

<sup>2</sup> Ao longo do trabalho por vezes a identificação dos adolescentes é referida como estudantes do 1º ano do ensino superior, rapazes, raparigas, de todo o modo referimo-nos sempre ao contexto da adolescência nos seus últimos anos.

coisas ao seu redor, nomeadamente sobre os estilos educativos dos seus pais, de imaginar o futuro, de construir o seu próprio sistema de valores e de iniciar o seu processo de autonomia.

Assim, a população escolhida é constituída pelos estudantes do Curso de Licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra a frequentar o ano lectivo de 2007/2008. A escolha foi feita em função de critérios de proximidade e de facilidade de acesso à população estudantil do Ensino Superior, factor importante para a consecução desta investigação.

Neste contexto, a selecção da amostra teve em conta os seguintes critérios de inclusão: mais fácil acesso à informação; mais fácil acesso à autorização para a realização do estudo; maior proximidade geográfica; enquadramento na definição de adolescentes e frequentarem o ensino superior, o que implica outros contextos de vida. Como critérios de exclusão, considerámos os estudantes com idade superior a 19 anos inclusivé, o facto de algum dos progenitores ter falecido e filhos de mães solteiras (família monoparental, excluindo a situação de separação ou divórcio dos pais).

A selecção dos estudantes para a amostra do estudo resultou da acessibilidade e disponibilidade manifestada pelos mesmos para responderem ao instrumento de recolha de dados, ou seja, uma amostra não probabilística do tipo acidental (conveniência).

A amostra do estudo foi constituída por 190 estudantes do 1º ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem, da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra no ano lectivo de 2007/2008.

#### 4.8 - Tratamento Estatístico

Para sistematizar e realçar a informação fornecida pelos dados utilizámos técnicas da estatística descritiva e da estatística inferencial. Os dados foram tratados informaticamente recorrendo ao programa de tratamento estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Science), na versão 16.0 de 2007. As técnicas estatísticas aplicadas foram a estatística descritiva e estatísticas inferenciais:

- Frequências: absolutas (n) e relativas (%);
- Medidas de Tendência Central: média aritmética (**Error! Objects cannot be created from editing field codes.**), média ordinal (**Error! Objects cannot be created from editing field codes.**), mediana (Md) e moda (Mo);

- Medidas de dispersão ou variabilidade: desvios padrão (s);
- Coeficientes: alpha de Cronbach ( $\alpha$ );
- Testes de Hipóteses: teste U de Mann-Whitney, teste Kruskal-Wallis; teste Kolmogorov-Smirnov, como teste da normalidade.

Atendendo a que a variável central do nosso estudo, separação psicológica das figuras parentais, não verifica uma das condições exigidas para a aplicação de testes paramétricos, concretamente, não apresentarem distribuição normal, como mostram os resultados da aplicação do teste Kolmogorov-Smirnov ( $p < 0.05$ ), optámos pela aplicação de testes não paramétricos (Quadro 6). Nos testes fixámos o valor de 0.05, para o nível de significância.

Quadro 6 - Resultados do teste de normalidade

Dimensão	Mãe	Pai
	p	p
Conflitual	<b>0.016</b>	0.062
Ideológica	<b>0.006</b>	<b>&lt;0.001</b>
Emocional	0.200	<b>0.008</b>
Funcional	0.068	<b>0.021</b>

#### 4.9. – Procedimentos éticos e formais

A elaboração de um trabalho de investigação implica sempre o conhecimento de alguns princípios éticos que possam garantir e salvaguardar os direitos e a dignidade da pessoa que participa na investigação.

Segundo Fortin (2000) a ética é a ciência da moral e a arte de dirigir a conduta, é o conjunto de consentimentos e de impedimentos que têm um grande valor na vida dos indivíduos e em que estes se inspiram para guiar o seu comportamento.

Como refere Fortin (2000), o indivíduo tem poder de decidir livremente sobre a sua participação na investigação. Assim, enquanto pessoa autónoma, é convidado a fazer parte do estudo e decide voluntariamente se deseja ou não participar. O investigador, por sua vez, empenha-se em proteger o anonimato do inquirido ao longo de todo o estudo, o que compreende também a etapa de divulgação de resultados.

Assim, para a elaboração deste estudo foi por nós solicitada autorização ao Conselho Directivo da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, para podermos aplicar o nosso instrumento de recolha de dados aos estudantes do 1º ano do Curso Superior de Enfermagem (Anexo II).

Foi também previamente fornecido, em anexo ao requerimento, um modelo do questionário, bem como dado a conhecer o tema do estudo e os objectivos do mesmo. Posteriormente obtivemos resposta positiva ao nosso pedido, tendo por isso sido concedida autorização para a aplicação do instrumento de colheita de dados.

Comprometemo-nos a assegurar a participação voluntária e informada dos estudantes, garantindo o anonimato e confidencialidade.

Junto de cada questionário colocámos também algumas notas explicativas de forma a facilitar o preenchimento do mesmo por parte dos sujeitos.

## **Capítulo V**

### **Análise e apresentação dos dados**

Neste capítulo, procedemos à apresentação e análise dos dados bem como dos resultados obtidos através da aplicação do instrumento que elaborámos.

Optámos por apresentar inicialmente a análise descritiva dos dados referentes às variáveis estudadas, após a qual apresentamos a análise inferencial dos resultados das técnicas aplicadas para testar as hipóteses que formulámos.

### Análise Descritiva

A análise dos dados apresentados no Quadro 7 permite-nos verificar que os adolescentes que colaboraram no estudo apresentavam 17 ou 18 anos de idade, com percentagens de 10.0% e 90.0%. A idade média situou-se nos 17.90 anos com desvio padrão de 0.30 anos.

Na amostra estudada os adolescentes eram maioritariamente do género feminino, com uma percentagem de 83.2%.

Constatamos ainda que 52.6% dos elementos da amostra provinham de meios rurais e que 83.2% tinham irmãos.

Relativamente à posição ocupada na fratria, verificamos que dos 158 adolescentes que tinham irmãos 45.6% eram o filho mais velho, seguidos de 43.7% que eram o filho mais novo.

Quadro 7 – Distribuição dos adolescentes segundo as características sócio-demográficas

Variável	n	%
Idade		
17	19	10.0
18	171	90.0
$\bar{x} = 17.90$ $s = 0.30$ $x_{\min} = 17.00$ $x_{\max} = 18.00$		
Género		
Feminino	158	83.2
Masculino	32	16.8
Proveniência		
Meio rural	100	52.6
Meio urbano	90	47.4
Irmãos		
Sim	158	83.2
Não	32	16.8
Posição na fratria		
Filho mais novo	69	43.7
Filho mais velho	72	45.6
Filho do meio	17	10.8

Quanto à profissão do pai, verificamos a partir do Quadro 8 que 26.3% pertenciam ao grupo 5, ou seja, trabalhavam na área dos serviços ou eram vendedores, seguidos de 19.5% que pertenciam ao grupo 7 (operários, artífices e trabalhadores similares) e de 13.2% que foram inseridos no grupo 3 (técnicos e profissionais de nível intermédio). Ainda 11.6% pertenciam ao grupo 1 (quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresa) e 11.1% que tinham profissões enquadradas no grupo 8 (operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem).

Para as mães, observamos que 22.1% pertencem ao grupo 5 (pessoal dos serviços e vendedores), seguidas de 20.0% que eram domésticas, de 13.7% que tinham profissões enquadradas no grupo 7 (operários, artífices e trabalhadores similares), de 12.6% que tinham profissões do grupo 4 (pessoal administrativo e similares) e de 12.1% que tinham profissões do grupo 2 (especialistas das profissões intelectuais e científicas).

Quadro 8 – Distribuição dos adolescentes segundo a profissão dos pais.

Profissão	Pai		Mãe	
	n	%	n	%
Grupo 1	22	11.6	5	2.6
Grupo 2	12	6.3	23	12.1
Grupo 3	25	13.2	5	2.6
Grupo 4	6	3.2	24	12.6
Grupo 5	50	26.3	42	22.1
Grupo 6	3	1.6	3	1.6
Grupo 7	37	19.5	26	13.7
Grupo 8	21	11.1	1	0.5
Grupo 9	8	4.2	9	4.7
Grupo 10	2	1.1	11	5.8
Grupo 11	4	2.1	3	1.6
Grupo 12	-	0.0	38	20.0

**Legenda:**

- Grupo 1 - Quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresa
- Grupo 2 - Especialistas das profissões intelectuais e científicas
- Grupo 3 - Técnicos e profissionais de nível intermédio
- Grupo 4 - Pessoal administrativo e similares
- Grupo 5 - Pessoal dos serviços e vendedores
- Grupo 6 - Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas
- Grupo 7 - Operários, artífices e trabalhadores similares
- Grupo 8 - Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem
- Grupo 9 - Trabalhadores não qualificados
- Grupo 10- Desempregados
- Grupo 11- Reformados
- Grupo 12- Domésticas

Analisando os resultados das medidas de tendência central (média e mediana) apresentados no Quadro 9, podemos verificar que a dimensão conflitual foi aquela em que os adolescentes evidenciaram maior separação psicológica em relação à mãe e que, nas restantes dimensões, os adolescentes evidenciaram uma separação psicológica semelhante.

Como podemos constatar, a separação psicológica relativamente ao pai segue uma tendência semelhante à observada para a mãe.

Quadro 9 - Medidas descritivas observadas para a escala de separação psicológica das figuras parentais (PSI)

Progenitor	Dimensão	$\bar{f}\bar{x}$	Md	s	$X_{\min}$	$X_{\max}$
Mãe	Conflitual	32.59	32.00	4.54	21.00	43.00
	Ideológica	26.19	26.00	4.67	11.00	41.00
	Emocional	24.42	25.00	4.93	12.00	38.00
	Funcional	24.97	25.00	5.06	13.00	44.00
Pai	Conflitual	32.43	32.50	5.40	14.00	44.00
	Ideológica	27.58	27.00	5.29	15.00	44.00
	Emocional	26.64	27.00	38.08	11.00	44.00
	Funcional	28.74	29.00	5.75	15.00	44.00

Com base na escala de estilos educativos parentais e na metodologia sugerida pelos autores para a sua interpretação, verificamos no Quadro 10 que a maioria dos adolescentes, concretamente 54.7%, foi educada de acordo com o estilo indulgente/permissivo, seguindo-se 23.2% que foram educados segundo um estilo democrático e de 21.6% cuja educação foi feita segundo um estilo autoritário.

Quadro 10 – Distribuição dos adolescentes segundo os estilos educativos parentais

Estilos educativos parentais	n	%
Estilo democrático	44	23.2
Estilo indulgente/permissivo	104	54.7
Estilo autoritário	41	21.6
Estilo negligente	1	0.5

### Análise inferencial

Utilizando o teste U de Mann-Whitney, procedemos à comparação da separação psicológica das figuras parentais em função do género do adolescente (Quadro 11) com o objectivo de testar a hipótese «existe relação estatisticamente significativa entre o género do adolescente e a separação psicológica das figuras parentais». Como podemos constatar pelos resultados apresentados, existem diferenças estatisticamente significativas ( $p < 0.05$ ) em todas as dimensões, relativas à mãe e nas dimensões emocional e funcional, em relação ao pai. Comparando os valores das medidas de tendência central (média ordinal, média e mediana), podemos ainda verificar que os adolescentes do género feminino evidenciam maior separação psicológica com a mãe e com o pai, ao nível da dimensão conflitual, e que os do género masculino revelam maior separação com ambos os progenitores nas restantes dimensões. Estes resultados permitem-nos concluir que os dados corroboram a hipótese formulada, ou seja, que a separação psicológica das figuras parentais é diferente para os adolescentes do género masculino e feminino.

Quadro 11 - Comparação da separação psicológica das figuras parentais em função do género do adolescente

Progenitor	Variáveis	Género						<i>p</i>
		Masculino			Feminino			
		$\bar{x}_{ord}$	$\bar{x}$	Md	$\bar{x}_{ord}$	$\bar{x}$	Md	
Mãe	Dimensão conflitual	74.75	30.97	30.00	99.70	32.92	33.00	<b>0.019</b>
	Dimensão ideológica	119.02	28.44	28.00	90.74	25.74	25.50	<b>0.008</b>
	Dimensão emocional	127.41	27.47	26.50	89.04	23.80	24.00	<b>&lt;0.001</b>
	Dimensão funcional	138.61	29.19	29.00	86.77	24.11	24.00	<b>&lt;0.001</b>
Pai	Dimensão conflitual	89.73	32.03	31.50	96.67	32.51	33.00	0.515
	Dimensão ideológica	93.67	27.94	26.50	95.87	27.51	27.00	0.836
	Dimensão emocional	127.84	30.59	29.00	88.95	25.84	26.00	<b>&lt;0.001</b>
	Dimensão funcional	121.70	31.75	29.50	90.19	28.13	28.00	<b>0.003</b>

Procedendo de modo idêntico, testámos a hipótese «existe relação estatisticamente significativa entre a proveniência do adolescente e a separação psicológica das figuras

parentais». Os resultados apresentados no Quadro 12 permitem verificar que existem diferenças estatisticamente significativas ( $p < 0.05$ ) na dimensão conflitual, em relação à mãe, e nas dimensões conflitual e funcional, em relação ao pai. Os adolescentes que provêm de meio rural evidenciam estar mais separados psicologicamente das figuras parentais ao nível dos conflitos mas menos separados em termos funcionais.

Tendo por base estes resultados, concluímos que se confirma parcialmente a hipótese formulada.

Quadro 12 - Comparação da separação psicológica das figuras parentais em função da proveniência do adolescente

Progenitor	Variáveis	Proveniência						p
		Meio rural			Meio urbano			
		$\bar{X}_{ord}$	$\bar{x}$	Md	$\bar{X}_{ord}$	$\bar{x}$	Md	
Mãe	Dimensão conflitual	103.25	33.25	33.00	86.89	31.86	32.00	<b>0.040</b>
	Dimensão ideológica	98.90	26.50	26.00	91.73	25.86	26.00	0.369
	Dimensão emocional	94.44	24.36	24.00	96.68	24.28	25.00	0.779
	Dimensão funcional	91.41	24.53	25.00	100.04	25.46	25.00	0.279
Pai	Dimensão conflitual	105.87	33.38	33.50	83.98	31.38	31.00	<b>0.006</b>
	Dimensão ideológica	95.54	27.59	27.00	95.46	27.58	27.00	0.993
	Dimensão emocional	91.36	26.31	26.00	100.10	27.00	27.00	0.273
	Dimensão funcional	87.54	28.01	28.00	104.34	29.54	29.00	<b>0.035</b>

Também aplicando o teste U de Mann-Whitney, procedemos ao teste da hipótese «existe relação estatisticamente significativa entre o adolescente ter ou não ter irmãos e a separação psicológica das figuras parentais». Atendendo aos resultados apresentados no Quadro 13, podemos afirmar que não existe qualquer diferença estatisticamente significativa ( $p > 0.05$ ) e concluímos que os dados não corroboram esta hipótese, ou seja, a separação psicológica das figuras parentais parece não ser influenciada pelo facto do adolescente ser filho único, ou não.

Quadro 13 - Comparação da separação psicológica das figuras parentais em função do adolescente ter, ou não, irmãos.

Progenitor	Variáveis	Irmãos						p
		Sim			Não			
		$\bar{X}_{ord}$	$\bar{x}$	Md	$\bar{X}_{ord}$	$\bar{x}$	Md	
Mãe	Dimensão conflitual	96.39	32.68	32.00	91.11	32.16	32.50	0.620
	Dimensão ideológica	92.95	25.97	26.00	108.08	27.28	27.50	0.155
	Dimensão emocional	93.20	24.18	24.00	106.86	25.59	25.00	0.199
	Dimensão funcional	95.24	24.89	25.00	96.77	25.34	25.00	0.886
Pai	Dimensão conflitual	96.05	32.46	32.50	92.78	32.28	32.00	0.759
	Dimensão ideológica	92.84	27.29	27.00	108.66	29.03	28.00	0.137
	Dimensão emocional	93.49	26.40	27.00	105.44	27.81	28.00	0.261
	Dimensão funcional	95.00	28.65	28.50	97.98	29.16	29.00	0.779

Testámos a hipótese «**existe relação estatisticamente significativa entre o lugar que o adolescente ocupa na fratria e a separação psicológica das figuras parentais**» através do teste Kruskal-Wallis. Também neste caso observamos a partir do Quadro 14 que nenhuma das diferenças observadas pode ser considerada estatisticamente significativa ( $p > 0.05$ ). Este facto leva-nos a concluir que os dados não corroboram a hipótese formulada, ou seja, que a separação psicológica das figuras parentais parece não ser influenciada pela posição que o adolescente ocupa na fratria.

Quadro 14 - Comparação da separação psicológica das figuras parentais em função da posição que o adolescente ocupa na fratria.

Progenitor	Variáveis	Posição na fratria									p
		Filho mais novo			Filho mais velho			Filho do meio			
		$\bar{X}_{ord}$	$\bar{x}$	Md	$\bar{X}_{ord}$	$\bar{x}$	Md	$\bar{X}_{ord}$	$\bar{x}$	Md	
Mãe	Dimensão conflitual	80.59	32.64	33.00	79.33	32.81	32.00	75.79	32.29	32.00	0.927
	Dimensão ideológica	80.96	26.13	26.00	78.82	25.96	25.00	76.47	25.41	26.00	0.923
	Dimensão emocional	76.03	23.80	24.00	82.68	24.46	25.00	80.12	24.53	24.00	0.687
	Dimensão funcional	74.04	24.43	24.00	80.93	24.99	25.00	95.62	26.35	27.00	0.204
Pai	Dimensão conflitual	76.69	32.61	33.00	80.52	32.49	32.50	74.41	31.76	32.00	0.883
	Dimensão ideológica	73.82	26.81	26.00	84.24	27.79	27.00	82.47	27.12	27.00	0.383
	Dimensão emocional	72.99	25.52	26.00	84.19	27.00	27.00	86.09	27.41	27.00	0.284
	Dimensão funcional	78.14	28.49	29.00	76.84	28.26	28.00	96.29	30.94	29.00	0.272

De modo semelhante, procedemos ao teste da hipótese «existe relação estatisticamente significativa entre a percepção que os adolescentes têm dos estilos educativos e a separação psicológica das figuras parentais». Na comparação não foi incluído o grupo com estilo negligente por ser constituído por um único caso. Como mostram os dados apresentados no Quadro 15, existem diferenças estatisticamente significativas em todas as dimensões, quer para a mãe quer para o pai.

Analisando comparativamente os valores das medidas de tendência central, podemos concluir que os adolescentes educados segundo um estilo democrático tendem a evidenciar maior separação psicológica das figuras parentais ao nível da dimensão conflitual mas menor separação em todas as outras dimensões. Por outro lado, os adolescentes educados segundo um estilo autoritário evidenciam uma tendência totalmente oposta, ou seja, revelam menor separação psicológica ao nível conflitual e maior separação em termos ideológicos, emocionais e funcionais.

Quadro 15 - Comparação da separação psicológica das figuras parentais em função dos estilos educativos

Progenitor	Variáveis	Estilos educativos									p
		Est. democrático			Est. Indulgente permissivo			Est. autoritário			
		$\bar{X}_{ord}$	$\bar{x}$	Md	$\bar{X}_{ord}$	$\bar{x}$	Md	$\bar{X}_{ord}$	$\bar{x}$	Md	
Mãe	Dimensão conflitual	132.40	35.93	36.00	91.36	32.22	32.00	64.10	30.05	30.00	<0.001
	Dimensão ideológica	77.55	24.84	24.50	95.68	26.22	26.00	112.01	27.46	27.00	0.014
	Dimensão emocional	77.08	22.80	23.00	90.20	23.98	24.00	126.40	27.29	27.00	<0.001
	Dimensão funcional	72.03	22.86	22.50	89.63	24.62	24.00	133.27	28.20	28.00	<0.001
Pai	Dimensão conflitual	139.39	36.89	37.00	87.58	31.81	32.00	66.18	29.32	30.00	<0.001
	Dimensão ideológica	78.09	26.16	25.50	94.80	27.45	27.00	113.65	29.37	28.00	0.011
	Dimensão emocional	74.30	24.48	24.00	88.82	25.90	26.00	132.89	30.95	30.00	<0.001
	Dimensão funcional	68.26	26.02	25.00	92.98	28.55	29.00	128.83	32.29	32.00	<0.001

## **Capítulo VI**

### **Discussão dos resultados**

A discussão de resultados será sobretudo organizada em torno da teoria da separação psicológica dos adolescentes relativamente às figuras parentais e a percepção que ele tem dos estilos educativos parentais.

Considera-se o desenvolvimento adolescente numa perspectiva relacional, pressupondo que a separação psicológica e desenvolvimento da autonomia não resulta de um corte ou ruptura de vinculações anteriores, mas da transformação das relações pais-adolescentes.

### **H1 - Existe relação estatisticamente significativa entre o género do adolescente e a separação psicológica das figuras parentais**

Relativamente à primeira hipótese formulada, iniciamos esta discussão com os resultados referentes ao género feminino relativos à figura materna e à figura paterna nas diferentes dimensões da separação psicológica. Segue-se a discussão resultante ao género masculino, tendo em conta os diversos estudos realizados, maioritariamente de cariz internacional, numa sequência cronológica, focando nesta discussão estudos com referências a outros factores que possam complementá-la.

Ao considerarmos o género dos estudantes, constatámos que o processo de separação psicológica parece ser vivido de forma diferente pelos adolescentes do género feminino e masculino, evidenciando as adolescentes níveis de dependência mais elevados em relação a ambos os pais.

No que diz respeito à dimensão conflitual da separação psicológica, as adolescentes são mais independentes relativamente à mãe que os adolescentes, pois revelam um maior nível de independência. Já no que se refere ao pai não existem diferenças significativas entre os dois géneros.

Nas dimensões da separação psicológica, emocional e funcional, o género masculino apresenta maiores níveis de independência para ambos os progenitores relativamente ao género feminino, isto é as adolescentes são menos independentes com o pai e com a mãe nestas duas dimensões.

No que diz respeito à independência emocional, o resultado do estudo realizado por Steinberg e Silverberg (1986), refere que as adolescentes exibem maior autonomia emocional

do que os rapazes. Também Fleming (1993), constata que os adolescentes apresentam-se como menos independentes ou autónomos em aspectos de tomada de decisão, na resolução de assuntos e no seguir as suas próprias ideias, o que para Hoffman traduz a independência funcional.

Geuzaine, Debry e Liesens (2000), através de um estudo com 190 adolescentes (100 rapazes e 90 raparigas), vêm contrariar o que foi dito anteriormente, uma vez que estes autores verificaram existirem diferenças de género nas dimensões de independência conflitual e emocional. Os resultados indicaram que as adolescentes são emocionalmente mais dependentes da mãe e mais próximas de ambos os pais do que os rapazes.

Para ilustrar este facto, os autores evidenciaram, decorrentes dos itens que fazem parte da escala de independência emocional, que as raparigas têm mais necessidade de estarem mais próximas das mães para partilharem pensamentos, sentimentos e experiências porque referem que não se sentem confortáveis em não revelarem tais pensamentos, sentimentos e experiências às mães e ainda mais quando estão afastadas geograficamente destas, necessitando de lhes telefonar com mais frequência.

Este estudo salienta ainda que ambos os adolescentes (rapazes e raparigas) apresentam valores similares relativamente à independência emocional ao pai. Quanto a ambos os pais, o estudo salienta que as raparigas mais que os rapazes relatam maior dependência e proximidade do que os rapazes.

Relativamente aos rapazes, os autores deste estudo revelam um aspecto curioso que tem a ver com a dependência conflitual com um dos progenitores e parece estar associada regularmente com a dependência emocional ao outro progenitor, isto é, quando os rapazes estão emocionalmente próximos da figura paterna, eles desenvolvem sentimentos negativos (ansiedade, agressividade ou culpa) quando se separam das suas mães. Similarmente, quando os rapazes estão mais próximos da sua mãe, a separação com a figura paterna ocorre de uma forma mais conflituosa. Deste modo, parece difícil para os rapazes manter uma proximidade emocional com um dos progenitores sem que com isto desenvolvam sentimentos negativos relativamente ao outro. Tal facto não se verifica no género feminino (Geuzaine et al., 2000).

Da leitura que fazemos dos resultados apresentados por estes autores, comparando-os com os obtidos no nosso estudo, onde verificámos que os adolescentes do sexo masculino evidenciam valores mais baixos a nível da dimensão conflitual (valores das médias de tendência central) relativamente a todas as outras dimensões, leva-nos a conjecturar uma

situação latente relativamente ao relacionamentos destes rapazes com os seus progenitores numa fase sensível que é a vida académica, em particular quando separados geograficamente dos seus pais.

Ainda a propósito da dimensão conflitual, importa reforçar os resultados anteriores com um estudo Japonês realizado a um grupo de 730 alunos com irmãos, que mostrou o facto de existirem diferenças na educação das raparigas e dos rapazes, onde para as primeiras o ambiente emocional familiar é mais afectuoso o que leva a que os rapazes transmitam sentimentos de rejeição em particular pela figura paterna (Someya, Uehara, Kadowaki, Tang & Takahashi, 2000). Tal facto leva-nos a reflectir; mais uma vez, sobre uma maior probabilidade de existência de conflitos com os progenitores (nomeadamente naqueles que não estão tão ligados afectivamente) em particular no primeiro ano de vida académica. Neste sentido, torna-se importante que os estudantes tenham acesso a gabinetes de apoio de modo a prevenir ou colmatar possíveis situações conflituosas com os seus progenitores.

De acordo com Ferreira (2003), os resultados encontrados para os adolescentes reflectem papéis sexuais prescritos pela sociedade, isto é, desde cedo os homens são ensinados a não expressar emoções, logo, mesmo que percepcionem os pais como disponíveis, para dar suporte emocional, provavelmente não o pedem, mesmo que o necessitem.

Já na dimensão ideológica verificamos não existirem diferenças nos dois géneros relativamente à figura paterna. Quanto à figura materna, constatamos existir maior nível de independência nos pazes.

Em suma, no que diz respeito à figura materna, as raparigas são mais independentes na dimensão conflitual e menos independentes nas dimensões ideológica, emocional e funcional. Nos rapazes verificamos a situação inversa.

Relativamente à figura paterna, não se verificam diferenças nos dois géneros nas dimensões conflitual e ideológica. Nas dimensões emocional e funcional, o género masculino evidencia maiores níveis de independência que o género feminino.

Para Fleming (1993, p. 196) e de acordo com a sua investigação empírica, os rapazes desejam mais a autonomia e são mais autónomos do que as raparigas, facto que parece ter “(...) uma explicação cultural: a socialização nas sociedades ocidentais tende a fomentar a actividade e a independência nos rapazes e a passividade e a dependência nas raparigas”.

Allen e Stoltenberg (1995), através de um estudo com estudantes do primeiro ano do ensino superior, avaliaram diferenças de género na separação psicológica das figuras

parentais. Segundo os seus resultados, as estudantes recorrem mais vezes ao suporte parental, estando mais satisfeitas com a qualidade desse suporte e consideram as famílias mais coesas. Os estudantes do género masculino consideram a família como menos coesa e com baixa oferta de suporte social.

Já Lapsley, Rice & Shadid (1989), encontraram diferenças de género na separação psicológica, sendo que as adolescentes revelaram níveis de dependência de uma maneira global mais elevados do que os adolescentes. Os rapazes revelam maior independência funcional, emocional e ideológica em relação à mãe, mas manifestaram ainda maior independência emocional em relação ao pai que as raparigas.

Várias investigações demonstram a existência de diferenças de género no modo como o processo de separação das figuras parentais é vivido pelos adolescentes. Uma das explicações para essas diferenças diz respeito ao facto de os rapazes serem desde cedo impelidos a diferenciarem-se do seu primeiro objecto de amor, enquanto que, para as raparigas, tal diferenciação não é necessária. Por conseguinte, as diferenças do género podem ter origem nas tarefas desenvolvimentais diferenciadas que são impostas aos rapazes e às raparigas e que valorizam ora a autonomia ora a vinculação (Ferreira, 2003).

Soares e Campos (1988, p. 69), na revisão de literatura que realizaram sobre vinculação e autonomia na relação dos adolescentes com os pais, afirmaram que “a vinculação não impede a autonomia e a separação do jovem, bem pelo contrário, constitui uma componente-chave desse mesmo processo. Por outras palavras a autonomia parece, pois, ser construída no contexto da redefinição progressiva e de transformação das relações de vinculação do jovem”. Para terminar este ponto vale a pena reforçar, relativamente à vinculação, o que algumas investigações anteriores já apontaram. Os pais continuam a ter, enquanto figuras de vinculação, importância na vida dos seus filhos, independentemente do género dos mesmos (Wilkinson, 2004; Markiewicz, Lawford, Doyle & Haggart, 2006). Os adolescentes podem ter relações de vinculação diferentes com cada um dos progenitores sendo as mães, em particular, as que são habitualmente apontadas como a figura parental com que os adolescentes têm relações mais próximas (Baldwin, Keelan, Fehr, Enns & Koh-Rangarajoo, 1996). O nosso estudo sugere a importância da relação com ambos os progenitores para a separação psicológica.

Podemos, então, concluir que existe uma relação estatisticamente significativa entre o género do adolescente e a separação psicológica das figuras parentais.

## **H2 - Existe relação estatisticamente significativa entre a proveniência do adolescente e a separação psicológica das figuras parentais**

Verificamos apenas existirem diferenças nas dimensões conflitual relativamente ao pai e à mãe e na dimensão funcional no que diz respeito ao pai, em todas as outras não foram encontradas diferenças no local de proveniência.

Como podemos constatar, para a dimensão conflitual (figura materna e figura paterna), os adolescentes provenientes de meio rural são mais independentes que os adolescentes oriundos de meio urbano, já para a dimensão funcional (figura paterna), os adolescentes de meio urbano são os que apresentam maior nível de independência.

Da pesquisa bibliográfica realizada relativamente à variável proveniência foram escassos os estudos encontrados revelando-se um único estudo de Lamm e Keller (2007), sobre a compreensão dos modelos culturais de parentalidade e o papel de variação intercultural, sobressaindo-se a influência da proveniência em contexto rural e urbano no estilo parental e em consequência na separação psicológica dos adolescentes face às figuras parentais. Decidimos colocar na discussão desta hipótese este estudo, apesar de relacionar proveniência e estilo parental na separação psicológica porque nos parece mais adequado neste contexto.

Deste modo, este estudo revela que os pais provenientes de meio rural têm um comportamento ora autoritário ora indulgente, enquanto os provenientes de meio urbano mostraram uma atitude mais moderada e intermédia, entre os extremos autoritário e indulgente. Os adolescentes que revelavam ter pais autoritários exibiam maior dependência a nível emocional e conflitual relevando maior stress no convívio com os pais. Tendo em conta estes resultados, podemos sugerir que os adolescentes do nosso estudo provenientes de meio rural ao revelarem serem mais independentes a nível conflitual e menos independentes a nível funcional poderão ter sofrido a influência de um estilo parental mais democrático do que autoritário. Daí ainda se sentirem dependentes em termos funcionais, ou seja, a capacidade de tratar dos seus próprios assuntos fora de casa e, por outro lado, independentes a nível conflitual, isto é, independência em termos de culpabilidade e conflitos de lealdade com os progenitores.

**H3 - existe relação estatisticamente significativa entre o adolescente ter ou não ter irmãos e a separação psicológica das figuras parentais;**

**H4 - Existe relação estatisticamente significativa entre o lugar que o adolescente ocupa na fratria e a separação psicológica das figuras parentais.**

Relativamente à análise dos resultados do estudo inferencial das hipóteses 3 e 4, optámos por abordá-las em conjunto uma vez que estão relacionadas entre si.

Deste modo, como podemos verificar através da análise destas hipóteses, não é pelo facto do adolescente ter ou não irmãos que se torna mais ou menos independente psicologicamente em relação às figuras parentais. Também a posição ocupada na fratria não influencia a separação psicológica das figuras parentais, como tal, estamos em presença de hipóteses não confirmadas.

Estes dados são curiosos porque contrariam estudos que referenciam a influência da posição dos adolescentes ocupada na fratria e do investimento parental. Nomeadamente, os estudos realizados por Keller e Zach (2002), onde se verificou que tanto as mães como os pais permaneceram mais tempo junto do primogénito, sendo que esse número aumentou quando as mães interagiam com as filhas e os pais com os filhos. Contudo, quando estavam juntos, pais e mães permaneceram mais tempo com os rapazes primogénitos.

Do mesmo modo, Shebloski, Conger e Widamam (2005), avaliaram as ligações recíprocas entre tratamento parental diferenciado e auto-estima em 384 díades de irmãos adolescentes. Os resultados demonstram que a ordem de nascimento foi significativamente relacionada com a auto-estima e percepção do tratamento diferenciado de mães e pais. Assim, numa primeira análise os que não eram primogénitos não demonstraram diferenças de auto-estima na percepção do tratamento parental quando comparados com o grupo de irmãos mais velhos, os quais indicaram ter menores índices de auto-valorização.

Outro dado interessante encontrado por Shebloski et al., (2005), diz respeito à percepção do comportamento parental diferencial, em que os primogénitos foram aqueles que mais perceberam a diferença no tratamento dos pais em relação aos filhos, o que sugere que os adolescentes mais velhos têm maior propensão a observar e comparar o comportamento parental do que os adolescentes mais novos. Da mesma forma, os autores deram conta de que quando o membro mais novo da díade (de irmãos adolescentes) considerava que o seu par era o filho favorito, a sua auto-estima diminuía. Estes autores

ressaltam que, embora a percepção dos primogênitos pareça predizer o posterior tratamento parental diferencial, não se sabe se são os primeiros que utilizam estratégias específicas para influenciar os pais ou se eles são mais receptivos com os filhos mais velhos. Em contradição com os estudos que referenciam possíveis “preferências” dos pais por algum filho específico, como sugerido pelos autores supra citados, Hertwig, Davis e Sulloway (2002), já argumentavam que existe uma pretensão dos pais em investir de forma igualitária entre os filhos pois a distribuição igualitária do investimento parental reduz o risco que a linhagem familiar se extinga. No entanto, os autores discutem que é justamente essa tentativa “igualitária”, chamada pelos autores de *equity heuristic*, que gera a desigualdade do investimento entre os filhos em algumas situações e, conseqüentemente, influencia no processo de separação psicológicas face às figuras parentais. Estes dados foram sustentados pelo autor Sulloway (2007).

Deste modo, os resultados do nosso trabalho, e tendo em conta a revisão da literatura consultada, sugerem que os adolescentes obtiveram um tratamento igualitário que lhes permitiu uma separação psicológica das figuras parentais independente do facto de ter irmãos ou não e do local ocupado na fratria.

#### **H5 - Existe relação estatisticamente significativa entre a percepção que os adolescente têm dos estilos educativas e a separação psicológica das figuras parentais**

A hipótese é confirmada, isto é, existe relação estatisticamente significativa entre a percepção que os adolescentes têm dos estilos educativos e a separação psicológica das figuras parentais.

A tendência encontrada nesta hipótese é igual para ambas as figuras parentais, isto é, o que foi verificado para a mãe nas diferentes dimensões foi encontrado para o pai.

Dos quatros estilos educativos democrático, indulgente/permissivo, autoritário e negligente, verificámos que o estilo predominante é o indulgente/permissivo (baixo *score* em Autonomia e alto *score* em Amor). O estilo educativo negligente não é estudado porque apenas um elemento da nossa amostra o percepcionou, o que vai contra as conclusões de Bardagi (2002) e de Reppold (2001), que, através do estudo realizado a adolescentes evidenciou os estilos democrático e negligente como os mais frequentemente percebidos pelos adolescentes. Silva (2004), também encontrou o estilo educativo permissivo como dominante.

No que diz respeito à relação dos estilos educativos com a separação psicológica das figuras parentais, constatamos que os adolescentes com a percepção de estilo educativo parental democrático são mais independentes na dimensão conflitual (mãe e pai), do que os adolescentes com a percepção de estilo educativo parental indulgente/permisivo e autoritário. Por sua vez, os adolescentes com a percepção de estilo educativo parental indulgente/permisivo são mais independentes nesta dimensão que os de estilo autoritário.

Ainda no que se refere aos adolescentes com a percepção de estilo educativo democrático e inversamente ao que verificamos na dimensão anterior, estes são menos independentes nas dimensões ideológica (figura materna e figura paterna), emocional (figura materna e figura paterna) e funcional (mãe e pai) do que os de estilo autoritário, isto é, nestas dimensões o estilo autoritário apresenta maiores níveis de independência aos dos restantes estilos. Por outro lado, o estilo autoritário é o estilo que apresenta menor independência na dimensão conflitual (figura materna e figura paterna).

Simons e Conger (2007) constataram que a presença de díades parentais democráticas associavam-se melhor a efeitos de bem-estar nos adolescentes, influenciando no seu auto-conceito, na independência emocional e conflitual.

Também para Linares, Pelegrina e Lendínez (2002), o estilo educativo democrático (mais interativo, participativo, proporcionando regras de funcionamento, tomada de decisão e responsabilização) cria nos adolescentes sentimentos de maior competência social, autonomia e independência.

Já Ricco e Rodriguez (2006) verificaram que os pais que exibiam os estilos educativos permisivo/indulgentes apresentavam como crença que este estilo proporcionava uma melhor aprendizagem em termos de separação psicológica.

Ainda relativamente ao estilo educativo autoritário, um estudo realizado pelo *Fels Research Institute de Ohio*, concluiu que ambos os adolescentes se mostravam bastante conformistas em relação aos pontos de vista dos pais e apresentavam uma baixa auto-estima. Para além de serem altamente susceptíveis às expectativas dos outros, estes adolescentes apresentavam, também, uma tendência para considerarem falta de controlo sobre o que lhes acontecia, com a percepção de que os pais controlavam a sua vida - *locus* de controlo externo diminuído. Em sentido oposto, as famílias que estabeleciam um relacionamento afectuoso com os filhos e lhes inculciam elevados padrões de qualidade, dando-lhes apoio nesse sentido, evidenciavam maiores probabilidades de que os adolescentes tomassem consciência de que

estes na maior parte das situações, possuem as capacidades e as competências necessárias à obtenção dos resultados desejados (Fleming, 1993; Sprinthall & Collins, 2008).

Beyers e Goossens (2003), no seu estudo sobre separação psicológica e ajustamento à vida universitária, constataram que os adolescentes educados com estilo educativo parental autoritário apresentaram menor separação psicológica relativamente às figuras parentais. Outros estudos com resultados interessantes e de certa forma contraditórios realizados por Chan e Chan (2007), e Gamble, Ramakumar e Diaz (2007), perceberam que o estilo parental autoritário funcionava melhor para os adolescentes rapazes ao nível da separação psicológica na dimensão funcional, isto é, os adolescentes rapazes desempenhavam de forma mais independente as suas actividades práticas e executivas relacionadas com o seu quotidiano. Ao contrário, nas raparigas, a separação psicológica é influenciada positivamente, em particular na dimensão emocional e funcional, na presença de estilo parental democrático.

O estilo indulgente/permissivo, que foi o mais encontrado na nossa amostra, encontra-se com valores médios dos estilos opostos (estilo educativo democrático e estilo educativo autoritário).

Schwartz e Buboltz (2004) verificaram que o estilo parental onde haja uma comunicação positiva que permita ao adolescente confrontar os valores parentais resulta no desenvolvimento de uma entidade individual bem separada das figuras parentais, ou seja, os estilos parentais democrático e indulgente/permissivo permitem o desenvolvimento de uma comunicação positiva que leva a uma separação psicológica com sucesso. No nosso estudo, verificou-se uma maior separação psicológica na dimensão conflitual, cujos pais apresentavam estilo democrático em oposição àqueles com estilo parental autoritário.

## **CONCLUSÃO**

Acreditamos que este estudo é importante como apoio para a compreensão da forma como os adolescentes nos últimos anos da adolescência fazem a separação psicológica das figuras parentais e a sua percepção dos estilos educativos parentais.

Cabe a ambos os pais o dever de conduzir os filhos à autonomia. Isto implica responsabilidades que envolvem o educar, o acarinhar, o respeitar, mas também o proteger, o contrariar, cujo processo dinâmico, por vezes, se envolve de contornos conflituosos. Como em qualquer relação, é indispensável a compreensão e o amor, mantendo laços sólidos, capazes de fazer face a qualquer etapa de desenvolvimento como a que ocorre na adolescência e a que vivem os pais dos adolescentes.

A adolescência é caracterizada por uma tendência à crítica aos modelos educativos parentais, bem como pelo aumento dos conflitos entre pais e filhos. Nesse sentido, as diferenças entre as percepções de pais e de filhos e, ainda, as críticas em relação às práticas utilizadas, podem ser devidas ao processo evolutivo pelo qual os adolescentes e a própria família estão passando.

A individualização é um conceito indispensável para explicar o processo pelo qual o adolescente constrói a autonomia psicológica necessária ao seu desenvolvimento. Esse desenvolvimento processa-se a partir do núcleo familiar, que, por sua vez, deve possibilitar ao adolescente um nível óptimo de diferenciação que conduza a um equilíbrio entre separação e proximidade das figuras parentais (Ferreira, 2003).

O cenário do nosso estudo caracteriza-se por um marco decisivo na vida dos adolescentes, isto é, a entrada no ensino superior, sendo este marco considerado não como variável influente mas como cenário propício à influência de outras variáveis, de cuja multiplicidade foram somente estudadas algumas delas.

A entrada para o ensino superior implica inevitavelmente múltiplas mudanças, tornando-se para a maioria dos estudantes um momento em que é necessário conciliar motivações e interesses pessoais em novos contextos de vida, isto é, ao nível familiar, social e escolar. Por esse motivo, o período final da adolescência é, muitas vezes, acompanhado pela saída de casa dos pais, a quebra na rede anterior de suporte social, a integração num novo local, numa nova instituição, com pessoas e regras de funcionamento desconhecidas, em suma, é uma fase de novos desafios.

Simultaneamente, é pedido ao estudante que se torne autónomo e independente.

Alguns estudos sugerem que o ensino superior facilita a resolução de importantes tarefas desenvolvimentais, como sejam a consolidação da identidade, a construção da intimidade ou a aquisição de uma maior autonomia e independência (Chickering & Reisser, 1993; Pascarella & Terenzini, 1991).

Os pais podem aprender que apoiar não significa inibir o processo de construção de autonomia dos seus filhos, mas um incentivo para o desenvolvimento de interesses, ideias e valores diferentes dos seus.

As principais conclusões que podemos retirar do presente estudo, tendo em conta as hipóteses estudadas, são as seguintes:

1) Quanto à **hipótese 1**, as adolescentes são mais independentes com a mãe a nível conflitual que os adolescentes e menos independentes nas dimensões ideológica, emocional e funcional. Relativamente ao pai, e nas dimensões conflitual e ideológica, não se verificam diferenças entre os dois sexos. Já nas outras dimensões emocional e funcional verificamos que os adolescentes são mais independentes que as adolescentes. Podemos, então concluir, que existe relação estatisticamente significativa entre rapazes e raparigas e a separação psicológica das figuras parentais.

2) Relativamente à **hipótese 2**, existe relação estatisticamente significativa entre a proveniência do adolescente e a separação psicológica das figuras parentais, verificamos que se confirma parcialmente, uma vez que apenas na dimensão conflitual existe relação, isto é, os adolescentes provenientes de meio rural são mais independentes que os de meio urbano, contrariamente ao que se constata na dimensão funcional em que os adolescentes de meio urbano são mais independentes que os de meio rural.

3) Relativamente à **hipótese 3 e hipótese 4**, verificámos não se confirmar, evidenciando que os adolescentes do nosso estudo obtiveram um tratamento igualitário que lhes permitiu uma separação psicológica das figuras parentais independente do facto de ter irmãos ou não e do local ocupado pela fratria.

4) Quanto à **hipótese 5**, no que diz respeito aos estilos educativos, verificámos que o estilo educativo mais percepcionado pelo adolescente é o indulgente/permissivo que se caracteriza pela ausência de regras, em que os pais apresentam comportamentos ambíguos e incoerentes. Verificámos que existe relação estatisticamente significativa entre a percepção que os adolescentes têm dos estilos educativos e a separação psicológica das figuras parentais.

Para ambas as figuras parentais, os adolescentes que percebem o estilo democrático como dominante apresentam um nível de independência conflitual mais alto relativamente aos adolescentes que percebem os outros dois estilos (indulgent/permissivo e negligente). Para a figura da mãe, os adolescentes que percebem o estilo autoritário como dominante são mais independentes nas dimensões ideológica, emocional e funcional que os adolescentes dos outros dois estilos (indulgent/permissivo e democrático), facto que também se verifica para o pai. Os adolescentes que percebem o estilo indulgent/permissivo são os que apresentam valores médios em todas as dimensões tanto para a figura paterna como para a figura materna. Podemos, então, confirmar esta hipótese: existe relação estatisticamente significativa entre a percepção que os adolescentes têm dos estilos educativos e a separação psicológica das figuras parentais.

Em suma, salientamos do nosso estudo que os adolescentes percebem na globalidade o estilo indulgent/permissivo como dominante e, quanto à relação existente entre a separação psicológica das figuras parentais nos adolescentes e os estilos educativos parentais, verificámos existirem diferenças entre a figura materna e a figura paterna em particular na dimensão conflitual. Relativamente à relação existente entre separação psicológica das figuras parentais dos adolescentes e as variáveis sócio-demográficas, nomeadamente o género, evidenciamos que os rapazes relativamente às raparigas são mais independentes na dimensão ideológica e funcional. Quanto à dimensão conflitual, sublinha-se uma maior independência das adolescentes face à figura materna. No que diz respeito à proveniência, apenas na dimensão conflitual existe relação, isto é, ambos os adolescentes provenientes de meio rural são mais independentes que os de meio urbano.

Do ponto de vista das implicações do estudo ao nível do apoio aos estudantes do primeiro ano do ensino superior, e atendendo que estes estudantes estão numa idade transicional que envolve modificações ecológicas e estruturais (a saída de casa e o ingresso no ensino superior) e que podem constituir factores de risco com implicações na qualidade de vida destes sujeitos (Matos, 2006), compreende-se aqui a importância da abrangência da intervenção multidisciplinar quer ao nível da prevenção primária (intervir ao longo do ciclo de vida para ultrapassar as dificuldades desenvolvimentais e para que o comportamento problema não se desenvolva), da prevenção secundária (intervir para modificar o comportamento dos indivíduos que já apresentam o comportamento problema, embora não manifestem visivelmente patologia) e da prevenção terciária (intervir para modificar o

comportamento problema dos sujeitos que já manifestaram patologia, com o intuito de prevenir reincidências, atrasar o seu desenvolvimento e promover a qualidade de vida destes sujeitos (Pereira, 2006; Mateus, 2008).

Neste sentido, Pereira & Mota (2005) e Pereira et al., (2006) alertam para a necessidade de implementação de estruturas de aconselhamento psicológico no Ensino Superior, sublinhando a mais valia do trabalho pioneiro desenvolvido pelo gabinete de Aconselhamento Psicopedagógico do Serviço de Assistência Social da Universidade de Coimbra (GAP-SASUC) na promoção do bem-estar e sucesso académico.

Numa perspectiva de intervenção atempada, a partir dos resultados do nosso estudo sugerimos ao nível dos primeiros anos de escolaridade a sensibilização das figuras parentais para a influência dos seus estilos educativos na autonomia dos adolescentes e subsequente separação psicológica.

Do ponto de vista metodológico, constituíram preocupações deste estudo: ao nível da amostra, procurámos que o tamanho fosse significativo assim como a sua distribuição; na administração do questionário, respeitámos os aspectos éticos, através do pedido de autorização à Direcção da Escola para a sua utilização, e ao ser aplicado em sala de aula, foi previamente explicados aos estudantes o objectivo de estudo e solicitada a sua colaboração, garantindo total confidencialidade dos resultados; ao nível do instrumento de recolha de dados, tivemos a preocupação de escolher escalas adaptadas à população portuguesa, visando uma economia de tempo, sem prejuízo da qualidade.

Quanto aos limites deste trabalho e estratégias para os colmatar, eles situam-se ao nível da amostra, com efeitos nas conclusões que se podem retirar para a população. A amostra do género masculino é relativamente pequena, limitando o poder de comparação e, como vimos, o género é relevante no estudo. Assim, uma replicação do estudo com igual representação dos estudantes do género feminino e masculino revela-se necessário para que seja possível fazer inferências para a população.

Proceder à implementação de pesquisas longitudinais que avaliem os estudantes antes da saída de casa e durante os anos de ensino superior pode dar-nos a oportunidade de avaliar o modo pelo qual factores individuais, familiares e institucionais interagem. Estas avaliações ao longo do tempo permitem determinar com maior precisão a estabilidade ou a mudança nas relações com os pais e as suas consequências em termos de desenvolvimento.

Fazer investigação com outros grupos de adolescentes não estudantes pode ser interessante, pois permite perceber se as mudanças que ocorrem durante a frequência do ensino superior são mudanças devidas a este, ou mudanças que ocorrem como consequência do avanço da idade, e, logo, de natureza desenvolvimentista.

Além disso, para fornecer uma visão mais completa dos processos presentes nas relações parentais, estas também podem ser avaliadas tendo em conta as perspectivas dos pais.

É consensual que as investigações no campo do desenvolvimento psicossocial dificilmente reflectem uma resposta definitiva aos problemas expostos. No entanto, acreditamos que elas constituem um contributo e um incentivo à continuidade do estudo das questões apresentadas. A implementação de um futuro projecto de investigação de âmbito longitudinal, numa perspectiva desenvolvimentista, num maior número de escolas, com uma amostra maior e tendo em consideração estes e outros factores, irá permitir um melhor conhecimento dos adolescentes face à separação psicológica das figuras parentais.

Estamos certos que os resultados obtidos neste estudo podem ser facilitadores no conhecimento das tendências que existem na separação psicológica das figuras parentais dos adolescentes e de alguns factores com ela relacionado.

## **BIBLIOGRAFIA**

- Abrantes, P. (2003). Identidades juvenis e dinâmica de escolaridade. *Sociologia*, 41, 93-115.
- Abreu, M. V. (1996). Pais, professores e psicólogos. Coimbra: Coimbra Editora.
- Aberastury, A., & Knobel, M. (1988). Adolescência normal. (7ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ainsworth, M. (1990). Somme considerations regarding theory and assessment relevant to attachment beyond infancy. In *Attachment in the preschool years: Theory, Research and Intervention*. Chicago, The Chicago University Press.
- Allen, S. & Stoltenberg, C. (1995). Psychological Separation of Older Adolescents and Young Adults from Their Parents: An Investigation of Gender Differences. *Journal of Counseling e Development*, 73(5), 542-546.
- Almeida, M. J. V., Dias, G. F. & Fontaine, A. M. (1996). Separação Psicológica das Figuras Parentais em Jovens Universitários: Adaptação do “psychological Separation Inventory” de Hoffman à População Portuguesa. *Psiquiatria Clínica*, 17(1), 5-17.
- Antunes, T. (2003). *Comportamentos sexuais de estudantes do ensino superior: influencia de factores individuais e familiares*. Badajoz: Universidade de Extremadura, Departamento de Psicologia y Sociologia de la Educacion. Tese de Doutoramento. 233p.
- Antunes, T. (2007). Atitudes e comportamentos sexuais de estudantes do ensino superior. 1ª edição. Coimbra: Formasau.
- Araújo, B. R., Almeida, L. S. & Paul, M. C. (2003). Transição e adaptação académica à Escola de Enfermagem. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 5(1), 56-64.
- Avanzini, G. (1980). *O tempo da adolescência*. Lisboa: Edições 70.
- Bairrão, J. (1992). A perspectiva ecológica em psicologia da educação. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 57-68.
- Baldwin, M. W., Keelan, J.P.R., Fehr, B., Enns, V. & Koh-Rangarajoo, E. (1996). Socialcognitive conceptualization of attachment working models: Availability and accessibility effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 94-109.

- Bardagi, M. (2002). *Os estilos parentais e sua relação com a indecisão profissional, ansiedade e depressão dos filhos adolescentes*. Manuscrito não publicado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia de Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychologist Monographs*, 4 (I, Part 2).
- Baumrind, D. (1991). Parenting styles and adolescent development. In J. Brooks-Gunn, R. Lerner, & A. C. Peterson. *The encyclopedia of adolescence*. New York: Garland.
- Beyers, W., Goossens, L. (2003). Psychological Separation and Adjustment to University: Moderating Effects of Gender, Age, and Perceived Parenting Style. *Journal of Adolescence Research*, 18(4), 363-382.
- Blos, P. (1962). *Adolescência. Uma Interpretação Psicanalítica*. S. Paulo: Martins Fontes.
- Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. *The Psychoanalytic study of the Child*. Vol. XII, 162-186.
- Blos, P. (1985). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. (1ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Blos, P. (1996). *Transição adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Boal, M. E., Hespanha, M. C. & Neves, M. B. (1996). Educação para Todos. Para uma pedagogia diferenciada. *Cadernos PEPT*.
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. (1ª ed.). Lisboa: Editores Climepsi.
- Brasil, L. S, Mitsui, R. E., Pereira, A. B. & Alves, R. N. (2000). Mudanças no comportamento sexual do adolescente decorrentes do surgimento da Sida no contexto social. *Análise Psicológica, Série XVIII* (4), 465-483.
- Brook, C. G. D. (1989). *Adolescência*. Coimbra: Almedina.
- Claes, M. (1990). *Os problemas da Adolescência*. (2ª ed.). Lisboa: Editorial Verbo.
- Campos, D. M. S. (1996). *Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia*. (15ª ed.), Brasil: Vozes.
- Canavarro, M. C. S. (1999) – *Relações Afectivas e Saúde Mental: Uma abordagem ao longo do ciclo de vida*. Coimbra: Edição Quarteto.

- Chan, K. & Chan, S. (2007). Hong Kong teacher education students' goal orientations and their relationship to perceived parenting styles. *Educational Psychology*, 27(2), 157-172.
- Chickering, A. & Reisser, L. (1993). *Education and Identity* (2nd ed.). San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Cole, M. & Cole, S. (2004). *O Desenvolvimento da Criança e do Adolescente*. 4ª ed. São Paulo: Arimed Editora.
- Coleman, J. & Husen, T. (1990). *Tornar-se adulto numa sociedade em mutação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Cordeiro, J. C. D. (1979). O adolescente e a família. Uma abordagem educativa e psicoterapêutica na perspectiva familiar. Lisboa: Moraes Editores.
- Cordeiro, J. C. D. (1988). *Os adolescentes por dentro*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Costa, M. E. (1983). O adolescente e a família. In *II Jornadas Nacionais da APF*, Espinho, 1982 [Comunicações]. Lisboa: Instituto Pasteur.
- Devries, R. A.; Devries, A. P. (1985). *Adolescência - Desafio para Padres*. Editorial Paidós SAICF.
- Dias, G. F. & Fontaine, A. M. (1996). Tarefas desenvolvimentais e bem-estar dos jovens: Algumas implicações para o aconselhamento psicológico. *Cadernos de Consulta Pedagógica*, 12, 103-114.
- Dias, G. F. & Fontaine, A. M. (2001). *Tarefas desenvolvimentais e bem-estar dos jovens universitários*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Dias, C. & Bravo, A. (2002). O inferno somos nós: conversas sobre crianças e adolescentes. Lisboa: Quetzal Editores.
- Eiras, M. (1995). *Adolescência e Família – O processo de autonomia no contexto familiar*. Dissertação de Mestrado não Publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Enderle, C. (1988). *Psicologia da adolescência uma abordagem pluridimensional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Erickson, E. (1972). *Adolescence et crise: la quête de la identité*. Paris: Flammarion.
- Erikson, E. (1998). O ciclo de vida completo: Versão ampliada como novos capítulos sobre o nono estágio do desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Faria, L. & Fontaine, A. (1992). Estudo de adaptação do SDQ III a estudantes universitários portugueses. *Psychologica*, 8, 41-49.
- Faw, T. (1981). *Psicologia do desenvolvimento: Infância e adolescência*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Feldman, R. S. (2001). *Compreender a psicologia*. (5ª ed.), McGraw-Hill.
- Ferreira, I. (2003). *Adaptação e desenvolvimento psicossocial dos estudantes do ensino superior: factores familiares e sociodemográficos*. Tese de Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Ferreira, M. & Nelas, P. (2006). Adolescências...adolescentes. *Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, 32, 141-162.
- Figueiredo, E. (1985). *No Reino de Xantum. Os jovens e o conflito de gerações*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fleming, M. (1988). *Autonomia comportamental na adolescência e percepções das atitudes parentais*. Dissertação de Doutoramento em Ciências Médicas apresentada ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Fleming, M. (1983). A separação Adolescente – Progenitor. *Análise Psicológica*, 4 (III), 521-542.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e Autonomia. O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. (2ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Fontaine, A., Campos, B. & Musitu, G. (1992). Percepção das interações familiares e conceito de si próprio na adolescência. *Cadernos de Consulta Psicologia*, 8, 69-78.
- Fortin, M. (2000). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Lisboa: Lusodidacta.
- Freud, S. (1924). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (tradução da 6ª ed). Lisboa: Edições Livros do Brasil.
- Galvão, J. (2008). *Os jovens e o sexo*. Lisboa: Deplano.
- Gamble, W., Ramakumar, S. & Diaz, A. (2007). Maternal and paternal similarities and differences in parenting: Na examination of Mexican-American parents of young children. *Early Childhood Research Quarterly*, 22(1), 72-88.

- Gammer, C. & Cabié, M. (1999). *Adolescência e crise familiar*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Geuzaine, C., Debry, M. & Liesens, V. (2000). Separation from Parents in Late Adolescence: The Same for Boys and Girls? *Journal of Youth and Adolescence*, 29(1), 79-91.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ª ed. São Paulo: Atlas.
- Gleitman, H. (2002). *Psicologia*. 5ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gouveia-Pereira, M., Pedro, I., Amaral, V., Alves-Martins, M. & Peixoto, F. (2000). Dinâmicas grupais na adolescência. *Análise psicológica, Série XVIII* (2), 191-200.
- Grinberg, L. & Grinberg, R. (1998). *Identidade e Mudança*. Lisboa: Celta Editores.
- Grotevant, H., & Cooper, C. (1986a). Patterns of interactions in family relationships and the development of identity exploration in adolescence. *Developmental Psychology*, 56, 415-428.
- Grotevant, H., & Cooper, C. (1986b). Individuation in family relationships: A perspective on individual differences in the development of identity and role taking in adolescence. *Human development*, 29, 82-100.
- Hertwig, R., Davis, J. & Sulloway, F. (2002). Parental Investment: How an Equity Motive Can Produce Inequality. *Psychological Bulletin*, 128(5), 728-745.
- Hoffman, M. L. (1984). Psychological separation of late adolescents from their parents. *Journal of Counseling Psychology*, 31, 170-178.
- Keller, H.; Zach, U. (2002). Gender and birth order as determinants of parental behaviour. *International Journal of Behavioral Development*, 20(2), 177-184.
- Lamm, B., & Keller, H. (2007). Understanding Cultural Models of Parenting: the role of intracultural variation and response style. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 38(1), 50-57.
- Lapsley, D. K., Rice, K. G. & Shadid, G. E. (1989). Psychological separation and adjustment to college. *Journal of Counseling Psychology*, 36, 286-294.
- Levisky, D. L. (1998). *Adolescência reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Linares, M., Pelegrina, S., & Lendinez, J. (2002). Los estilos educativos de los padres y la competencia psicosocial de los adolescents. *Anuário de Psicologia*. 33(1), 79-94.

- Lourenço, O. M. (2002). *Psicologia do desenvolvimento moral: Teoria, dados e implicações*. 3ª edição, Coimbra: Almedina.
- Machado, C. G. (2000). O adolescente na relação interpessoal. *Cadernos de Bioética*, XI(22), 51-55.
- Mahler, M. S. (1981). La Symbiose Humaine et les Vicissitudes de L'individuation, in Dix Ans de psychanalyse en Amérique. *Anthologie du Journal of the American Psychoanalytic Association*. Paris. P. U. F.
- Marcelli, D. & Braconnier, A. (1989). *Manual de psicopatologia do adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, Lda.
- Mateus, M.L. (2008). *Motivação para o lazer, identidade vocacional e qualidade de vida em estudantes universitários*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, especialização em Psicologia do Desenvolvimento Vocacional, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Matos, M. G. (2006). Convergências da psicologia da saúde e da saúde pública. In Leal, I. *Perspectivas em psicologia de saúde*. Edições Quarteto.
- Matos, P. M. & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, XX, 97-126.
- Markiewicz, D., Lawford, H., Doyle, A. & Haggart, N. (2006). Developmental differences in adolescents “and young adults” use of mothers, fathers, best friends, and romantic partners to fulfill attachment needs. *Journal of Youth and Adolescence*, 35, 121-134.
- Mckinney, J. P., Fitzgerald, H. E. & Stommer, E. A. (1986). *Psicologia do desenvolvimento: o adolescente e o adulto jovem*. Rio de Janeiro: Editora Campus Lda, 1986.
- Mussen, P., Conger, J., Kagan, J., Huston, A. (1988). *Desenvolvimento e personalidade da criança*. 2ª edição. Editora Harbra.
- Neuenschwander, M. (2002). *Desenvolvimento e Identidade na Adolescência*. Coimbra: Editora Almedina.
- Newcombe, N. (1999). *Desenvolvimento infantil: Abordagem de Mussem*. 8ª edição, Porto Alegre: Artes Médicas.
- Oliveira, J. H. B. (1994). *Psicologia da educação familiar*. Coimbra: Livraria Almedina.

- Oliveira, J. H. B. (2002). *Psicologia da família*. Universidade Aberta: Lisboa.
- Papalia, D. E. & Olds, S. W. (2000). *Desenvolvimento Humano*. 7ª edição, Porto Alegre: Artmed Editores.
- Pascarella, E. T. & Terenzini, P. T. (1991). *How college affects students. Findings and insights from twenty years of research*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Pereira, A. S. & Motta, E. D. (2005). *Acção social e aconselhamento psicológico no ensino superior: investigação e intervenção*. Actas do Congresso Nacional. Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Pereira, A. (2006). Stress e doença. In Leal, I., *Perspectivas em psicologia da saúde*. Edições Quarteto.
- Pereira, A., Motta, E., Vaz, A., Pinto, C., Bernardino, O., Melo, A. & et al. (2006). Sucesso e desenvolvimento psicológico no ensino superior: estratégias de intervenção. *Análise Psicológica*, 1(XXIV), 51-59.
- Pereira, M. M. & Freitas, F. (2001). *Educação sexual: Contextos de sexualidade e adolescência*. 1ª edição, Porto: Edições ASA.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1995). *A Psicologia da Criança*. Porto: Edições Asa.
- Pinto, J. H. (2003). *Adolescência e escolhas: à descoberta da singularidade*. Quarteto: Coimbra.
- Polit, D. & Hungler, B. (1995). – *Fundamentos de pesquisa em enfermagem*. 3ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Preciosa, M. E. (1999). Conhecimento e percepção da sexualidade na adolescência. *Revista Informar*, 17(X), 26-29.
- Rebelo, H. M. (2002). *Discurso de pais e filhos em torno da transição para o ensino superior*. Dissertação de Mestrado Não Publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Reis, V. (1997). *Adolescência e Família*. Dissertação de Mestrado não Publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Relvas, A. P. (2000). *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica*. 1ª edição, Porto: Edições Afrontamento.
- Reppold, C. T. (2001). *Estilos parentais, auto-estima e depressão em adolescentes adoptados*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em

- psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Ricco, R. & Rodriguez, P. (2006). The relation of personal epistemology to parenting style and goal orientation in college mothers. *Social Psychology of Education*, 9(2), 159-178.
- Sampaio, D.(1993). *Vozes e ruídos: Diálogos com adolescentes*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Sampaio, D. (1994). *Inventem-se novos pais*. 4ª edição. Lisboa: Editorial Caminho.
- Sampaio, D. (2000). Sexualidade na adolescência. In Barbosa, A. & Gomes-Pedro, J. – *Sexualidade*. (pp. 79-85) Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa.
- Santos, M. R. (2002). Família e Sexualidade: narrativa e quotidiano. *Sexualidade e Planeamento Familiar*, 35, 16-19.
- Schwartz, J.P. & Buboltz, W.C. (2004). Relationship Between Attachment to Parents and Psychological Separation in College Students, *The Journal of College Student Development*, 43, 508-521.
- Segalen, M. (1999). *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar, 1999.
- Sequeira, F. (1992). A propósito da síntese da identidade na adolescência: Adolescência. *Psicologia*, 8(3), 317-322.
- Serra, A., Firmino, H. & Matos, A. (1987). Relações pais-filhos: alguns dados sobre as dimensões subjacentes. *Psiquiatria Clínica*, 8(3),127-136.
- Sheblosky, B., Conger, K. & Widaman, K. (2005). Reciprocal links among differential parenting, perceived partiality, and self-worth a three-wave longitudinal study. *Journal of Family Psychology*, 19(4), 633-642.
- Silva, I. A. L. (2004). *Estilos Educativos e Delinquência Juvenil: os efeitos da permissividade e da incoerência educativa*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Silva, T. M. C. (2007). *O jovem adulto e a sexualidade: um estudo com estudantes do curso de licenciatura em enfermagem*. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal.

- Simões, M. C. T., & Lima, L. N. (2001). Adolescência: concepções parentais e promoção da autonomia. *Psychologica*, 27, 245-274.
- Simões, M.C. T. (2002). Adolescência: Transição, Crise ou Mudança? *Psychologica*, 30, 407-429.
- Simões, M. C. T., & Lima, L. N. (2004). Adolescência: concepção dos professores. *Psychologica*, extra-série, 399-416.
- Simons, L.G. & Conger, R.D. (2007). Linking mother-father differences in parenting to a typology of family parenting styles and adolescent outcomes. *Journal of Family Issues*, 28(2), 212-241.
- Slepoj, V. (1998). *Compreender os sentimentos: para se conhecer melhor a si e aos outros*. Lisboa: Editorial Presença.
- Soares, I. & Campos, B. (1988). Vinculação e autonomia na relação do adolescente com os pais. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 4, 57-64.
- Soares, M. L. B. (2003). – Família, digo famílias.... *Cadernos de Bioética*, 33(XII), 47-56.
- Someya, T., Uehara, T., Kadowaki, M., Tang, S. & Takahashi, S. (2000). Effects of gender difference and birth order on perceived parenting styles, measured by the EMBU scale, in Japanese two-sibling subjects *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, 54, 77-81.
- Steinberg, L. & Silverberg, S. (1986). *The vicissitudes of autonomy in early adolescence*. *Child Development*, 57, 841-851.
- Sprinthall, N.E. & Collins, A.W. (2008). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista*. (4ª ed.). Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sulloway, F.J. (2007). Birth order and sibling competition. In *the Oxford Handbook of Evolutionary Psychology*, chapter 21 (pp. 297-311). Oxford: University Press.
- Tavares, J. & Alarcão, I. (1999). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. 5ª Edição. Coimbra: livraria Almedina.
- Wilkinson, R.B. (2004). The role of parental and peer attachment in the psychological health and self-esteem of adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 33, 479-493.
- Vaz, J., Cardoso, M. & Pinto, S. (1992). A adolescência segundo S. Marquez. *Psicologia*, 8(3), 323-327.

- Vilar, D. (1994). *Comunicação pais-filhos adolescentes sobre sexualidade*. In Gameiro, J., Vilar, D., Araujo, H. S., Costa, J.N.A. & Santos, N.R. - Quem sai aos Seus ...Porto: Edições Afrontamento.
- Vilar, D. G. R. (1999). *Falar Disso ...: Contributos para compreender a comunicação sobre sexualidade entre progenitores e adolescentes*. Tese de Doutoramento apresentada ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresa, Lisboa, Portugal.
- Zal, H. M. (1994). *A geração sanduíche: Entre filhos adolescentes e pais idosos*. Lisboa: Difusão Cultural.
- Schwartz, J. P. (2009). Relationship Between Attachment to Parents and Psychological Separation in College Students. *The Journal of College Student Development*. Recuperado em 23 de Julho FindArticles.com. [http://findarticles.com/p/articles/mi\\_qa3752/is\\_200409/ai\\_n9455912/](http://findarticles.com/p/articles/mi_qa3752/is_200409/ai_n9455912/)

## **ANEXOS**

## **ANEXO I**

Instrumento de Recolha de Dados

## INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS

Caro estudante,

O presente questionário surge no decurso do trabalho de investigação a desenvolver no âmbito da Dissertação do Mestrado em Psicologia Pedagógica, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Tem por objectivo conhecer a sua opinião face à separação psicológica das figuras parentais.

A informação obtida será utilizada apenas no âmbito deste trabalho, garantindo absoluta confidencialidade sobre as respostas recolhidas.

Se deixar perguntas em branco o questionário não poderá ser utilizado no estudo, pelo que solicito o preenchimento integral.

Responda a todas as perguntas com a máxima honestidade. A sua opinião é muito importante.

Obrigada pela sua valiosa colaboração,

Ana-Bela Caetano



Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: Masculino  Feminino

Proveniência: Meio rural  Meio urbano

Tem irmãos: Sim  Não

Se sim, os irmãos são:

Mais velhos   
Mais novos   
Mais velhos e mais novos

Profissão dos pais:

Pai \_\_\_\_\_

Mãe \_\_\_\_\_

### Separação Psicológica das Figuras Parentais

Relativamente a cada uma das perguntas que se seguem indique qual a sua opinião colocando um x na quadricula correspondente ao que pensa ou sente.

Questões	Discordo Inteira-mente	Discordo	Concordo	Concordo Inteira-mente
1M - Sinto-me constantemente em guerra com a minha mãe				
2M - As minhas opiniões acerca do papel das mulheres são semelhantes às da minha mãe				
3M - Quando estou longe de casa às vezes telefono só para ouvir a voz da minha mãe				
4M - Peço conselho à minha mãe quando planeio as minhas férias				
5M - Gostava que a minha mãe não tentasse manipular-me				
6M - As minhas opiniões acerca do papel dos homens são semelhantes às da minha mãe				
7M - Depois de ir passar as férias com a minha mãe tenho dificuldade em deixá-la				
8M - Decido o que fazer de acordo com o que a minha mãe aprovará				
9M - Estou muitas vezes zangado com a minha mãe				
10M - A minha atitude para com o sexo é semelhante à da minha mãe				
11M - Quando vou a casa de férias gosto de passar a maior parte do tempo com a minha mãe				
12M - Não faria uma compra importante sem a aprovação da minha mãe				
13M - Culpo a minha mãe dos muitos problemas que eu tenho				
14M - A minha atitude em relação aos doentes mentais é semelhante à minha mãe				
15M - Tenho saudades se estou muito tempo longe da minha mãe				
16M - Em geral consulto a minha mãe quando faço planos para um fim-de-semana fora				
17M - Fico irritado quando a minha mãe me critica				
18M - As minhas crenças acerca do começo do universo são semelhantes às da minha mãe				
19M - Estar longe da minha mãe faz-me sentir só				
20M - Às vezes penso que sou demasiado dependente da minha mãe				
21M - Por vezes a minha mãe é um peso para mim				
22M - As minhas ideias sobre a educação das crianças são semelhantes às da minha mãe				
23M - Gosto de abraçar e beijar a minha mãe				
24M - Consulto a minha mãe quando decido sobre um emprego em "part-time"				
25M - Sinto que tenho obrigações para com a minha mãe que gostava de não ter				
26M - As minhas ideias acerca da igualdade racial são semelhantes às da minha mãe				
27M - A minha mãe é a pessoa mais importante do mundo para mim				
28M - Pergunto à minha mãe o que hei-de fazer quando me encontro numa situação difícil				
29M - Gostava que a minha mãe não fosse tão excessivamente protectora				
30M - As minhas crenças sobre o que acontece às pessoas quando morrem são semelhantes às da minha mãe				
31M - Gosto de mostrar a fotografia da minha mãe aos meus amigos				
32M - Gosto que a minha mãe me ajude a escolher a roupa que compro para ocasiões especiais				
33M - Por vezes a minha mãe é para mim uma origem de embaraço				
34M - A minha atitude em relação à obscenidade é semelhante à da minha mãe				
35M - A minha mãe é a minha melhor amiga				
36M - Os desejos da minha mãe têm influenciado a minha escolha de amigos				
37M - Desejava que a minha mãe não tentasse que eu tomasse o partido dela				
38M - A minha atitude em relação à política nacional é semelhante à da minha mãe				
39M - Julgo ter uma relação mais próxima com a minha mãe do que a maioria das pessoas da minha idade				
40M - Peço frequentemente à minha mãe que me ajude a resolver os meus problemas				
41M - Desejo muitas vezes que a minha mãe me trate mais como um(a) adulto(a)				
42M - As minhas convicções religiosas são semelhantes às da minha mãe				
43M - Quando estou longe sinto-me culpado(a) se não escrevo com frequência suficiente à minha mãe				
44M - Quando estou em dificuldade em geral peço ajuda à minha mãe para me livrar de sarilhos				

1P - Sinto-me constantemente em guerra com o meu pai				
2P - As minhas opiniões acerca do papel das mulheres são semelhantes às do meu pai				
3P - Quando estou longe de casa às vezes telefono só para ouvir a voz do meu pai				
4P - Peço conselho ao meu pai quando planeio as minhas férias				
5P - Gostava que o meu pai não tentasse manipular-me				
6P - As minhas opiniões acerca do papel dos homens são semelhantes às do meu pai				
7P - Depois de ir passar as férias com o meu pai tenho dificuldade em deixá-lo				
8P - Decido o que fazer de acordo com o que o meu pai aprovará				
9P - Estou muitas vezes zangado(a) com o meu pai				
10P - A minha atitude para com o sexo é semelhante à do meu pai				
11P - Quando vou a casa de férias gosto de passar a maior parte do tempo com o meu pai				
12P - Não faria uma compra importante sem a aprovação do meu pai				
13P - Culpo o meu pai dos muitos problemas que eu tenho				
14P - A minha atitude em relação aos doentes mentais é semelhante à do meu pai				
15P - Tenho saudades se estou muito tempo longe do meu pai				
16P - Em geral consulto o meu pai quando faço planos para um fim-de-semana fora				
17P - Fico irritado quando o meu pai me critica				
18P - As minhas crenças acerca do começo do universo são semelhantes às do meu pai				
19P - Estar longe do meu pai faz-me sentir só				
20P - Às vezes penso que sou demasiado dependente do meu pai				
21P - Por vezes o meu pai é um peso para mim				
22P - As minhas ideias sobre a educação das crianças são semelhantes às do meu pai				
23P - Gosto de abraçar e beijar o meu pai				
24P - Consulto o meu pai quando decido sobre um emprego em "part-time"				
25P - Sinto que tenho obrigações para com o meu pai que gostava de não ter				
26P - As minhas ideias acerca da igualdade racial são semelhantes às do meu pai				
27P - O meu pai é a pessoa mais importante do mundo para mim				
28P - Pergunto ao meu pai o que hei-de fazer quando me encontro numa situação difícil				
29P - Gostava que o meu pai não fosse tão excessivamente protector				
30P - As minhas crenças sobre o que acontece às pessoas quando morrem são semelhantes às do meu pai				
31P - Gosto de mostrar a fotografia do meu pai aos meus amigos				
32P - Gosto que o meu pai me ajude a escolher a roupa que compro para ocasiões especiais				
33P - Por vezes o meu pai é para mim uma origem de embaraço				
34P - A minha atitude em relação à obscenidade é semelhante à do meu pai				
35P - O meu pai é o meu melhor amigo				
36P - Os desejos do meu pai têm influenciado a minha escolha de amigos				
37P - Desejava que o meu pai não tentasse que eu tomasse o partido dele				
38P - A minha atitude em relação à política nacional é semelhante à do meu pai				
39P - Julgo ter uma relação mais próxima com o meu pai do que a maioria das pessoas da minha idade				
40P - Peço frequentemente ao meu pai que me ajude a resolver os meus problemas				
41P - Desejo muitas vezes que o meu pai me trate mais como um(a) adulto(a)				
42P - As minhas convicções religiosas são semelhantes às do meu pai				
43P - Quando estou longe sinto-me culpado(a) se não escrevo com frequência suficiente ao meu pai				
44P - Quando estou em dificuldade em geral peço ajuda ao meu pai para me livrar de sarilhos				

### Estilos Educativos Parentais

Relativamente a cada uma das perguntas que se seguem indique qual a sua opinião colocando um x na quadrícula correspondente ao que pensa ou sente

	Totalmente em desacordo	Bastante em desacordo	Nem de acordo nem em desacordo	Bastante de acordo	Totalmente de acordo
1 - Na minha educação, os meus pais são mais compreensivos que rigorosos					
2 - Os meus pais aceitam a minha maneira de ser					
3 - Quando os meus pais me proíbem alguma coisa, explicam-me a razão					
4 - Os meus pais protegem-me dos perigos					
5 - Os meus pais aceitam que eu lhes chame a atenção					
6 - Os meus pais amam-me verdadeiramente					
7 - Os meus pais são capazes de todos os sacrifícios por mim					
8 - Os meus pais dão-me liberdade					
9 - Os meus pais respeitam as minhas ideias					
10 - Os meus pais toleram as minhas fraquezas					
11 - Se fosse preciso os meus pais, estariam dispostos a dar a vida por mim					
12 - Os meus pais na minha educação, usam mais a razão que a força					
13 - Os meus pais são meus amigos					

Obrigada pela colaboração

## **ANEXO II**

Pedido de autorização ao Conselho Directivo da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra  
para aplicação do instrumento de recolha de dados aos estudantes



## Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

## COMUNICAÇÃO INTERNA N.º

DE: Ana-Bela Jesus Roldão Caetano	
PARA: Exma Sr <sup>a</sup> Presidente do Conselho Directivo da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra	DATA: 24/09/07

Assunto: Pedido de autorização para aplicação de questionário

Sou assistente do 1º triénio na ESEnC, encontro-me a frequentar o mestrado de Psicologia Pedagógica na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Estou na fase de elaboração da dissertação e pretendo avaliar a Separação Psicológica das Figuras Parentais em Jovens a frequentar o ensino superior e relacioná-la com os Estilos Educativos Parentais. Gostaria de ter como amostra os estudantes do 1º ano do Curso de Licenciatura de Enfermagem a iniciar no ano lectivo de 2007/2008.

Assim, venho solicitar a V. Ex.<sup>a</sup> autorização para aplicar o instrumento de recolha de dados apresentada em anexo, de acordo com disponibilidades consideradas pelos coordenadores do 1º ano CLE

Respeitosamente,

Ana-Bela Caetano

Despacho

Concedido.  
 Informar os alunos  
 das Profissões de  
 Licenciados das Turmas  
 de 1º ano.

25/09/07

